



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS
À EDUCAÇÃO – GESTEC

MURILO AGUIAR DE SOUZA

PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO MEDIADAS PELAS
GEOTECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE/SE

SALVADOR – BA
2016

MURILO AGUIAR DE SOUZA

**PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO MEDIADAS PELAS
GEOTECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de Projeto de Intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC da Universidade do Estado da Bahia, vinculado ao Departamento de Educação, Campus I, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito

SALVADOR – BA
2016

S729 Souza, Murilo Aguiar
Práticas inovadoras de ensino mediadas pelas
geotecnologias: construção do atlas de Poço Verde / SE / Murilo
Aguiar de Souza.
125f. il.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito.
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação Gestão
e Tecnologias Aplicadas à Educação, Salvador, 2017.

1. Atlas – Ensino Fundamental. 2. Geotecnologias – Inovação -
Educação. I. Brito, Francisco Jorge de Oliveira. II. Universidade do
Estado da Bahia. III. Título.

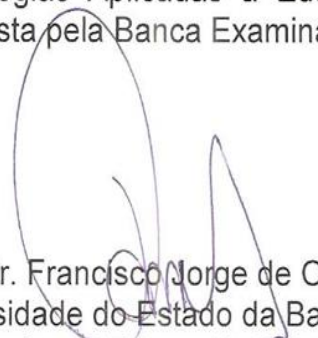
CDD: 372.89181

FOLHA DE APROVAÇÃO

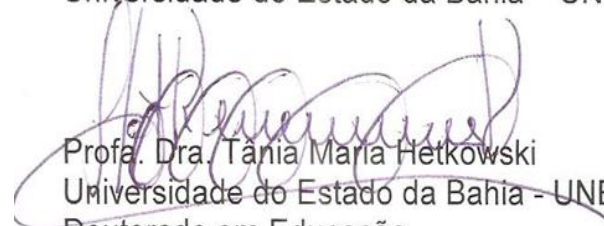
“PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO MEDIADAS PELAS GEOTECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE”

MURILO AGUIAR DE SOUZA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Scripto Sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração II – Processos Tecnológicos e Redes Sociais, em 17 de dezembro de 2016, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Profa. Dra. Tânia Maria Hetkowski
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof. Dr. Marcelo de Oliveira Faria
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA

***À minha família: mãe, pai, irmãs, esposa e
sobrinhos pelo amor recebido e, sobretudo,
por acreditarem em mim.***

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por engendrar os momentos vividos nesses dois anos de formação.

Em seguida, agradeço à minha genitora, Avani pelo amor e compreensão a mim dedicado nesses 33 anos.

Ao meu pai, Joaquim, pela perseverança em minha criação junto as minhas duas irmãs.

Às minhas irmãs, Dani e Manu, que tanto me apoiaram não me deixando desmotivar em momento algum.

À minha querida esposa Carla, que aguentou firme o período da minha formação compreendendo-me nos momentos mais difíceis.

À Raony, amigo fundamental na elaboração da proposta de trabalho aprovada pelo GESTEC.

Aos amigos Daniel, João, Mailson e Jackson que sempre incentivaram meu crescimento acadêmico e profissional.

À Amélia, professora e vizinha que tanto dedicou suas horas livres a me ensinar ler e escrever.

Ao amigo e orientador, Francisco Brito (Chico) que acreditou no meu potencial e trilhou esse caminho de mãos dadas, não desgrudando em momento algum.

Aos meus pesquisadores juniores do “Epifânio” que me proporcionou novas experiências enquanto professor/pesquisador. Pessoas que o tempo todo acreditavam estar aprendendo, quando na verdade estavam ensinando ao seu professor como fazer algo inovador e gratificante.

Aos familiares dos pesquisadores juniores que sempre reconheceram nossos esforços e se mostraram prestativos nos momentos necessários.

Aos colegas de trabalho da Escola Estadual Epifânio Dória, em especial, aos professores Auremi e Kathiúscia, que de alguma forma contribuíram para que tudo isso acontecesse.

Aos amigos conquistados no GESTEC: Paty, Antonio, Diele, Vinícius, Adelson, Marcos, em especial, Cosme pela amizade e palavras de motivação.

À professora Tânia Hetkowski pela confiança depositada a mim desde o primeiro dia que adentrei na UNEB.

A todo grupo GESTEC: grupo de apoio, secretária e corpo docente pelo comprometimento com a educação e ensino público.

Ao GEOTEC pelas discussões pertinentes nos fóruns e aplicação de teorias que ligam a universidade à escola, num ritmo frenético de teoria-prática.

À galera da Rádio: Rosangela Patrícia, Kátia Soane, Ceíça, Jordan, Icilma, Imaira, Toni e tantos outros que acreditam que a educação científica propõe práticas inovadoras de ensino e a emancipação do sujeito.

Ao professor Marcelo Faria, professor na graduação e agora peça fundamental na conquista pelo título de mestre.

Aos amigos Diogo, Júlio, Gustavo, Iure, Geraldo, Alisson, Liliane, Margarida, e outros que por ventura esqueci-me de mencionar.

Enfim, agradeço a todos que não referi aqui, mas que contribuíram direta e indiretamente para a conquista de mais esse sonho.

Muito obrigado!

RESUMO

As práticas inovadoras de ensino na educação básica têm gerado maior conotação na contemporaneidade, justamente por a escola ser um lugar potencial. A inovação, portanto, torna-se mais uma criatividade pedagógica para envolver os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Conceitos geográficos como lugar e espaço podem ser discutidos e mediados pelas geotecnologias através de práticas inovadoras. Diante disso, este trabalho desenvolvido com estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Epifânio Dória, localizada no município de Poço Verde, Sergipe, tem como objetivo analisar as potencialidades das geotecnologias como mediadoras do entendimento do espaço/lugar, a partir dos diferentes olhares dos sujeitos da pesquisa. A abordagem colaborativa-participativa faz parte do método utilizado para a construção do Atlas de Poço Verde, expressão espacial dos pesquisadores juniores. Ao longo da pesquisa desenvolvemos encontros formativos que exploraram as diferentes formas de expressar o espaço, discutimos semanalmente sobre os lugares pesquisados, além de viajarmos para a apresentação de trabalhos em eventos. Na construção do Atlas compreendemos que para expressar o espaço foi necessário antes entendê-lo. Entender o lugar é compreender o mundo, pois tanto os fragmentos quanto a totalidade desenham um espaço cada vez mais globalizado. O Atlas de Poço Verde elaborado pelos pesquisadores juniores está composto por textos, fotografias e mapas. Consideramos, portanto, que este trabalho proporcionou o entrelaçamento entre a prática e a teoria, no qual as inovações foram determinantes para os resultados, assim como a construção do Atlas foi fundamental para que os lugares dos sujeitos fossem expressos.

Palavras-chave: Atlas. Escola Estadual Epifânio Dória. Geotecnologias. Práticas Inovadoras de Ensino. Lugar.

ABSTRACT

Innovative teaching practices in basic education have generated greater connotation in contemporary times, precisely because school is a potential place. Innovation, therefore, becomes more of a pedagogical strategy to engage students in the teaching and learning process. Geographic concepts such as place and space can be discussed and brokered by geotechnology through innovative practices. Thus, this paper developed with students of Epifânio Dória State School, an Elementary School located in the city of Poço Verde, Sergipe, aims to analyze the potential of geotechnologies as a mediator of the understanding of space/place, from the different perspectives of the research subjects. The collaborative and participative approach is part of the method used to produce the Atlas of Poço Verde, spatial expression of junior researchers. Throughout the research we developed formative meetings that explored different ways of expressing space, discussed about the places that were part of this intervention proposal weekly, besides traveling to present our work in events. In the construction of the Atlas we understand that to express space was necessary before understanding it. To understand the place is to understand the world, because both the fragments and the totality design an increasingly globalized space. The Poço Verde Atlas developed by the junior researchers is composed of texts, photographs and maps. Therefore, we consider that this work provided the interweaving between practice and theory, in which the innovations were determinative for the results, just as the production of the Atlas was fundamental so that the places of the subjects were expressed.

Keywords: Atlas. Epifânio Dória State School. Geotechnology. Innovative Teaching Practices. Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Logomarca do GEOTEC	16
Figura 2: Logomarca do Projeto A rádio na escola na escola da rádio	17
Figura 3: Localização do município de Poço Verde-SE.....	42
Figura 4: Esquematização da convergência cartográfica.....	48
Figura 5: Fachada do “Epifânio”.....	52
Figura 6: Localização do "Epifânio" na cidade.....	52
Figura 7: Encontro Formativo de Técnicas em pesquisas demográficas.	61
Figura 8: Encontro Formativo de Produção Textual	62
Figura 9: Encontro Formativo de Correio Eletrônico.....	66
Figura 10: Perfil da página do grupo de e-mail do Projeto Atlas.....	67
Figura 11: Banners elaborados pelos pesquisadores juniores.	68
Figura 12: Apresentação do projeto na Feira Cultural do “Epifânio”.....	69
Figura 13: Comunidade escolar.....	70
Figura 14: Embarque para Valença.....	71
Figura 15: Praia de Taquari.....	72
Figura 16: Apresentações dos Banners no IFBA em Valença.....	73
Figura 17: Mesa redonda com os pesquisadores juniores.	74
Figura 18: Mural da Rádio.....	75
Figura 19: Encontro Formativo de História Oral	80
Figura 20: Fotografias vencedoras na atividade “A escola vista por outro ângulo” .	84
Figura 21: Encontro Formativo de Produção Textual 2	85
Figura 22: Encontro Formativo do Projeto da Rádio.....	87
Figura 23: Mobilização dos comerciantes e moradores de Poço Verde.....	89
Figura 24: Embarque para Salvador.....	90
Figura 25: Passeio turístico em Salvador	91
Figura 26: Mesa Redonda “O lugar da pesquisa na escola” (esquerda) e “Escola, sujeito e objeto: a tríade no Projeto da Rádio” (direita).	92
Figura 27: Apresentação dos banners.....	93
Figura 28: Apresentação Oral.....	94
Figura 29: Alguns pesquisadores juniores presentes no evento do CPM.	95
Figura 30: Capa do Atlas Poço de Poço.....	98
Figura 31: Varal de fotografias.	99

Figura 32: Apresentação do projeto e do Atlas.....	100
Figura 33: Apresentação na I Mostra Científica e Cultural	102
Figura 34: Premiação da I Mostra Científica e Cultural	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHOPM	Conjunto Habitacional dos Oficiais da Polícia Militar
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
CPM	Colégio da Polícia Militar
GEOTEC	Grupo de Pesquisa em Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade
GESTEC	Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
QGIS	Quantum GIS
SEED	Secretaria de Estado da Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
Unijorge	Centro Universitário Jorge Amado
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 EXPRESSÃO ESPACIAL COTIDIANA: OS LUGARES DA VIDA.....	13
1.1 OBJETIVOS.....	17
1.1.1 Objetivo Geral	17
1.1.2 Objetivos Específicos	17
1.2 A MELHOR FORMA DE CONHECER O CAMINHO É CAMINHANDO: CONSTRUINDO OS MÉTODOS DE PESQUISA.....	17
1.3 PERCURSO DOS RELATOS E DISCUSSÕES: APRESENTAÇÃO	25
2 O ENTENDIMENTO DO LUGAR E AS GEOTECNOLOGIAS	27
2.1 O CONCEITO DE LUGAR SOB A ÉGIDE DAS PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO	27
2.1.1 Espaço e lugar: conceitos e hibridismo	28
2.1.2 Práticas inovadoras de ensino: entendimento do mundo e emancipação do sujeito.....	33
2.2 CARTOGRAFIA ESCOLAR E GEOTECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE/SE.....	40
2.2.1 Geotecnologias mediando conhecimentos e saberes	41
2.2.2 Construção do Atlas: potencialidades e oportunidades no entendimento do lugar	45
3 CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE: PROJETO, ESCOLA E LUGARES	51
3.1 PROJETOS ATLAS: EXTENSÃO E INOVAÇÃO NO PROJETO A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO	53
3.1.1 Primeiro Encontro.....	54
3.1.2 Apresentação do Projeto da Rádio e exibição do filme documentário “Casulo”	56
3.1.3 Encontro com os responsáveis dos alunos	58
3.1.4 Encontro: Técnicas para pesquisas demográficas	60
3.1.5 Encontro: Produção Textual.....	62
3.1.6 Elaboração do esboço.....	64
3.1.7 Encontro: Correio Eletrônico (E-Mail).....	65
3.1.8 Construção do resumo expandido.....	67
3.1.9 Construção dos Banners	68
3.1.10 Feira Cultural Do “Epifânio”	69
3.1.11 III Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio.....	71
3.1.12 Retorno do evento em Valença-Ba	75

3.2 PROJETO ATLAS: CONTINUIDADE E AMPLIAÇÃO DAS EXPRESSÕES ESPACIAIS.....	77
3.2.1 Primeiro encontro de 2016	78
3.2.2 Encontro com os novos pesquisadores.....	79
3.2.3 Encontro: História Oral	80
3.2.3 Encontros outros	82
3.2.4 Encontro: Curso Básico de Fotografia.....	83
3.2.5 Encontro: Produção Textual 2	85
3.2.6 Encontro: Conclusão dos Textos.....	86
3.2.7 Encontro: Projeto da Rádio	87
3.2.8 Mobilização para viagem.....	88
3.2.9 IV Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio.....	90
3.2.10 Retorno do evento do CPM em Salvador	95
3.2.11 Construção do Atlas de Poço Verde	97
3.2.12 Lançamento do Atlas de Poço Verde	99
3.2.13 I Mostra Científica e Cultural do Ensino Médio	101
4 CONSIDERAÇÕES: FINAIS OU INICIAIS?	105
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE	112

1 EXPRESSÃO ESPACIAL COTIDIANA: OS LUGARES DA VIDA

Início o presente trabalho ressaltando a importância dos lugares em minha vida. Todos os momentos vividos por mim ocorreram em algum lugar, sejam eles momentos bons ou ruins o fato é que se tornaram lugares, pela relação que desenvolvi nesses espaços. Ao descrever o caminho profissional, é possível esquecer-se de citar alguns lugares, no entanto, eles estarão nas entrelinhas de cada momento apresentado daqui por diante.

Sou licenciado em Geografia pelo Centro Universitário Jorge Amado - Unijorge e especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. A ênfase da minha formação acadêmica sempre esteve ligada ao processo ensino e aprendizagem da Geografia. Meu encantamento pela educação advém da importância que esta exerce sobre a vida das pessoas. A minha atuação profissional, como professor, perdura por mais de 12 anos, sendo iniciada no ano de 2005. Desde julho de 2013, atuo profissionalmente na Rede Estadual de Ensino de Sergipe como professor de Geografia.

Nascido em 1983, morei trinta anos em Salvador no Conjunto Habitacional dos Oficiais da Polícia Militar - CHOPM, bairro do Cabula. Foi neste bairro que completei minha vida escolar. Estudei na Escola Linda Marquesa durante a educação infantil e metade do Ensino Fundamental I, na Escola Estadual Visconde de Itaparica, cursei a outra metade do Ensino Fundamental I. Foi no Colégio Polivalente do Cabula onde passei a maior parte da vida escolar, estudando o Ensino Fundamental II e Médio. Anos após completar o Ensino Básico, fiz o curso técnico em Segurança do Trabalho, o qual me proporcionou trabalhar por quatro anos na área da Construção Civil. No ano de 2003, decidi cursar uma graduação. Entrei no pré-vestibular e fui aprovado em Licenciatura em Geografia no Unijorge, iniciando o curso no primeiro semestre de 2004. Ainda trabalhando na Construção Civil, ajudava com as despesas de casa e pagava a faculdade, até que em 2005 iniciei a docência. Entre estágios supervisionados e contratos de trabalho, fui conhecendo a labuta na área de educação e, conseqüentemente, desenvolvendo os laços afetivos neste campo do conhecimento. Em 2006, fiz parte da criação do Diretório Acadêmico de Licenciatura em Geografia do Unijorge, sendo eleito Coordenador Geral, o que me oportunizou uma aproximação com estudantes de Geografia de outras universidades e faculdades do estado da Bahia, levando-me

também a ser um dos coordenadores gerais da Comissão Executiva Baiana dos Estudantes de Geografia. Essa vivência no movimento estudantil trouxe um amadurecimento tanto na vida acadêmica quanto na vida profissional, possibilitando participar de grupos de discussões com estudantes de Geografia das várias regiões do Brasil.

No final de 2006, conclui a Licenciatura em Geografia e iniciei em 2007 o Bacharelamento na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Concomitantemente, tive a oportunidade de estagiar na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER durante dez meses, atuando na área de Geoprocessamento. Apesar de pouco tempo, essa experiência possibilitou-me a inserção na área da Cartografia, criando novos olhares sobre as expressões espaciais. Ao mesmo tempo, desenvolvia a carreira de professor, pois participava como monitor do Programa Universidade Para Todos do estado da Bahia em diversas escolas da rede, o qual permaneci por dois anos.

Em 2009, tive a oportunidade de trabalhar no Colégio da Polícia Militar - CPM, dessa vez no cursinho preparatório para o vestibular que se localizava na Vila Militar, bairro Dendezeiros. Ao final desse mesmo ano, fui convidado para ser professor da referida instituição, desta vez no Ensino Médio, unidade da Ribeira, onde permaneci até o final de 2013. Foram cinco anos de trabalho no CPM, gerando experiências na educação geográfica e na carreira docente.

No segundo semestre de 2013, fui convocado para fazer parte do quadro efetivo de professores da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. A convocação trouxe alegria e espanto ao mesmo tempo, pois teria que trocar a capital baiana para morar no, então, desconhecido município de Poço Verde, cuja distância entre as duas cidades é, aproximadamente, de 340 km. Atualmente, trabalho em duas escolas da rede: Colégio Estadual Professor João de Oliveira e Escola Estadual Epifânio Dória, sendo esta última a qual desenvolvo 80% carga horária semanal.

Foi na Escola Estadual Epifânio Dória, “Epifânio”¹, que surgiu as primeiras ideias em desenvolver pesquisas sobre o município de Poço Verde, visando maior aproximação dos estudantes com seus espaços de vivências/experiências e, também, construção de conhecimento sobre o lugar. É importante salientar que a construção do conhecimento acontece no ato de reunir informações, conhecimentos

¹ Epifânio é a maneira como a Escola Estadual Epifânio Dória é conhecida e percebida pela comunidade escolar.

e saberes antes não percebidos ou organizados. Em 2014, os alunos do 8º ano da mencionada escola fizeram a coleta de dados através da aplicação de um questionário, contendo perguntas abertas e fechadas. A pesquisa visou cadastrar pontos comerciais, prestadores de serviços, fábricas, indústrias e prédios de serviços essenciais, tais como: escolas, hospitais, clínicas, delegacias e postos da Polícia Militar. Foi objetivo da pesquisa verificar a porcentagem dos trabalhadores que estavam em situação legal, ou seja, de carteira assinada. Após a coleta de dados, foi usado o laboratório da escola para construir os gráficos e elaborar um quadro com as oportunidades de trabalho e emprego na cidade.

Essa pesquisa desenvolvida pelos estudantes serviu de reflexão, pois surgiram algumas questões, tais como: é possível alunos do ensino básico desenvolverem pesquisas de caráter acadêmico? Esses estudos seriam aceitos como científicos ou como tarefas escolares? Como agregar essas investigações a um projeto de mestrado? Desde o final de 2013, estudava a possibilidade de ingressar numa pós-graduação *stricto sensu* na área de Educação. Cursei a disciplina Pesquisa em Educação do Campo, como aluno especial, no Mestrado Profissional em Educação do Campo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB no primeiro semestre de 2014. Queria ter contato com a pós-graduação *stricto sensu*, o que me permitiu pensar em criar um projeto.

Ao mesmo tempo, iniciei a Especialização em Coordenação Pedagógica pela UFS, oportunidade que não poderia deixar passar, pois se tratava de uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, disponibilizando vagas para professores da rede. Foram dezoito meses de discussão sobre gestão escolar, concluindo a especialização em agosto de 2015. No entanto, foi no término de 2014 que resolvi fazer a seleção para aluno regular do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação - GESTEC, vinculado ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. A escolha pelo GESTEC foi tomada após uma pesquisa, feita através da internet a respeito de Mestrados Profissionais. Observando o objetivo do programa², percebi que minha proposta de fazer uma pesquisa aplicada no “Epifânio” se adequava perfeitamente. A aprovação

² O Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação visa à produção de conhecimentos, a atualização permanente dos avanços da ciência e das tecnologias, a capacitação e o aperfeiçoamento de profissionais na área da gestão educacional e processos tecnológicos, bem como o desenvolvimento da pesquisa aplicada e a inovação tecnológica no campo da educação. Disponível em: <<http://www.uneb.br/gestec/sobre>>. Acesso em: 30 out. 2015)

na seleção surgiu de forma surpreendente e, ao mesmo tempo, preocupante. Surpreendente, pois se tratava apenas da segunda seleção para alunos regulares de um mestrado que eu participava. Preocupante no sentido da responsabilidade adquirida e do tempo que eu teria que dedicar à pesquisa.

Logo nos primeiros dias de aula no GESTEC, fui convidado a fazer parte do Grupo de Pesquisa em Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC, onde conheci uma “galera” fantástica, que discute a educação de forma prática e aberta. O GEOTEC funciona quinzenalmente com fóruns presenciais e a todo o momento nas diversas pesquisas desenvolvidas pelos seus integrantes em escolas públicas, institutos federais de ensino, universidades públicas e particulares e qualquer outro espaço que esteja aberto à discussão e aplicação das geotecnologias na educação (figura 1). O GEOTEC tem três grandes projetos: o K-Lab, o qual se trata de um Laboratório de Projetos e Processos Educacionais; a RedePub, que resgata a Histórias das Escolas da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia; e *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*.



Figura 1: Logomarca do GEOTEC

A “Rádio”³ visa a educação científica para os sujeitos envolvidos na proposta de intervenção, gerando a difusão e, conseqüentemente, a popularização da ciência, no ato do desenvolvimento das pesquisas (HETKOWSKI, 2011). Portanto, a ideia de trabalhar com os alunos do Epifânio, oportunizando-lhes a pesquisa, faz parte do propósito da Rádio, uma vez que as produções podem ser divulgadas e até mesmo popularizadas.

A Rádio além de propor, inicialmente, pesquisar a cidade de Salvador/BA, suas “ondas sonoras” extrapolaram os limites da capital baiana, como foi o trabalho da professora e pesquisadora Rosângela Patrícia⁴ com os alunos do Instituto

³ Rádio é como o projeto é conhecido nos corredores da UNEB e de todas as escolas que a compõe.

⁴ MOREIRA, Rosângela P.S. O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio – IFBA/campus Valença. 2015. 110 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) UNEB, Salvador, 2015.

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Valença. Assim, a Rádio (figura 2) continuou emitindo ondas cada vez mais potentes, chegando ao estado vizinho, Sergipe, mais precisamente no município de Poço Verde. Acredita-se que hoje, a Rádio não tenha mais limites, ou seja, suas ondas sonoras chegarão a qualquer local onde as pessoas acreditem que a educação científica pode ser introduzida nas práticas escolares.



Figura 2: Logomarca do Projeto A rádio na escola na escola da rádio

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as potencialidades das geotecnologias como mediadora do entendimento do espaço/lugar, a partir dos diferentes olhares dos sujeitos da Escola Estadual Epifânio Dória.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Entender /compreender o uso das geotecnologias como potencializadores de dinâmicas / ações na construção de práticas educacionais;
- Desenvolver práticas educacionais inovadoras na Escola Estadual Epifânio Dória, associadas aos registros materiais ou imateriais dos conhecimentos geográficos na dimensão do lugar, sob a ótica dos sujeitos;
- Expressar espacialmente através do Atlas, o município de Poço Verde/SE, a partir do entendimento dos sujeitos da pesquisa sobre seus lugares.

1.2 A MELHOR FORMA DE CONHECER O CAMINHO É CAMINHANDO: CONSTRUINDO OS MÉTODOS DE PESQUISA

Escrever não é tarefa fácil, escolher o que escrever é mais complexo ainda. Início esta etapa da escrita expondo algumas angustias vivenciada durante grande parte do processo de pesquisa. O tempo todo precisamos fazer escolhas, desde os

verbos a serem utilizados nas frases até o método de pesquisa. E é sobre este último que versaremos a seguir.

Vale salientar, que o método de pesquisa é o caminho traçado para se chegar a algum lugar, mas como todo caminho pode apresentar obstáculos, os métodos também podem ser reconfigurados de acordo com a necessidade, ou seja, “o método não é um roteiro fixo, é uma referência” (GATTI, 2007, p. 63). O fazer a pesquisa, prática e teoria, construirá o método naturalmente, caso contrário, os pesquisadores estariam aprisionados em modelos e fadados ao fracasso.

O método oferece a orientação de base necessária à garantia de consistência e validade, mas ele não pode virar uma “camisa de força”. Por isso precisa ser apropriado pelo pesquisador que pelas suas mediações cria alternativas, novas saídas, novas soluções para o emergir dos dados e sua compreensão. (GATTI, 2007, p. 63).

Segundo a autora, “o método é vivo”, o que gera uma responsabilidade para o pesquisador, que deve ter um conhecimento teórico consistente e saber relacioná-los com as experiências. Para tanto, nota-se a importância também de registrar todos os momentos da pesquisa, sejam eles os que obtiveram resultados esperados ou não, pois as decisões são tomadas em consequência desses resultados. Não é raro o pesquisador influenciar ou até mesmo determinar alguns resultados, porém, é necessário que ele tenha ciência desses atos para, posteriormente, fazer uma espécie de autocrítica.

Portanto, este trabalho visa analisar o processo de construção da expressão espacial do município de Poço Verde, Sergipe, através de encontros formativos, discussões e trocas de experiências. Este trabalho é uma pesquisa aplicada, com abordagem colaborativo-participativa, pois se julga que numa construção coletiva deve prevalecer a participação e colaboração de todos os sujeitos envolvidos. A pesquisa é aplicada por se considerar que na educação, esse tipo de investigação gera bons resultados, por se tratar de experiências que envolvem os verdadeiros interessados: discentes, docentes, gestores e toda comunidade escolar. Ter como *locus* a escola resulta na reflexão sobre as práticas pedagógicas e inclui, ou, deveria incluir os sujeitos dessa instituição. Gatti (2007) ratifica que a:

Educação é a área de conhecimento e área profissional, um setor aplicado, interdisciplinar, e o conhecimento que produz, ou deveria produzir, diz respeito a questões de intervenção intencional no âmbito da socialização, diz respeito a metodologias de ação didático-

pedagógica, junto a setores populacionais, com objetivos de compreensão desse agir e de seu potencial de transformação. (p.61).

Essa intervenção intencional de que fala a autora, propõe uma união entre a sociedade e as instituições de ensino e pesquisa para, juntos, discutirem e produzirem propostas para o aprimoramento da qualidade de ensino. É neste sentido que optei por desenvolver a pesquisa no “Epifânio”, o que proporciona uma interação entre pesquisa e prática, uma vez que é a escola onde minhas atividades são desenvolvidas no momento.

Gatti (2007) ressalta que a pesquisa aplicada nas instituições de ensino não deve visar à busca pela verdade absoluta e sim, pela explicação momentânea dos fatos. Este pensamento é resultante da velocidade das informações, e, portanto, da complexidade em analisar a sua contextualização no espaço-tempo. Assim “A verdade é uma abstração. Socialmente falando, verdades podem ser consensos historicamente construídos e, assim, mutáveis”.(p. 58).

A participação e colaboração dos alunos são formas de incluir na pesquisa, o olhar dos sujeitos da escola sob as práticas pedagógicas e por que não dizer, sob a educação. Portanto, esta pesquisa tende a reforçar a ideia de que os partícipes não são objetos de pesquisa, mas protagonistas de uma reflexão teórica e prática. É difícil compreender estudos, cujos participantes são apenas peças consultivas, quando se trata de pesquisas na área da educação.

As Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC têm intensificado uma grande discussão quanto ao papel da universidade desde o início do século XXI. Para melhor aproximação da universidade com a sociedade, é necessário cinco pontos a serem abordados: acesso; extensão; pesquisa-ação; ecologia de saberes; universidade e escola pública (SANTOS, 2008). Esses pontos são primordiais para que a universidade se torne universal de fato, ou seja, que envolva todos os setores da sociedade.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC serão abordados três pontos que o autor julga essencial para revolucionar a universidade: a pesquisa-ação, a ecologia de saberes e a universidade e escola pública. Vale salientar, que a pesquisa-ação aqui é abordada como colaborativo-participativa. A ecologia de saberes é parte do processo de construção do conhecimento e, portanto,

entendimento do mundo. Já a interação entre a universidade e a escola pública se mostra nas ações do GEOTEC, explicitada outrora, assim como nesta pesquisa.

A pesquisa-ação, portanto, é um tipo de pesquisa social com base empírica que visa associar a ação ou resolução de um problema com a participação dos envolvidos (THIOLLENT, 1998). Ou seja, somente será pesquisa-ação quando houver “ação problemática” por parte de pessoas ou grupos implicados no problema. Entretanto, antes de abordar como resolveremos o problema (aqui entendido como questão de pesquisa) é necessário apresentá-lo. Nossa questão de pesquisa é: como podemos analisar as potencialidades das geotecnologias como mediadora do entendimento do espaço/lugar, a partir dos diferentes olhares dos sujeitos da Escola Estadual Epifânio Dória?

Diante da questão / problema decidimos participar da pesquisa sem negar ou substituir a participação dos alunos da escola (sujeitos da pesquisa), pois a implicação destes é necessária para a compreensão e resolução dos problemas. Por ser uma pesquisa implicada, a pesquisa-ação é uma espécie de reciprocidade entre pesquisadores e participantes, os quais entram no problema e tentam solucioná-lo. Assim, nos apoiamos em Thiollent (1998) quando ele diz que:

Em Geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (p.16) (grifo meu).

Esse contexto favorável de que trata o autor é percebido neste trabalho quando propomos considerar o olhar dos sujeitos da pesquisa sobre o espaço vivido. Então, a expressão espacial de que trata este trabalho não será construído somente por mim, mas por todos envolvidos no processo de construção do conhecimento. Alunos, professores, funcionários, assim como a comunidade escolar são edificadores da expressão espacial do município de Poço Verde, ou seja, do Atlas.

Por muito tempo, a universidade se percebe como a única fonte de produção de conhecimento, ignorando qualquer outra forma de produzi-lo, seja por grupos

sociais excluídos ou por outras instâncias sociais. Nesta discussão, Santos (2004) afirma que a universidade contribuiu e ainda contribui para a desqualificação dos conhecimentos não-científicos, marginalizando os grupos sociais que não possuem conhecimentos denominados como científicos. Para contrapor essa injustiça cognitiva e, portanto social, o autor sugere que os acadêmicos façam uso da “ecologia de saberes”, conceito que consiste na:

[...] promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade. (SANTOS, 2004, p.56).

Esse diálogo promoverá a reflexão, tanto dos membros da sociedade por se tornarem coautores de pesquisas, quanto dos acadêmicos por experimentarem uma pesquisa envolvente, cuja troca de conhecimento é mais valiosa do que a imposição da verdade. Assim, o autor continua apresentando seu conceito, afirmando que:

A ecologia de saberes são conjuntos de práticas que promovem uma nova convivência activa de saberes no pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo. Implica uma vasta gama de acções de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos serve de base à criação de comunidades epistémicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes. (SANTOS, 2004, p.57).

Fica evidente, que a ecologia de saberes tem como objetivo unir os conhecimentos e não mais criar uma hierarquização entre eles. Essa hierarquia tem gerado certa exclusão de determinados saberes, como ainda é fácil perceber em algumas universidades. Pesquisas aplicadas tendem a se aproximar do objeto de estudo, sem perder sua imparcialidade perante a observação, contudo, é necessária uma vivência para que de fato, a pesquisa seja aplicada. Manter-se como observador durante a pesquisa, não quer dizer que devemos ser neutros, e sim não se deixar levar pela emoção, conseqüentemente, não deixando os sentimentos influenciar na essência teórica adotada.

A ecologia de saberes é uma “onda” que movimenta, converge e aglutina conhecimentos/saberes, instituições e sujeitos em prol de outra possibilidade de

atuação da educação e, por conseguinte, do entendimento e da articulação das ações a serem desenvolvidas e aplicadas.

Para os estudantes de graduação e pós-graduação na área educacional, torna-se, cada vez mais necessário, praticar as teorias pedagógicas e a teorização das práticas escolares. Ou seja, a universidade deve praticar mais suas discussões acadêmicas e, sobretudo, “entrar” nas escolas públicas. Não pelo fato das escolas particulares serem isentas dessa necessidade, mas por as escolas públicas vivenciarem maiores dificuldades, tais como: instalações físicas precárias, altas taxas de evasão escolar e de reprovação, baixos salários dos profissionais, professores desmotivados, entre outros. Essa realidade pode ser ainda pior em escolas municipais de cidades interioranas, localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Santos (2004) afirma que além de ser excluída de debates relacionados à educação:

[...] a universidade recolheu-se ao papel de questionar o discurso dominante sobre a crise da escola pública e não se esforçou em formular alternativas. Daí que os educadores e gestores escolares comprometidos com projectos progressistas e contra-hegemónicos se queixem da falta de envolvimento e apoio da universidade pública. (SANTOS, 2004, p.61).

É papel de a universidade questionar as imposições que o capital desencadeou nas relações da sociedade, mas também é necessária aplicabilidade de projetos, programas, enfim, de ações pedagógicas, especialmente na Educação Básica da Rede Pública.

Sendo assim, a aproximação da universidade com as escolas públicas pode gerar resultados positivos, como é o caso da parceria entre a Universidade do Estado da Bahia com a Rede Municipal de Ensino de Salvador, a qual diversos pesquisadores ligados a programas de pós-graduação, a exemplo do GESTEC, vêm aplicando e desenvolvendo pesquisas nas escolas da rede e, o mais importante, propondo e experimentando novas estratégias de ensino, levando em consideração as necessidades apresentadas por cada escola.

Não é interessante reduzir esta pesquisa a uma visão única, no caso do pesquisador (minha) e do fenômeno a ser compreendido. Isso não faz sentido, pois

os indivíduos veem as coisas de formas diferentes e achar que um único olhar vai explicar os fenômenos, é um equívoco. Neste interim, Freire (1988) já alertava sobre os cuidados com que os participantes da pesquisa devem ter, afirmando que:

Se, pelo contrário, a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. (p.35).

A libertação explanada pelo autor deve-se à hierarquização do saber, o que resulta na exclusão de saberes produzidos fora das universidades, ou seja, a libertação acontece no desprendimento do julgamento de conhecimentos. Afirmar que um saber é melhor que o outro, é negar a importância das experiências vividas pelos sujeitos, ou até mesmo duvidar que estas experiências tenham ocorrido. Neste contexto, esta pesquisa visa à valorização das experiências vivenciadas pelos partícipes, uma vez que estes são pesquisadores que investigam sobre seus lugares de pesquisa.

As informações contidas na expressão espacial, construídos pelos partícipes, corroboram com a ideia de que os sujeitos da pesquisa nortearam seus interesses. Esta expressão espacial (Atlas) será construída através do Projeto da Rádio, o qual contará com a participação de parte dos alunos do Ensino Fundamental II do “Epifânio”.

Durante toda pesquisa foram elaboradas atividades programadas de acordo com as necessidades, como foi o caso do encontro para criar e-mail pessoal, sugerida por alguns dos partícipes, após sentirem necessidade de compartilhamento de arquivos de textos, o que na época os dispositivos móveis disponíveis não faziam.

Ao final da pesquisa elaborada pelos sujeitos, temos alguns artigos produzidos. Foram ensaios com discussões práticas e teóricas sobre os *lócus* propostos por eles e, portanto, uma visão mais crítica sobre o lugar. Posteriormente, aglutinamos suas percepções do espaço vivido e pesquisado em um Atlas, mas não um Atlas convencional, como os encontrados nos livros de Geografia, e sim um

Atlas subversivo. Subversivo? Isso mesmo, subversivo! Pois o Atlas será composto e construído pelos sujeitos do lugar e não por Cartógrafos ou qualquer outro profissional da área cartográfica.

A subversão cartográfica é mais uma forma de explorar as linguagens (carto) gráficas e potencializar o entendimento do lugar (SEEMANN, 2012). Como os mapas convencionais sempre expressam a visão dominante do espaço (BRITO, 2013), nosso Atlas surge como alternativa para socializar os diferentes olhares sob os lugares. Pois, a subversão consiste na:

[...] utilização dos mapas provindos da cartografia tradicional, aquela atrelada às ações hegemônicas, numa contraposição crítica associada aos atores sociais como mediadores do conhecimento e do entendimento sobre o mundo, geograficamente categorizados como lugar, território e espaço. (BRITO, 2013, p.73).

Para Seemann (2012) a arte poderia ser melhor aproveitada às aulas no ambiente escolar se fossem vinculadas a outras disciplinas, como é o caso da Geografia. Conteúdos escolares, a exemplo da cartografia, ficariam mais interessantes se atreladas às manifestações artísticas, tornando-se assim variadas as formas de expressar o espaço.

No contexto da cartografia, subversão implica uma ideia crítica sobre o modelo normativo da disciplina que é geralmente considerada como uma ciência exata baseada em fatos objetivos, cálculos, medições e convenções. A produção de mapas se realiza de acordo com essas regras que definem procedimentos, métodos e práticas. Neste sentido, subverter a cartografia significa questionar e desafiar a visão (pre) dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartografia e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios. (SEEMANN, 2012, p.140).

Apesar de o autor utilizar “representar espaços”, pensamos na expressão espacial como forma de expor pensamentos e ideias antes excluídas na cartografia. Portanto, o Atlas de Poço Verde torna-se subversivo, pois as expressões espaciais contidas nele são dos sujeitos homogeneizados.

Assim, o produto final desta pesquisa se caracteriza em um Atlas construído pelos sujeitos da pesquisa, composto por “mapas” do município, enfatizando os lugares pesquisados e os escritos elaborados pelos jovens pesquisadores. Portanto, apesar de denominarmos de Atlas, esse produto possui apenas alguns mapas do

município de Poço Verde/SE, pois os textos e fotografias serão as outras formas de expressão espacial que irá complementá-lo.

1.3 PERCURSO DOS RELATOS E DISCUSSÕES: APRESENTAÇÃO

A concretização dessa proposta de práticas inovadoras, mediadas pelas geotecnologias no “Epifânio”, se consolida através da apresentação de quatro sessões que englobam discussões teóricas, práticas e formativas.

A primeira sessão “Expressão espacial cotidiana: os lugares da vida” inicia com uma breve apresentação do autor, assim como a dos objetivos da pesquisa. Posteriormente, discutimos sobre o método a ser utilizado nesta pesquisa, cujo arcabouço teórico está amparada na pesquisa participativo-colaborativo, apresentados por Gatti (2007), Thiollent (1998) e da construção coletiva do saber, abordados por Freire (1998), Levy (2008) e Santos (2008) .

Na segunda parte, cuja sessão intitula-se “O entendimento do lugar e as geotecnologias”, começamos pela problematização do conceito de lugar com os seguintes teóricos: Santos (1994, 2002, 2012), Massey (2008), Tuan (1982) e Relph (2012). Em seguida, argumentamos sobre as geotecnologias com os teóricos Brito (2013) e Hetkowski (2010, 2011, 2015) e como a disciplina de Geografia pode fortalecer o entendimento do lugar: Cavalcanti (2008), Simielli (2010).

Na terceira sessão “Construção do Atlas de poço verde: projeto, escola e lugares” apresentamos desde os primeiros passos da pesquisa, passando pela construção de banners, encontros formativos, participação dos pesquisadores juniores em alguns eventos até a construção do Atlas. Trouxemos para essa discussão autores como Vygotski (1994), Borda (1988), Lynn (2015), Macedo (2015) e Godoi (1999) uma vez que estes demonstram imbricação entre prática e teoria, já que ambas se complementam.

Nas considerações finais, última sessão, refletimos sobre os objetivos propostos para essa pesquisa. Além disso, relatamos como as mudanças comportamentais e intelectuais dos sujeitos e do próprio autor desta obra pode reorganizar o ambiente escolar.

Vale salientar que o Projeto da Rádio no “Epifânio” não encerrará com a construção do Atlas, muito pelo contrário, será o início de outras etapas que irão

auxiliar na expressão espacial de Poço Verde. Já que escolas e estudantes simpatizaram com nossa proposta, há uma esperança de que o projeto abarque outros espaços do município.

2 O ENTENDIMENTO DO LUGAR E AS GEOTECNOLOGIAS

A introdução às geotecnologias no ensino de Geografia possibilita uma formação crítica do aluno, tanto no entendimento, quanto na transformação do lugar onde vive. Neste contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: como analisar as potencialidades das geotecnologias como mediadora do entendimento do espaço/lugar, a partir dos diferentes olhares dos sujeitos da pesquisa? É com base neste problema, que a expressão espacial construída pelos estudantes, ou melhor, sujeitos da pesquisa, surge como possibilidade de interação entre conhecimentos científicos e os saberes locais.

O processo de construção do espaço/lugar de Poço Verde demonstra o “olhares” dos sujeitos diante da sua cidade, seu povoado, seu bairro e sua vizinhança. Em consequência, revela também, a relação dos objetos e ações no espaço, ou seja, tudo que existe em um determinado lugar, sempre tem relação com os outros elementos desse lugar (SANTOS, 1994).

2.1 O CONCEITO DE LUGAR SOB A ÉGIDE DAS PRÁTICAS INOVADORAS DE ENSINO

Geralmente, as discussões acadêmicas são apoiadas pela visão epistemológica das ciências e, portanto, dos conceitos. A necessidade de delimitar o entendimento sobre algo, se faz necessário para que não haja confusão na interpretação. Antes de discutirmos sobre um determinado assunto, precisamos esclarecer como o pensamos, para que posteriormente, seja iniciada a discussão.

Dessa maneira, propomos nesta obra um diálogo sobre o conceito de lugar por acreditar que o dialogismo é indispensável para alcançarmos uma visão mais holística do objeto de estudo. Para tanto, as práticas inovadoras de ensino surgem como entrelaçamento com a teoria, a fim de tornar a discussão mais satisfatória.

Para entender o lugar, necessariamente, é preciso diferenciá-lo de espaço geográfico, pois o hibridismo se faz presente nesses dois conceitos. Entretanto, admite-se que essa diferenciação não se torna somente interessante para o discurso acadêmico, mas também para o entendimento do mundo, pois este é apresentado através do lugar. Além disso, discutiremos outros conceitos que permeiam o dialogismo espacial para fortalecermos nossa visão aqui apresentada.

2.1.1 Espaço e lugar: conceitos e hibridismo

A todo o momento estamos em algum lugar. Existem lugares agradáveis, onde desejamos permanecer por mais tempo e lugares não agradáveis. Entretanto, devemos distinguir o lugar de local, pois sua compreensão pode gerar confusão e equívocos. O lugar, além de pertencer a um local (localização), é associado ao espaço vivido, globalizado e às relações que o sujeito constrói ao longo da vida. Lugar, portanto, é o espaço híbrido por onde percorrem as relações humanas, sejam elas sentimentais, comerciais, locais ou globais.

Antes de adentrarmos ao conceito de lugar, é necessária outra distinção: desta vez entre lugar e espaço geográfico. Geralmente essa dúvida aparece, primeiramente, nas aulas de Geografia do ensino fundamental, podendo permanecer até o final da vida. A Geografia dispõe de categorias para analisar o espaço, tais como: espaço geográfico, lugar, território, região e paisagem. Neste momento, interessa-nos somente as categorias de espaço e lugar.

Lefebvre (1974), utilizando-se do conceito de produção do espaço, sendo que este está interligado com o tempo, ou seja, é processual, defende que o espaço deve ser analisado por três dimensões: o percebido, o vivido e o concebido. O espaço percebido está ligado à percepção do sujeito em relação à paisagem e os elementos que a compõe, ou seja, a percepção acontece pelos sentidos. O espaço vivido significa o mundo experimentado (vivenciado) pela sociedade, isto é, o lugar das práticas cotidianas. O espaço concebido destina-se ao pensamento daquele que será o espaço percebido, pois o espaço somente será percebido, caso antes tenha sido concebido previamente em pensamento. Essas dimensões estão imbricadas na produção espacial, pois o espaço é inacabado e está ligado ao tempo.

O espaço vivido, de certa forma, torna-se fundamental para esta pesquisa, uma vez que é o espaço onde ocorrem as experiências e as relações cotidianas dos seres humanos, ou seja, o lugar. A vivência é elementar para que o sujeito construa essa relação com o espaço, pois na busca pela sobrevivência, este o transforma e ao mesmo tempo é transformado por ele.

O espaço geográfico é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS,1994). Esse espaço é formado por subespaços que inclui uma fração de sistemas, cuja totalidade é o mundo. Assim:

Cada subespaço se define conjuntamente por uma tecnoesfera e uma psicoesfera, funcionando de modo unitário. A tecnoesfera é o

mundo dos objetos, a psicoesfera é da ação. Os objetos naturais ou artificiais, são híbridos [...] já que não têm existência real, valorativa, sem as ações. Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional. É assim que os subespaços existem e se diferenciam uns dos outros. (SANTOS, 2012, p.159).

Ao afirmar que os objetos naturais e artificiais são híbridos, o autor defende a ideia da indissociabilidade entre os sistemas de objetos e sistemas de ações que se completam. Ou seja, antes de ser objeto, alguém pensou e, posteriormente, o transformou essa ideia em objeto. A partir dessa visão, o espaço geográfico está em constante transformação, tendo o ser humano como principal agente transformador.

Os subespaços se diferenciam uns dos outros pelas particularidades apresentadas e que são resultados de interferências locais e globais. Assim, não haverá um lugar igual ao outro, pois suas relações globais ou locais são desiguais também.

Neste interim, propomos a discussão da categoria de análise do espaço mais comum ao cotidiano das pessoas, o lugar. Vale salientar que, o lugar pode ser interpretado por diversas correntes ideológicas, mas que para esse trabalho destacaremos apenas duas: a Geografia Humanística e a Geografia Marxista.

Na Geografia Humanística, lugar é o espaço experienciado e vivido pelos sujeitos, ou seja, uma abordagem fenomenológica do objeto. Os principais autores dessa abordagem são Yi-Fu Tuan e Edward Relph que compreendem o lugar como espaço familiar. Neste sentido, Tuan (1982) afirma que:

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (p.143).

Nessa abordagem, o lugar se apresenta como um refúgio, um cantinho onde as relações sentimentais do sujeito com o espaço é percebido. A subjetividade também faz parte dessa abordagem, pois é através dela que o lugar é entendido, sentido e expressado. Em contrapartida com essa concepção de abordagem, apresentaremos a Geografia Marxista.

A Geografia Marxista, apoiada na perspectiva do materialismo histórico e dialético, analisa o conceito de lugar sob a ótica do processo de globalização. Portanto, compreende-se que a globalização, na tentativa de homogeneizar os

lugares, indica uma tensão contraditória percebida nesses mesmos lugares, uma vez que estes resistem ao processo de homogeneização. Para fundamentar essa abordagem, utilizaremos os geógrafos Milton Santos e Doreen Massey.

Para Milton Santos (2012) “Hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam, e o número é muito grande.” (SANTOS, p.156). É necessário ressaltar que, não por acaso, estamos utilizando o termo espaço/lugar nesta discussão, uma vez que defendemos o entrelaçamento das duas categorias geográficas e suas contradições. Ou seja, somente é possível compreender o mundo a partir do lugar, ao passo que os lugares formam espaços. Neste sentido, Santos (2012) afirma que:

Muda o mundo, e ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente. (SANTOS, 2012, p.158).

A percepção empírica do mundo a partir do lugar, demonstrada pelo autor, ressalta a ideia de que os lugares, também, sofrem influência do mundo, mas não de uma forma homogênea e sim de forma específica já que os lugares apresentam transformações provocadas pela globalização.

Em contrapartida, Massey (2008) tenta desconstruir a dicotomia entre espaço e lugar, afirmando que existe uma lógica do capitalismo que tende ligar o conceito de espaço ao abstrato e o conceito de lugar ao cotidiano. A autora faz uma descrição de acontecimentos históricos e atuais para justificar essa dicotomia e ao mesmo tempo desconstruí-la.

E, assim, existe “lugar”. No contexto de um mundo que é, certamente, cada vez mais interconectado, a noção de lugar (geralmente citado como “lugar local”) adquiriu uma ressonância totêmica. Seu valor simbólico é, incessantemente, mobilizado em argumentos políticos. Para alguns, é a esfera do cotidiano, de práticas reais e valorizadas, a fonte geográfica de significado, vital como ponto de apoio, enquanto “o global” tece suas telas, cada vez mais poderosas e alienantes. Para outros, “um refúgio no lugar” representa a proteção de pontes levadiças e a construção de muralhas contra as novas invasões. Lugar, através dessa leitura, é o local da negação, da tentativa de remoção da invasão/diferença. É um refúgio, politicamente conservador, uma essencializadora (e, no final, inviável) base para uma resposta, que falha ao dirigir-se às reais forças em ação. (MASSEY, 2008, p. 24-25).

A crítica, sobretudo coerente, sobre a compreensão do espaço/lugar exposta pela autora mostra o “fracasso da imaginação espacial”, visto que é:

[...] inadequada para enfrentar os desafios do espaço, fracasso por não incluir suas multiplicidades coetâneas, por não aceitar sua contemporaneidade radical, por não lidar com a complexidade de sua constituição. O que aconteceria se tentássemos nos desvencilhar de tais compreensões, entretanto quase intuitivas? (MASSEY, 2008, p. 28).

A questão apresentada por Massey (2008) pode ser pensada de forma que as transformações espaciais consideram a totalidade. A globalização exerce força sobre o lugar, mas este se transforma a partir dos objetos e ações que lhe estão disponíveis num determinado momento. Por isso é importante contextualizar as diferenças espaciais para que evitemos exclusões, pois não é raro identificarmos lugares ditos “atrasados”, simplesmente por relações espaço-temporais diferentes de outros lugares ditos “atuais” ou globalizados (MASSEY, 2008).

Portanto, a intenção deste trabalho não é adotar essa ou aquela abordagem geográfica, e sim dialogar com os autores e suas respectivas visões. Acredita-se que cada abordagem tem seu valor analítico e que, em nenhuma hipótese, deve ser desconsiderado em sua totalidade.

Desta forma, seria incoerente compreendermos o lugar apenas por uma visão pautada nos processos identitários (humanísticos), mas sim em consonância com os processos de globalização. Nesta perspectiva de interação, citamos Relph (2012) quando ele afirma que:

Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos da geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmos. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau presos as forças neoliberais e da globalização. (RELPH, 2012, p. 31).

O autor consegue convergir às abordagens humanísticas e marxistas de forma que o lugar é resultado de experiências e significados e ao mesmo tempo é parte de um processo globalizante. O microcosmo apresentado pelo o autor é o

hibridismo enraizado no espaço, o qual se relaciona com outros microcosmos e, portanto, essa mistura de concepções potencializa uma visão holística do lugar e seu conceito.

O hibridismo do espaço, na visão Miltoniana, é atrelado a indissociabilidade entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações que o formam. Neste trabalho, consideramos o hibridismo também no dialogismo entre os conceitos e as abordagens teóricas sobre o lugar. Sendo assim, esse diálogo não é simplesmente uma maneira de entrelaçar acepções geográficas a respeito do conceito de lugar, mas uma forma de considerar os diferentes olhares sobre o objeto.

Já que a realização concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político, devemos propor um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado em dois pólos distintos. No mundo de hoje, é frequentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social. (SANTOS, 2002, p.65).

Portanto, ao purificar o lugar de acordo com essa ou aquela visão, nos remetemos ao sombrio caminho da exclusão de ideias, até mesmo porque o lugar é uma categoria dinâmica e que sofre influência internas e externas, e também, individual e coletiva. O lugar, portanto, é o mundo apresentado pelos sujeitos, corporações, ideias, sentimentos, entre tantas outras expressões.

Após esse diálogo, percebemos a importância da fundamentação teórica como suporte indispensável para as práticas escolares. O professor ou professora de Geografia a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, assim como os pedagogos nas series iniciais, necessitam se apropriar desses conceitos geográficos para inovarem suas aulas.

A inovação da prática de ensino pode ser compreendida como a utilização de conceitos, técnicas e tecnologias para libertar os alunos das práticas dominadoras de reprodução de conteúdos. São estratégias utilizadas para oportunizar possibilidades de ensino e de aprendizagem com respeito à dignidade humana e sempre almejando uma educação que desprenda o discente da condição de receptor de conhecimentos e os tornem autores de sua própria vida, descrevendo-a com autonomia. Do mesmo modo, essa oportunidade possibilita aos docentes

repensarem as práticas de ensino, assim como todos os sujeitos envolvidos nessa proposta inovadora.

2.1.2 Práticas inovadoras de ensino: entendimento do mundo e emancipação do sujeito

Trabalhar as categorias de análise da Geografia nas escolas não é empreitada fácil para os professores, pois esses conceitos são semelhantes e geram bastante confusão em sua compreensão. Como diferenciar o conceito de espaço geográfico do conceito de lugar, se ambos estão imbricados?

Problemas como esse fazem o ensino de Geografia se tornar complexo, mas ao mesmo tempo interessante, pois aguça a curiosidade dos alunos e também dos professores. Durante as aulas de Geografia no 6º ano, por exemplo, percebe-se uma dificuldade na compreensão dos conteúdos relacionados às representações gráficas do espaço, como é o caso da cartografia. Atividades como desenhar o caminho de casa para a escola pode transparecer dificuldades na compreensão do espaço como totalidade, mas pode também potencializar o entendimento do lugar em que os adolescentes vivem, visto que esses sujeitos apresentam elementos naturais e culturais da paisagem que, talvez, somente eles tenham notado.

Em virtude disso, é preciso que (nós, professores) fiquemos atentos às experiências vividas pelos alunos para podermos usá-las em nossas práticas. A realidade social em que a escola está inserida é fundamental para o planejamento das atividades dentro e fora da sala de aula. As experiências da comunidade escolar direcionam as ações e prioridades a serem implantadas nas escolas. Dentro desse planejamento não deve faltar a reflexão dos professores a respeito de suas práticas de ensino, a fim de tornar as aulas mais críticas e combinadas com a realidade dos estudantes, e, por conseguinte, talvez, mais interessante.

Então, todos concordam que é necessário inovar as formas de “dar aula”, correto? Mas, até que ponto inovar é, necessariamente, buscar ferramentas novas para serem utilizadas em salas de aula? Sempre que nos deparamos com a palavra inovação, nos reportamos a recursos didáticos de última geração, tais como computadores, quadros digitais, projetores de multimídias, dispositivos móveis, entre outros equipamentos modernos. Porém, a inovação de que trata esse trabalho combina com o pensamento crítico exercido pelos professores e alunos que buscam

a construção do conhecimento através de trocas de experiências. São essas experiências, por sinal, que revelam a relação que os sujeitos desenvolvem com o lugar no seu cotidiano.

Os recursos didáticos, ferramentas e métodos são vistos, neste trabalho, como estratégias pedagógicas que potencializam as discussões em sala de aula. Essas estratégias são utilizadas para otimizar as aulas, no entanto, devem ser aproveitadas com eficiência para não serem vistas apenas como novidades. O livro de Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) aborda que:

Os recursos didáticos desempenham um papel importante no processo de ensino e aprendizagem, desde que se tenha clareza das possibilidades e dos limites que cada um deles apresenta e de como eles podem ser inseridos numa proposta global de trabalho. Quando a seleção de recursos didáticos é feita pelo grupo de professores da escola, cria-se uma oportunidade de potencializar o seu uso e escolher, dentre a vasta gama de recursos didáticos existentes, quais são os mais adequados à sua proposta de trabalho. (Introdução aos PCN's, MEC/SEF, 1998, P.96).

Os PCN's ressaltam a importância das possibilidades e limites que cada recurso pode proporcionar ao processo de ensino e aprendizagem, entretanto, não aborda o caráter crítico que essas estratégias pedagógicas devem proporcionar as atividades escolares. É necessário compreender que a promoção da criticidade das relações sociais, econômicas, políticas e espaciais podem ser virtualizadas por estratégias pedagógicas modernas ou não.

As estratégias pedagógicas devem potencializar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, pois estas proporcionam tanto aos alunos quanto aos professores reunir um número maior de informações para suas discussões diárias. Essas atitudes podem agregar os diferentes saberes, ou seja, reunir as múltiplas linguagens. Tudo isso se transforma em oportunidades de promoção da consciência social. Nesse contexto, Lima Junior (2004) defende que:

A tecnologia, portanto, para além de sua base material e do enfoque que a ciência moderna lhe conferiu, está ligada à ideia de **processo criativo e transformativo**. Isto, do ponto de vista da relação Educação-TIC⁵, significa que, independentemente da presença do suporte material da comunicação informação no contexto

⁵ A sigla TCI (Tecnologias da Comunicação e Informação), segundo o próprio autor, foi usada por muito tempo pelos pesquisadores da área, mas que atualmente utiliza-se a sigla TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). O autor afirma também que ambas as siglas tem o mesmo significado, ficando a critério de o pesquisador escolher esta ou aquela.

educacional escolar, a compreensão mais aprofundada do significado da tecnologia para a educação escolar, em todos os seus aspectos, é esta perspectiva criativa e de transformação. Evidentemente, a presença dos recursos tecnológicos é indispensável, mas desde que os mesmos possam ser entendidos e explorados com esta ênfase na criatividade e na metamorfose (mudança, transformação de si e do contexto local). (p. 403) (grifo do autor).

Desta forma, as TIC fazem parte de processos criativos e transformativos do ser humano em consonância com as técnicas por ele elaboradas. As TIC na educação são fundamentais para o compartilhamento de conhecimentos entre os sujeitos da escola, entretanto não podem ser comparadas, apenas, a equipamentos tecnológicos modernos. O computador, por exemplo, enquanto equipamento se mostra potencial, mas essa potencialidade somente se constituirá se um sujeito utilizá-lo para uma determinada finalidade, que talvez seja adversa daquela da sua criação.

Neste sentido, propomos superar “a visão dicotômica que coloca como pólos antagônicos e mutuamente excludentes o ser humano e a máquina, ou a cultura e a tecnologia.” (LIMA JUNIOR, 2004, p. 406). Os dispositivos tecnológicos, por conseguinte, são instituídos e instituintes pela cognição humana e sua complexidade de pensar e agir.

Nas práticas pedagógicas, não basta apenas à apropriação das TIC como instrumentos e sim compreender que na falta destes é necessário buscar alternativas para alcançar os mesmos objetivos. Não seria a falta de computadores, por exemplo, que impediria que professores e alunos desenvolvessem a comunicação e informação durante as discussões em sala de aula. Atrelar as TIC somente aos equipamentos tecnológicos seria o mesmo que imaginar a escola como uma espécie de *lan house*, onde a comunidade escolar utilizaria, sobretudo, para comunicação sem a análise crítica dos conteúdos discutidos.

A dinâmica, característica e lógica de funcionamento do atual contexto tecnológico de comunicação e informação servem como metáfora para uma abordagem do Currículo numa perspectiva comunicacional e informacional. (LIMA JUNIOR, 2004, p.402)

Conseqüentemente, trabalhar as TIC é abordar o currículo de forma que essa ambigüidade seja encarada como inovações do “pensar” as práticas escolares. Dessa maneira, para pensarmos em práticas inovadoras de ensino abarcadas pelas

tecnologias não podemos deixar de lado o papel da escola para/na sociedade, assim como os currículos aplicados a ela.

Sabemos que a escola ainda exerce grande importância na formação do sujeito. A educação formal continua sendo vista como mera transmissão de conceitos, destinando aos alunos a decisão de se apropriar deles ou não. Ratificar esse modelo atual de escola é aceitar que um modelo excludente e dominador de desenhar o mundo seja legitimado. Para tanto, acredita-se numa reforma curricular, mas não em uma reforma proposta por algum tipo de governo ou gestão, mas pelos sujeitos que compõe a educação. Neste interim, necessita-se de uma proposta curricular que englobe as necessidades e realidades dos alunos, sujeitos do mundo.

Segundo Saviani (2008), currículo é o conjunto das atividades nucleares pela escola. Portanto, são ações sistematizadas que vão além de conteúdos e que são elaboradas oficialmente para fazer parte de uma disciplina escolar. O autor deixa claro que é necessário, primordialmente, aprender conteúdos organizados por uma proposta curricular e que somente após esta etapa, o aluno conseguirá se libertar no processo de aprendizagem.

Essa organização dos currículos exclui abordagens importantes para a vida social dos alunos. Olhar para o currículo da mesma forma que enxergamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), é praticar uma educação emancipadora, pois deixaríamos de priorizar conteúdos que foram escolhidos por pessoas que não possuem interesse em disseminar uma educação emancipadora, propiciando assim, a redução das desigualdades sociais, mesmo no nível da consciência.

O interessante seria que os currículos trabalhados tivessem uma perspectiva social, permitindo os estudantes a refletirem sobre as atitudes cotidianas, (sejam de caráter político, econômico, social, entre outros) e que esses conteúdos não fossem mais compreendidos como ocultos, mas sim como prioritários.

O currículo deve sempre estar em movimento, acompanhando as mudanças sociais no tempo e no espaço. De acordo com os conhecimentos construídos socialmente pela humanidade. Para Saviani (2008):

O objeto da educação diz respeito, de um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da

espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (p. 13).

Com isso, a educação é vista como parte do processo de formação do sujeito, uma vez que a escola adquire uma conotação social imensurável. Assim, a escola tem o objetivo antropológico de garantir a perpetuação da espécie humana, sem perder de vista o desenvolvimento cultural.

As práticas inovadoras de ensino na educação básica têm gerado maior conotação na contemporaneidade, justamente por a escola ser um lugar potencial. Elementos culturais, sociais, políticos e tecnológicos devem fazer parte das práticas educacionais, possibilitando aos alunos subsídios para (re) construir sua história e até mesmo planejarem seu futuro.

Desta forma, surgem alguns questionamentos interessantes: como exigir práticas inovadoras de profissionais na sua atuação escolar? Como inserir as TIC nas escolas, se estas, muitas vezes, não dispõem de tecnologias modernas? Existe alguma forma de potencializar as práticas inovadoras de ensino mediadas pelas tecnologias? É evidente que esses questionamentos não possuem respostas prontas, mas indicam caminhos que podemos trilhar e colher alguns frutos.

Exemplos de pessoas ou grupos de pessoas, como é caso do GEOTEC, conseguem criar alternativas para resolver esses entraves descritos anteriormente. Pesquisas aplicadas e de engajamento desenvolvidas pelos pesquisadores do GEOTEC corroboram com as inovações, resultando em experiências e, conseqüentemente, reflexões sobre os rumos da educação, como afirma Hetkowski:

Nessa realidade educacional o GEOTEC desenvolve projetos e ações, bem como tem uma intensa imersão e engajamento no cotidiano das escolas, vivenciando, juntamente, com a equipe de gestores e professores às demandas, necessidades, conquistas, inovações e proposições à comunidade escolar e seu entorno. Este grupo de pesquisa, multirreferencial, tem como função social contribuir com a formação e qualificação dos profissionais da educação, bem como criar, nos espaços da escola, práticas inovadoras que envolvem, diretamente, os alunos em propositivas instigantes e potenciais às suas condições humanas. (2014, p. 05).

Sendo assim, as práticas inovadoras, segundo a autora, se distinguem de novidades tecnológicas. A inovação advém da práxis como alternativa ao modelo

pedagógico atual, prevalecendo no seu âmbito, à potencialidade de entendimento do mundo. A autora continua afirmando que:

[...] é necessário superar a ideia de inovação baseada em modelos pedagógicos tradicionais e, pensar na inovação pedagógica como propulsora de processos dialéticos às práticas humanas, as quais considerem análises crítico-reflexivas na criação de solução aos problemas sociais e, nas perspectivas para o presente e futuro dos alunos, especialmente aos sujeitos da Rede Pública de Ensino. (HETKOWSKI, 2014, p. 07)

Todo processo de ensino e aprendizagem desenvolvido por esse grupo de pesquisa, tem permitido uma aproximação entre a universidade (ensino superior) e as escolas públicas (ensino básico e técnico), gerando trocas de experiências. A ideia de que a escola e os alunos são objetos de estudos, são descartadas, pois tanto as universidades quanto as escolas aprendem e apreendem através das práticas.

Podemos citar alguns trabalhos desenvolvidos recentemente pelo GEOTEC, tais como: a Educação Científica no Ensino Básico desenvolvidos pelos (as) pesquisadores (as) Adelson Silva da Costa⁶ no Colégio da Polícia Militar da Bahia, Kátia Soane Santos Araújo⁷ na Escola Municipal Roberto Santos, ambos no município de Salvador e Rosângela Patrícia de Sousa Moreira⁸ no IFBA, município de Valença.

Trabalhos outros construídos e materializados por pesquisadores do GEOTEC, tais como de Cosme Jorge Patrício Queiroz⁹ no Colégio Polivalente do Cabula, e de Marcos Antônio Morais Ferreira¹⁰ no Colégio Militar de Salvador (Escola do Exército), assim como esta pesquisa, somam para uma compreensão satisfatória do papel do professor. Essas pesquisas aplicadas, participativas-colaborativas utilizam as geotecnologias para incentivar os estudantes a se tornarem pesquisadores, proporcionando-lhes uma oportunidade para buscar novos conhecimentos e saberes sobre o lugar.

Práticas inovadoras como essas expostas no parágrafo anterior transformam vidas e lugares. O lugar, no olhar do pesquisador, torna-se não apenas o *lócus* da

⁶ Aluno Regular do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB), turma 2015.

⁷ Aluna Regular do Doutorado em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB), turma 2016.

⁸ Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB), turma 2013.

⁹ Aluno Regular do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB), turma 2015.

¹⁰ Aluno Regular do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB), turma 2015.

sua pesquisa, mas num espaço de interação, conflito e indagação, outrora não percebido, além de oportunizar esperança para o futuro.

A participação e colaboração dos jovens pesquisadores durante a pesquisa os transformam e lhes concedem credibilidade, ou seja, deixam a condição de objeto de estudo, tornando-se protagonistas da pesquisa. É neste contexto que o produto desse trabalho pode gerar, talvez, algo imensurável, tanto nas riquezas de detalhes, como nas observações que somente o sujeito do lugar consegue captar. Segundo Freire (1988), não podemos reduzir os grupos populares à simples objetos da pesquisa, uma vez que estes detêm os saberes do espaço onde vivem. Uma pesquisa participativa-colaborativa possibilita compartilhar experiências e associar conhecimentos científicos aos saberes populares, gerando igual importância a esses conhecimentos. Não obstante, faz-se necessário, cada vez mais, a aproximação das universidades com o ensino básico, principalmente da rede pública, para que as teorias saiam dos centros acadêmicos e possam ser praticadas nas escolas. Gatti (2007) afirma que:

Os fatores aos quais se atribui, no geral, a insuficiente participação das instituições de ensino superior nos projetos de desenvolvimento ou inovações do sistema educacional, bem como a pouca utilização das pesquisas educacionais, são: desvinculação das universidades brasileiras com os níveis básicos de ensino; distanciamento das universidades em relação aos problemas práticos; visão idealizada e teórica da universidade sobre o ensino; falta de maior procura por parte dos órgãos governamentais em relação à universidade; o caráter teórico das pesquisas; a inexistência quase de trabalhos conjuntos; a falta de comunicação dos resultados das pesquisas; as dificuldades dos administradores de ensino em fazer a passagem da teoria para a prática; a rigidez do sistema educacional na absorção de propostas inovadoras; a pouca importância atribuída à pesquisa em alguns segmentos governamentais. (p.23)

Com isso, a educação é compreendida como a área profissional de intervenção nas práticas sociais, ou seja, os profissionais da educação podem questionar o modelo socioeconômico atual para proclamar uma transformação efetiva da sociedade. O distanciamento das universidades em relação aos problemas práticos da escola, exposta pela autora, somado a outros fatores são barreiras que devem ser transpostas e geram ações positivas nos ambientes escolares.

Portanto, é necessário compreender como a construção de uma expressão espacial pelos alunos pode colaborar para a percepção do espaço vivido e a

valorização do lugar. Sendo assim, a escola torna-se o palco de uma transformação socioespacial, pois o espaço percebido e concebido se constitui realidade e gera um sentimento de pertença.

2.2 CARTOGRAFIA ESCOLAR E GEOTECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE/SE

O produto final deste projeto, expressão espacial do município de Poço Verde (Atlas), poderá ser entendido como inovador do ponto de vista da utilização de geotecnologias nas escolas e na produção do conhecimento dos sujeitos sobre o município de Poço Verde. O uso dos mapas participativos caracteriza “o empoderamento e a emancipação da comunidade, dos sujeitos e do lugar [...]” (BRITO, 2013, p.91). Por este motivo, os mapas participativos surgem como interesses contrários à dominação hegemônica, ou seja, como forma de resistência local e afirmação social.

Cartografia é a ciência de representação gráfica da superfície da Terra, gerando como produto o mapa. A linguagem cartográfica é utilizada para enriquecer a comunicação entre o espaço representado e o leitor. Os conhecimentos cartográficos, necessários à vida cotidiana e adquiridos na sala de aula, ocorrem no contexto histórico do espaço geográfico, pela necessidade de expressar o processo de maneira que essa produção possibilite conhecimento para a vida social.

Cavalcanti (1999) acrescenta que:

A cartografia é um importante conteúdo do ensino por ser uma linguagem peculiar da Geografia, por ser uma forma de representar análises e sínteses geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela sua localização e pela explicação dessa localização, permitindo assim sua espacialização. Sabe-se que os alunos têm um interesse diferenciado pelos mapas. (p. 136).

Neste sentido, o professor de Geografia estimula os alunos a perceberem as dinâmicas existentes no espaço geográfico. Entretanto, quando se observa uma representação cartográfica, dificilmente ocorre uma percepção dos seus reais interesses. Ou seja, dificilmente há uma compreensão das informações contidas nos mapas. Diante disso, é necessário promover a alfabetização cartográfica para que o leitor entenda o processo de confecção do mapa e, posteriormente, possa lê-lo com criticidade (SIMIELLI, 2010).

Trabalhar os conteúdos cartográficos no Ensino Fundamental, não é tarefa simples para os professores de Geografia, pois é uma área profissional dinâmica e exige do profissional uma atualização constante. Embora existam diversas atividades escolares para a alfabetização cartográfica, é importante relacionar os conteúdos ao cotidiano dos estudantes.

Conteúdos didáticos, tais como Urbanização e Impactos Ambientais, por exemplo, auxiliados por mapas locais do centro urbano a que os alunos fazem parte, podem levá-los a uma reflexão mais completa. Da mesma forma, aqueles estudantes que moram no meio rural podem ser beneficiados por mapas que retratem o avanço da erosão na sua região, devido à monocultura. Brito (2013) aborda que:

Neste sentido, a proposição das aulas deve perpassar a aplicação de atividades integradas à realidade que possam motivar os alunos e incentivá-los a aprenderem. A utilização de recursos cartográficos possibilita a apreensão da realidade, aproximando o espaço vivido das teorizações discutidas, bem como motivando uma relação de aproximação entre os sujeitos e os mapas, uma vez que estes fascinam os seus leitores através de seu simbolismo e de seus aspectos retóricos, mas também pelo processo de comunicação estabelecido, no qual os conhecimentos prévios dos alunos podem ampliar a carga informacional do mapa e, ainda, numa possibilidade mais avançada, outras inferências e conhecimentos podem ser levantados. (p.27).

Por fim, observa-se que a função do professor, nesse contexto hegemônico e globalitário, junto as TIC têm uma complexidade ainda maior, necessitando de discussões mais profundas e acima de tudo, práticas compatíveis com a realidade da educação brasileira.

2.2.1 Geotecnologias mediando conhecimentos e saberes

Com o crescimento do uso e do aprimoramento das geotecnologias, a informação tornou-se mais próxima da sociedade em geral. Outrora, essas tecnologias se restringiam às classes dominantes com interesses mercadológicos, ou seja, capitalistas. Nesta proposta de trabalho, adotaremos o conceito de geotecnologia proposto pelo GEOTEC, o qual propõe uma visão social das técnicas.

Embora, estudos demonstrem um entendimento sobre geotecnologias apenas na dimensão técnica, o grupo de pesquisadores do GEOTEC compreende a geotecnologia e suas dimensões sob um viés social, antropológico, emocional, político,

cultural e educacional, uma vez que envolve sujeitos criativos, trata da condição deste sujeito e associa elementos da técnica e de diferentes linguagens. (HETKOWSKI, 2010, p.12).

Portanto, as geotecnologias mediam a compreensão do espaço sob um olhar crítico, percebem as relações sociais e identificam os interesses dominantes implícitos e/ou explícitos. As geotecnologias potencializam também, as práticas pedagógicas, não somente aos professores de Geografia nas aulas de expressões cartográficas, mas também para os demais interessados na compreensão do espaço e na relação da sociedade com a natureza. Ou seja, uma estratégia didática de aplicabilidade.

A mediação da expressão espacial de Poço Verde, potencializará aos sujeitos a participação efetiva na construção do conhecimento local, cuja experiência possibilitará (re) pensar o espaço onde vivem. Nessa reflexão, sobre a cidade, o conceito de lugar se fortalecerá, pois o reconhecimento do espaço é elemento fundamental para o entendimento do mundo.



Figura 3: Localização do município de Poço Verde-SE.
Fonte: Google Maps.

Poço Verde é um município de Sergipe, que está localizado na região semiárida do nordeste brasileiro (figura 3). Com aproximadamente 24 mil habitantes, segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para 2014, o município tem sua economia baseada na agricultura, principalmente na produção de milho e feijão, no comércio e na indústria. No entanto, em 2013 foi inaugurada uma fábrica de calçados, contudo, o município apresenta carência na sua base de dados. Constatando-se a necessidade de criar uma expressão espacial,

a partir do olhar dos sujeitos, e assim, esta proposta surge como agente conciliador entre a pesquisa e os conhecimentos locais. É neste contexto que Brito (2013) aponta:

A necessidade, quase que emergencial, da sistematização do conhecimento local na produção de mapas, é contextualizada e localizada e, oferece subsídios interessantes para a análise da percepção espacial diferente da cartografia, comumente, produzida. Estes processos de mapeamento fornecem a possibilidade de comparação entre as várias maneiras em que as compreensões do mundo natural foram produzidas pelas diversas culturas, em diversos lugares, em tempos distintos. Estes mapeamentos se caracterizam como ações de resistência, de afirmação e validação dos conhecimentos locais. Os diferentes componentes do sistema de conhecimento local são interligados por meio de técnicas de visualização espacial, como mapas, modelos, diagramas e desenhos. (p. 90-91).

Sendo assim, os mapas produzidos de forma colaborativa - participativa com a comunidade, uma vez que esta possui conhecimentos específicos do espaço expressado, promovem a interação entre o saber local e as técnicas aplicadas na construção do espaço.

É nessa perspectiva que a integração dos saberes e conhecimentos adquiridos pelos partícipes, antes, durante e depois desta pesquisa, contribui para um entendimento mais amplo do lugar e, conseqüentemente, do mundo. Reunir essas inteligências possibilita a construção coletiva do conhecimento. A inteligência coletiva visa mobilizar as competências, uma vez que é distribuída por parte e coordenada em tempo real. Contudo, a construção do conhecimento faz parte de um movimento global que se materializa nos lugares em diferentes tempos. Assim, deve-se afirmar que “[...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas [...]”(LÉVY, 1998, p. 29). Esse conceito de inteligência coletiva representa a vida em sociedade, pois o trabalho em conjunto não é apenas um modelo de vida e sim uma forma de compartilhar experiências.

Como deve ter ficado claro, a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente coletivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar em comum acordo” ou no sentido de “entendimento com o inimigo”. Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. A inteligência coletiva examinada neste livro é um projeto global cujas dimensões étnicas e estéticas são tão importantes quanto os aspectos tecnológicos ou organizacionais. (LÉVY, 1998, p. 26).

Para o autor, as competências, o aprendizado recíproco e a inteligência coletiva são partes de uma indispensável instrumentação técnica, que resulta em um verdadeiro espaço do saber, que por sua vez, deve-se à velocidade de evolução das informações e à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos.

São as experiências vividas pelos alunos do “Epifânio” que construirão uma expressão espacial dos lugares, antes vistos, apenas, como locais de convivência. À medida que os discentes mergulham nos seus lugares, *lócus* de pesquisa, potencializam seu entendimento sobre o espaço vivido. Perceber e conceber os espaços de Poço Verde faz parte da estratégia pedagógica para analisar as dinâmicas espaciais e entender que o lugar tem vários sentidos e, quase nunca, são compreendidos igualmente por diferentes pessoas.

As tecnologias são compreendidas, neste trabalho, como processos humanos criativos, que envolvem os instrumentos e técnicas (materiais) e as ações simbólicas e cognitivas (imateriais). Ou seja, tecnologia é a capacidade de o homem recriar formas (saber fazer) de suprir suas necessidades.

As geotecnologias envolvem as tecnologias aplicadas ao estudo do espaço, juntando-se, assim, as técnicas com a potencialidade de produção. A aplicação de tecnologias ao estudo do espaço tem proporcionado ao homem compreender melhor as relações socioespaciais que lhe interessa. Portanto:

a geotecnologia representa a **capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana**. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI ,2010, p.06) (grifo meu).

A autora defende que as geotecnologias potencializam a compreensão do espaço, pois seus instrumentos aproximam os conhecimentos sobre o lugar do cidadão. São espécies de constatações que estes instrumentos possibilitam. Instrumentos, como imagens de satélites, fotografias aéreas, mapas e

representações, por exemplo, possibilitam ao leitor do espaço uma compreensão mais próxima da realidade.

Entende-se que o espaço sofre transformações constantes, as quais outrora tinham um ritmo menos acelerado, o que causa uma (re) modelagem da paisagem e seus elementos. Portanto, as geotecnologias auxiliam no acompanhamento dessas transformações, levando a sociedade a conhecer a dinâmica espacial do lugar onde vive, ou até mesmo do mundo.

Vale salientar que a compreensão de geotecnologia neste trabalho foge da abordagem tecnicista¹¹, considerando-a como a capacidade criativa do homem em registrar seu espaço, potencializando sua criatividade. Neste contexto, o desenvolvimento das TIC é percebido também como potencializador às geotecnologias e ao redimensionamento das relações com o tempo e espaço.

2.2.2 Construção do Atlas: potencialidades e oportunidades no entendimento do lugar

Nas “andanças” enquanto professor de Geografia no Ensino Básico tenho observado certa dificuldade dos alunos em compreender os mapas cartográficos. Muitas vezes, os discentes veem os mapas como simples figuras ilustrativas dos livros didáticos totalmente desconectados do texto que o acompanha. Ao alertar esses estudantes de que os mapas “falam”, foi possível ouvir brincadeiras, tais como: “Como os mapas falam, se eles não têm boca?”; “Não entendo nada que esse mapa mostra!”; “O mapa está todo colorido aqui!”. Brincadeiras estas que retratam a falta de conhecimento e compreensão dos mapas e que se torna preocupante à medida que, cada vez mais, as formas de linguagem se ampliam no mundo.

Ainda que esses problemas de compreensão sejam latentes no dia a dia do professor de Geografia, é admissível elaborar estratégias para auxiliá-los nas práticas escolares. Porém, antes de tudo, é necessário acreditarmos que os mapas “falam” e que para entender todo esse discurso precisamos nos apropriar dos elementos disponíveis para sua leitura. Assim:

¹¹ De acordo com Brito (2013, p.21) “O termo geotecnologia, na perspectiva tecnicista, denota a área do conhecimento que utiliza técnicas matemáticas e computacionais para o tratamento da informação geográfica e que vem influenciando, de maneira crescente, as áreas de cartografia, planejamento e gestão territorial urbana e regional, de recursos naturais, entre outras. As ferramentas computacionais para geotecnologias, chamadas de Sistemas de Informação Geográfica - SIG, permitem realizar análises complexas, ao integrar dados de diversas fontes e ao criar bancos de dados georreferenciados”.

A compreensão da linguagem cartográfica abrange o uso dos elementos do mapa, sejam eles materialmente representados ou virtualmente apresentados, com a finalidade de mediar o entendimento sobre a variável geográfica, ou seja, de entender a distribuição dos fenômenos, suas pertinências, influências e repercussões nos sujeitos, bem como as possibilidades espaciais derivadas. (BRITO, 2013, p.47)

Por conseguinte, o autor ressalta a importância de estarmos atentos aos elementos materialmente representados (cores, símbolos, figuras e etc.) e aos virtualmente apresentados (intencionalidade, perspectivas, usualidade e etc.). Portanto, a interpretação da relação do sujeito com o mapa sempre será útil para melhor compreensão e uso das linguagens cartográficas.

A Geografia, em especial, a Geografia Escolar exerce papel fundamental para a conscientização da produção espacial, pois a Geografia escolar é considerada como uma forma específica de raciocinar e de interpretar a realidade apresentada (ou não) e as relações espaciais (CAVALCANTI, 2008). Para isso, devemos levar em consideração as experiências do alunado, entrelaçando suas vivências (práticas) com os conhecimentos geográficos (teóricos). Assim, concordamos com a ideia de que:

A estruturação da geografia escolar é realizada e praticada, em última instância, pelo professor dessa matéria, em seu exercício profissional cotidiano. Para isso, ele tem múltiplas referências, mas as mais diretas são, de um lado, os conhecimentos geográficos acadêmicos, tanto a geografia acadêmica quanto a didática da geografia, e, de outro a própria geografia já constituída. (CAVALCANTI, 2008, p. 25).

Essa dicotomia entre a Geografia escolar e a Geografia acadêmica, muitas vezes alimentada pelos profissionais da área geográfica, enfraquece ainda mais a ciência. O erro cometido por achar que a Geografia escolar é a simplificação da ciência é o mesmo que achar que a academia irá delimitar a prática do professor de Geografia. Acreditamos, então, que ao invés de dicotomizar, devemos agregar esses conhecimentos em nossas práticas escolares. Uma espécie de praticar a teoria e teorizar a prática.

Nesse contexto, optamos em produzir um Atlas para expressarmos nosso olhar sobre alguns lugares do município de Poço Verde. Uma prática inovadora de ensino de Geografia que consiste em valorizar os conhecimentos e saberes dos

nossos alunos, jovens pesquisadores, juntamente com a comunidade, em relação ao seu espaço vivido.

No entanto, este Atlas foge da regra tecnicista de elaboração de mapas. Propomos a expressão espacial como forma de entendimento do lugar e, portanto, do mundo já que é nele (lugar) que percebemos o espaço global. Ao buscarmos o significado do termo Atlas no dicionário *on-line*¹² percebemos que além dele ter significados desconhecidos, é comum relacionar a palavra ao conjunto de mapas. Numa visão contemporânea, o Atlas torna-se uma coleção, que pode ser de mapas ou de assuntos comuns, em geral com apresentação de figuras, desenhos ou fotos. Encontramos, então, o termo Atlas referindo-se a diferentes setores do conhecimento, tais como: Atlas do corpo humano, Atlas Botânico, Atlas de acupuntura, entre tantos outros sentidos.

Conseqüentemente, o Atlas de Poço Verde construído pelos sujeitos tem características didáticas que auxiliam o processo ensino e aprendizagem nos conteúdos que discutem as transformações socioespaciais. A construção de um Atlas municipal conduz o aluno e o professor à compreensão da cidadania como participação social e política, uma vez que essa expressão do espaço reflete sua percepção crítica do lugar.

Cavalcanti (2008) ao traçar preocupações a respeito das práticas de ensino na Geografia, chama a atenção para a alfabetização cartográfica através do desenvolvimento da linguagem cartográfica:

Essa indicação metodológica tem como um dos eixos norteadores a alfabetização cartográfica e o trabalho com as representações de mundos visíveis, objetivos, e de mundos subjetivos, numa compreensão de que **representações cartográficas não se limitam ao mapeamento e à localização objetiva e fixa das coisas e, mas devem dar conta de um espaço fluido, em rede, pleno de significações e sentidos.** (CAVALCANTI, 2008, p. 32) (grifo meu).

A expressão espacial de Poço Verde, não será apenas representação do espaço e sim uma confluência de conhecimentos, saberes, experiências, entre outras formas de externalização de sentimentos. O espaço fluido de que trata o

¹²No site <https://dicionariodoaurelio.com>, acessado em agosto de 2016, encontramos três significados da palavra Atlas: 1 Livro de mapas geográficos. 2 Volume de ilustrações elucidativas de um texto ou de uma área do conhecimento. 3 Primeira vértebra do pescoço, entre o crânio e o eixo.

autor é a interação entre o espaço local e o espaço global, no qual ambos sofrem interferências das relações globalizantes.

Para Simielli (2010), os mapas fazem parte da comunicação cartográfica que por sua vez é analisada basicamente pelo tripé: cartógrafo, mapa e usuário. Seguindo a teoria geral da comunicação, o usuário ganha importância no processo de transmissão de mensagem, fato que resulta na preocupação atual com os leitores dos mapas. Desse modo, a relação entre o mapa e o leitor é preenchida de significados que ambos carregam: o mapa com conhecimentos de quem os produziu e o leitor com experiências vividas.

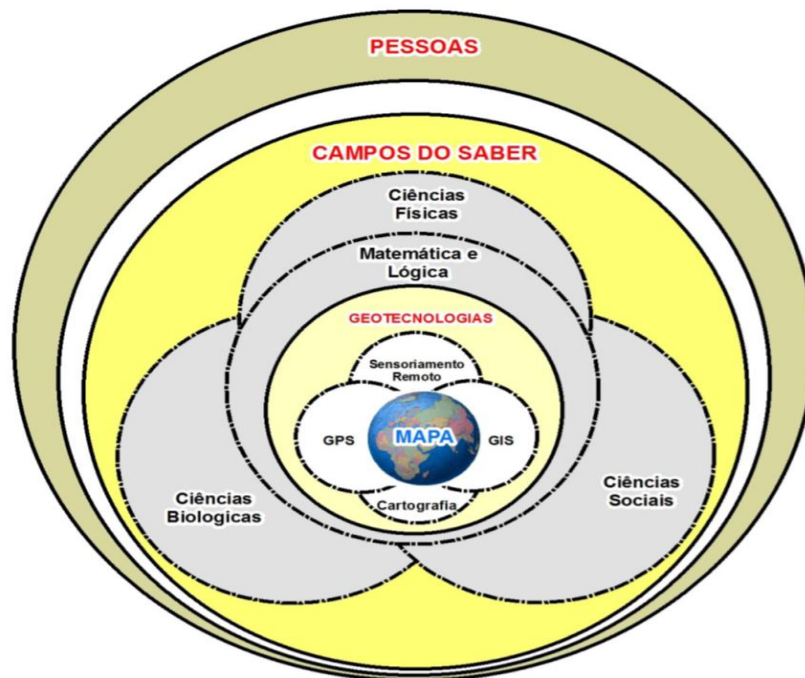


Figura 4: Esquematização da convergência cartográfica.

Fonte: BRITO, 2013

É nesse cenário de relação entre mapas e sujeitos que surge a convergência cartográfica. Sobre o ato de convergir cartograficamente, Brito (2013) defende que:

Os mapas atuam na convergência de conhecimentos acerca do espaço, inclusive daqueles que não são passíveis de representação através da cartografia tradicional, pois a convergência não ocorre no suporte cartográfico material, mas no “entendimento” dos sujeitos acerca da superfície territorial que pesquisam e/ou vivem. (p. 57).

Nessa perspectiva o autor, elabora uma representação imagética para sintetizar a convergência cartográfica (figura 4). A leitura do esquema pode ser feita

de duas formas. Uma, partindo do centro (mapa) em direção à borda (pessoas) e outra partindo da borda (pessoas) em direção ao centro (mapa). A construção do Atlas de Poço Verde segue na convergência partindo do mapa, pois:

[...] o mapa exerce o papel aglutinador através da seleção das geotecnologias, agregação dos campos do saber e, por fim, pela mobilização das pessoas, que, por meio desta interação podem ser denominadas de sujeitos. (BRITO, 2013, p. 58).

As geotecnologias e os campos do saber possibilitaram aos pesquisadores juniores do “Epifânio” a construção da expressão espacial do município em que moram (lugar). Essa convergência tem potencializado as práticas inovadoras de ensino, nessa escola, por proporcionar reflexões críticas ao uso do espaço urbano e rural. Então, para a construção do Atlas de Poço Verde, foi necessário que os participantes do Projeto da Rádio na nossa escola se apropriassem do espaço a ser expresso.

Assim, nesta pesquisa utilizamos mapas pré-construídos para serem interpretados e relacionados com a realidade dos sujeitos da pesquisa. Imagens de satélites extraídas do *software* livre *Google Earth*¹³ serviram de base para que, somados aos conhecimentos e saberes adquiridos através das pesquisas dos jovens pesquisadores, pudesse ter sido construído o Atlas de Poço Verde.

A apropriação do espaço aconteceu através de pesquisas científicas sobre determinados espaços do município, escolhidos pelos próprios pesquisadores. Essas pesquisas possibilitaram maior aproximação com o lugar e, conseqüentemente, com conhecimentos históricos, sociais, econômicos e políticos do local. Vale salientar que, os lugares foram escolhidos de acordo com a relação existentes com os sujeitos. Praças, frequentadas diariamente pelos adolescentes, bairros, povoados, e até a própria escola que estudam, viraram objeto de investigação. Com domínio crítico das transformações espaciais, foi utilizado dois mapas do município para servir de base e nele preenchemos com informações

¹³ “O Google Earth e Google maps permitem que o Utilizador visualize e utilize uma variedade de conteúdos, incluindo dados de mapas e de terreno, imagens, fichas de empresas, trânsito, comentários e outras informações relacionadas, fornecidas pela Google, pelos seus licenciadores e pelos seus utilizadores”. Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/download/ge/agree.html>>. Acesso em: 17 out. 2016.

adquiridas através das pesquisas. Sendo assim, além dos mapas, o Atlas possui textos e fotografias que configuram outras formas de expressão espacial.

Portanto, as geotecnologias oportunizam as possibilidades do entendimento do lugar, através das práticas inovadoras de ensino e do entrelaçamento dos conhecimentos e saberes dos jovens pesquisadores. Sendo assim, a construção do Atlas perpassa por diversas discussões teóricas e práticas que extrapolam o tecnicismo da cartografia tradicional.

Nesse interim, a expressão espacial construída pelos jovens pesquisadores soa como uma nova forma de linguagem a ser explorada pelos professores de Geografia. Podendo também ser desbravada por professores de outras disciplinas já que existem diversas formas de expressar o entendimento de um determinado assunto ou conhecimento.

A próxima sessão demonstrará como ocorreu o processo de construção do Atlas de Poço Verde. Processo este repleto de interação, ensino e aprendizagem, uma vez que foi o primeiro projeto dessa magnitude em que a escola, os alunos e eu fizemos parte. Foram, aproximadamente, dois anos de projeto, desde seu planejamento até sua execução. Experiência única que iremos apresentar a seguir.

3 CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE POÇO VERDE: PROJETO, ESCOLA E LUGARES

O projeto “A rádio da escola na escola da rádio” foi implantado na Escola Estadual Epifânio Dória por fazer parte da minha proposta de trabalho no GESTEC. Inicialmente, pretendia elaborar um Atlas com informações do município, no entanto percebemos que fazendo somente isso estaríamos reproduzindo conhecimentos. Foi então que o GEOTEC indagou-me a respeito dessa construção equivocada e sugeriu-me partir do entendimento do lugar para posteriormente construir o Atlas.

O Projeto Atlas, portanto, nasceu dessa necessidade de construção coletiva, tanto dos conhecimentos e conceitos quanto da própria expressão espacial do município de Poço Verde. Nesse interim, ratificamos que o Projeto Atlas é uma ramificação do Projeto da Rádio, posto que o objetivo é a expressão do espaço através de pesquisas que resgatem a história e a memória dos lugares. As geotecnologias, por sua vez, vão mediar o entendimento do lugar através de suas potencialidades e assim auxiliar na construção do espaço.

Assim, o Projeto Atlas priorizou, primeiramente, o entendimento do lugar por parte dos jovens pesquisadores da escola para, depois, partirmos para a expressão espacial através do Atlas. Este, por sua vez, consiste em textos, fotografias e mapas como diferentes formas de expressão e linguagem.

A Escola Estadual Epifânio Dória, localizada na Rua José Emídio dos Santos, s/n, município de Poço Verde, Sergipe, é composta por 35 funcionários (figuras 5 e 6). São 21 professores, uma coordenadora, um diretor, uma secretária, três auxiliares de serviços básicos e quatro merendeiras. Dos professores, 12 integram o Ensino Fundamental II, cinco integram o Ensino Fundamental I e quatro estão exercendo outras funções. Três professores do Ensino Fundamental II, além de lecionar disciplinas de sua formação, complementam a carga horária lecionando outras disciplinas, tais como Religião, Artes e Sociedade e Cultura. A escola possui 355 alunos, sendo 260 do Ensino Fundamental II e 95 do Ensino Fundamental I. Quase sua totalidade mora na área urbana do município. Somente 15 alunos residem no campo, fazendo jus ao transporte escolar.



Figura 5: Fachada do "Epifânio".
Fonte: Autor



Figura 6: Localização do "Epifânio" na cidade.
Fonte: Google Earth

Principiamos o projeto na escola, fazendo algumas reuniões com duas turmas do 8º ano, com a finalidade de explicar qual seria a proposta da pesquisa e se gostariam de participar. Neste momento, mais de 30 alunos se manifestaram interessados em colaborar com o projeto. Mesmo com a intenção de trabalhar com uma média de 10 alunos, resolvi não fazer seleção e seguir para os primeiros encontros com os 30 alunos inscritos. No primeiro encontro, apenas compareceram 17 estudantes, os quais afirmaram ter gostado da proposta inicial de construir um

Atlas, utilizando o *software* livre Quantum GIS¹⁴. Já no primeiro encontro, percebemos um fascínio, por parte dos alunos, por instrumentos modernos de tecnologias. No entanto, alertamos todos quanto à necessidade de conhecermos outros tipos de tecnologias aplicadas ao estudo do espaço, tais como: textos, fotografias, depoimentos e até a própria observação, já que compreendemos as geotecnologias como capacidade criativa da humanidade em representar o espaço (HETKOWSKI, 2010).

Portanto, para a construção do Atlas de Poço Verde foi necessário garantir no projeto a participação e colaboração dos sujeitos da pesquisa e da comunidade escolar, uma vez que optamos por uma abordagem participativa-colaborativa. Propusemos encontros com pais, gestores, professores da escola, professores convidados, comunidade escolar, além de encontros frequentes com os pesquisadores juniores. Seguimos a ordem cronológica de cada encontro para que os leitores dessa obra possam entender a dinâmica e a complexidade com que construímos o Atlas e suas consequências.

Além disso, optamos em dividir esta sessão em dois momentos. O primeiro momento ocorreu desde o início do projeto na escola até a apresentação da fase primitiva das pesquisas em um evento na Bahia, tudo isso aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2015. O segundo momento ocorreu durante todo o ano de 2016 quando finalizamos as pesquisas, viajamos novamente para a apresentação dos trabalhos na Bahia e construímos o Atlas de Poço Verde.

3.1 PROJETOS ATLAS: EXTENSÃO E INOVAÇÃO NO PROJETO A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO

Como forma de inovação no Projeto da Rádio, propusemos construir um Atlas de Poço Verde com o intuito de expressar o lugar sob a ótica dos sujeitos da pesquisa. No decorrer do tempo os participantes começaram a denominar o projeto de “Atlas” e assim passamos a reconhecê-lo. É necessário frisar que sempre

¹⁴ O Quantum GIS é um dos softwares livres mais utilizados no Brasil por quem trabalha com produção de mapas. “O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation (OSGeo). Funciona em Linux, Unix, Mac OSX, Windows e Android e suporta inúmeros formatos de vetores, rasters e bases de dados e funcionalidades.” Disponível em: <http://qgis.org/pt_BR/site/about/index.html>. Acesso em: 11 abr. 2016.

esclarecemos que este projeto (Atlas) faz parte de outro projeto (Rádio) que, conseqüentemente, é integrado ao GEOTEC. A todo o momento os integrantes deste grupo de pesquisa participaram não só da construção do Atlas, mas também na construção deste trabalho. Ocorreram diversos encontros, os quais foram denominados de fóruns, até definirmos a proposta de trabalho contendo método, objeto, objetivos, entre outras partes fundamentais para a concretização deste projeto.

As práticas inovadoras, defendidas pelo GEOTEC, são embasadas em princípios de colaboração e de implicação à gênese da inteligência coletiva escolar (HETKOWSKI, 2014). Neste caso, os participantes são compreendidos como sujeitos potenciais às transformações socioespaciais. Igualmente, as práticas inovadoras de ensino são percebidas pela participação e colaboração dos alunos do “Epifânio”, assim como da comunidade escolar.

Durante o ano de 2015, desenvolvemos diversas atividades na escola. Os encontros foram organizados de forma combinada com os sujeitos da pesquisa e com a gestão da escola. Sugerimos, inicialmente, fazer os encontros durante as quartas-feiras, mas nem sempre era possível, devido às outras atividades que os alunos eram submetidos na escola ou fora dela. É necessário frisar que além dos encontros transcritos a seguir, aconteceram outros. Os encontros que não foram transcritos aqui de uma forma ou de outra transparecerá nos resultados dos encontros subsequentes. O projeto não funciona somente nos encontros programados, mas a todo o momento. O pesquisador, por exemplo, não espera o dia do encontro para tirar dúvidas, ele me procura na escola, manda mensagem para o celular ou até mesmo e-mail. Assim, o Projeto Atlas, desde o primeiro momento, funcionou incessantemente, seja na ação ou até mesmo no ato de pensar, lembrar o lócus.

3.1.1 Primeiro Encontro

No primeiro contato com os sujeitos do projeto, ocorrido em 04 de setembro de 2015, discutimos sobre a organização dos encontros e posteriormente sobre o que de fato realizaríamos no projeto. Houve diversos questionamentos por parte dos estudantes sobre a elaboração do Atlas de Poço Verde, pois foi por esse motivo que estavam lá. Foi discutida também a utilização de programas de geoprocessamento

para a construção dos mapas. Com isso, surgiram dúvidas quanto aos computadores da escola, já que estes estavam quebrados.

Após perceber que a construção do Atlas utilizando, apenas, programas de geoprocessamento, sem antes trabalhar e explorar o entendimento dos sujeitos sobre seus espaços vividos, não possibilitaria um olhar crítico do mundo, resolvemos inverter os caminhos: antes os alunos iriam construir uma expressão espacial para depois perceber o lugar; com a mudança eles iriam investigar/pesquisar os lugares para depois expressá-los espacialmente. Assim, os partícipes escolheram diferentes lugares do município de Poço Verde para investigar. Alguns em equipes, outros em duplas e assim se dividiram de acordo com o relacionamento como os colegas e o lugar.

Entende-se assim, que pesquisar o lugar seria a melhor forma para a compreensão do mundo. O lugar, portanto, é a representação local do mundo, estando ele interferindo e sendo interferido pelas ações globais. Santos (2012, p. 161) defende que “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar.” Ou seja, os alunos do “Epifânio” iriam compreender o mundo através de suas pesquisas locais, pois nelas estão reflexos sociais, econômicos, políticos e organizacionais do mundo. Nesse momento também, perceberão o movimento de homogeneização do espaço através do lugar, mas que em contrapartida, o “lugar defronta o Mundo, mas também o confronta, graças à sua própria ordem.” (SANTOS, 2012, p. 166).

Foi realizada uma breve apresentação sobre o Projeto da Rádio, priorizando o argumento: olhar dos sujeitos sobre o lugar onde vivem. Os alunos se empolgaram e ao mesmo tempo se mostraram receosos com a possibilidade de construir um trabalho reconhecido e, assim, apresentarem internamente ou externamente à escola. Logo, surgiram algumas ideias do que pesquisar, mas foram nas conversas entre eles, que os lugares “atrativos” seriam ideais para expressar seus sentimentos.

O Projeto da Rádio valoriza as experiências e as vivências dos sujeitos sob o espaço vivido:

Assim, o projeto da Rádio objetiva possibilitar aos alunos e professores da Rede Pública, através das potencialidades das Geotecnologias e das TIC, o registro da história dos bairros e a memória de eventos e fatos que constituem a cidade de Salvador/Ba

a partir do lugar vivido e percebido, potencializando-o a ser reinventado e valorizado em sua essência. (HETKOWSKI, 2014, p.08).

A autora, então, defende que o projeto é uma prática inovadora, cujo objetivo é possibilitar aos alunos/pesquisadores conhecer a história de sua cidade e, portanto, de seus lugares. Proporcionar um ambiente de pesquisa e de construção de conhecimentos pelos alunos da Rede Pública de Ensino é, sem dúvida, uma prática inovadora.

Foi neste momento que ocorreu uma imersão da pesquisa no Projeto da Rádio, pois estes meninos e meninas do “Epifânio” engajaram-se na educação científica e com isso assumiram o compromisso não somente com a escola que pertencem, mas com um conjunto de instituições que constituem o projeto.

Com os questionamentos elaborados pelos alunos em relação ao Projeto da Rádio, ficou acertado outro momento para ser socializada a apresentação completa sobre este projeto. Para essa apresentação, assistimos o Filme Documentário “Casulo”¹⁵, desenvolvido por Jordan Mendes¹⁶, pesquisador do GEOTEC, colaborador do Projeto da Rádio e ex-aluno do GESTEC.

3.1.2 Apresentação do Projeto da Rádio e exibição do filme documentário “Casulo”

No dia 14 de setembro de 2015, estreamos o encontro externando uma preocupação com a participação dos alunos no projeto. A turma foi indagada sobre o motivo de não confirmarem a presença neste encontro pelo aplicativo *Whatsapp*¹⁷,

¹⁵ Casulo é mais do que um filme documentário. Casulo é uma pesquisa científica, é a voz dos alunos da Escola Pública, é uma possibilidade outra de conceber a Educação Básica.

Casulo é o registro dos sentimentos de alunos da Educação Básica Pública acerca de experiências de pesquisa sobre o lugar, a cidade. Experiências que extrapolam as salas de aula e os muros da escola, dando outros sentidos aos processos formativos formais desses meninos e meninas da Escola Pública. Disponível em: <<http://www.casuloofilme.com.br/#!/portfolio/cjg9>> Acesso em: 12 fev. 2016.

¹⁶ Jordan Santos Mendes é Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo (2010) e Especialista em Docência no Ensino Superior (2012) pelo Centro Unijorge, é Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (2015) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O "Casulo" foi o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da sua pesquisa de Mestrado Profissional em Educação. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9812901393268995>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

¹⁷ O “WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone, e Nokia e sim, esses telefones podem trocar mensagens entre si! Como o WhatsApp Messenger usa o mesmo plano de dados

que utilizamos para comunicações rápidas. Foi criado um grupo no aplicativo *Whatsapp* chamado “Atlas” com os integrantes do projeto, pois todos admitiram fazer uso do aplicativo. Nesta perspectiva, adotamos a afirmação de Alves, Coutinho e Rodrigues (2015), o qual defende que os aplicativos de comunicação instantânea podem virtualizar o aprendizado, pois:

Partimos do pressuposto de que as redes sociais, como Facebook, os *games*, os aplicativos e os *softwares* de comunicação instantânea, como o What’s App, podem se constituir para além da comunicação e entretenimento. Os aplicativos de geolocalização e de gerenciamento do trânsito são exemplos de como podemos dialogar com os conteúdos transversais na educação básica. Através desses aplicativos, o professor pode explorar conhecimentos, atitudes, valores e conceitos. Além disso, é possível promover atividades educativas com a interação desses próprios dispositivos. (2015, p. 46).

Os autores discutem sobre o potencial que as redes sociais exercem sobre as crianças e adolescentes e, que este potencial pode contribuir na educação desses jovens, uma vez que são utilizadas diariamente, tanto pelos discentes quanto pelos docentes. Ao passo que os alunos levam dispositivos móveis para escola, não podem ser ignoradas, contudo, é necessário buscar estratégias para incorporá-los no cotidiano escolar.

É importante frisar que os autores acima se amparam na inteligência coletiva teorizada por Levy (2008), mostrando que os aplicativos de comunicação “podem ser compreendidos como tecnologias intelectuais, que ampliam, modificam e transformam as funções cognitivas dos homens.” (ALVES; COUTINHO; RODRIGUES, 2015, p.47).

Outra preocupação socializada no encontro foi com o prazo, já ultrapassado para que todos enviassem suas propostas de pesquisas, contendo o lugar do município que iriam pesquisar e traçar algumas metas de como e quando iniciariam. Momento tenso e intrigante, pois todos se calaram. Não sabia se o silêncio era bom ou ruim.

de internet que você usa para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos. Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.” Disponível em:< https://www.whatsapp.com/?l=pt_br>. Acesso em: 15 abr. 2016.

Em seguida, discutimos sobre a participação em eventos futuros, que por acaso, poderíamos ser convidados e pela primeira vez expliquei detalhadamente como principiou e como funciona o Projeto da Rádio. Questões de como começou; o surgimento do nome; quem participa e os principais objetivos do projeto foram transcorridos durante este momento. Durante o documentário “Casulo” que assistíamos, foram apresentados alguns pesquisadores mais antigos do projeto.

Alguns comentários dos sujeitos foram observados, tais como: “Professor, vamos apresentar os trabalhos nesses lugares também?” e “A apresentação será desse jeito?” (informações verbais)¹⁸. As perguntas surgiram em que o documentário explorava os eventos em que os pesquisadores juniores participaram. Após o término do documentário, abrimos a discussão, mas nada foi questionado. Para finalização do encontro, decidimos sobre a prorrogação do prazo para a entrega do esboço do projeto de pesquisa.

Após assistirmos no documentário que os jovens pesquisadores apresentaram trabalhos em eventos regionais, surgiu a necessidade de ser realizada uma reunião com os responsáveis dos alunos para que, caso ocorresse uma apresentação fora de Poço Verde, todos já tivessem conhecimento dessa possibilidade. É importante salientar, que a partir desse encontro, foi decidido reconhecer os alunos do “Epifânio” como pesquisadores juniores, pois “O povo tem que participar na investigação como investigador e estudioso e não como mero objeto” (FREIRE,1988, p.37). O autor, ao discutir, sobre pesquisa participante, defende que os grupos populares são sujeitos de conhecimento e, portanto, devem fazer parte da pesquisa como autores. Ou seja, ao tempo que são pesquisadores juniores, os estudantes também são sujeitos desta proposta de intervenção. Neste interim, os pesquisadores do “Epifânio”, ao pesquisarem a história e a memória dos lugares, estarão mediando os passos importantes na construção do espaço de Poço Verde. O olhar da comunidade sob seu espaço vivido legitima qualquer pesquisa.

3.1.3 Encontro com os responsáveis dos alunos

No dia 17 de setembro de 2015, foi realizado um encontro com os responsáveis para que conhecessem o projeto e, caso concordassem, assinariam o

¹⁸ Sujeitos da pesquisa.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), exigido pelo Conselho de Ética da UNEB, já que os alunos são menores de idade.

Neste encontro, primeiramente, houve as apresentações e, em seguida, iniciou-se a apresentação do projeto de pesquisa, e, conseqüentemente, do Projeto Atlas. Relatou-se sobre aspectos do município de Poço Verde, com a apresentação de mapas e sobre as orientações que seriam disponibilizadas aos pesquisadores juniores, para que estes fossem os principais construtores do projeto. Foi discutido também sobre seus olhares a respeito dos lugares onde vivem, para assim, construírem conhecimentos antes não percebidos. Foi feita uma solicitação aos pais presentes, que colaborassem com incentivos para que os jovens pesquisadores ultrapassassem as barreiras e não desistissem, além de esclarecer a didática dos encontros do projeto. Antes do encerramento, alguns responsáveis expressaram palavras de incentivo e afirmaram a participação no projeto: “Tudo que venha a incentivar o meu filho estudar, eu apoiarei com muito prazer.”; “Eu trabalho na roça e não sei nem ler e nem escrever, mas vou fazer de tudo para que meu filho seja uma pessoa estudada.”¹⁹(informações verbais).

Esta reunião com os responsáveis foi primordial para que os pesquisadores juniores sentissem segurança nas ações do projeto. Os jovens pesquisadores têm realidades diferentes e quando estão nos turnos opostos à escola, alguns desenvolvem outras atividades, tais como: auxiliar a mãe nas tarefas de casa, cuidar de irmãos mais novos, trabalhar na agricultura familiar, frequentar reforço escolar, participar de escolinha de futebol, entre outras atividades e, que agora deveriam ter seu tempo compartilhado com as ações do projeto. Por isso, houve a necessidade de levar aos responsáveis pelos pesquisadores, a importância do projeto para a vida escolar e também para a vida social, uma vez que os estudantes têm acesso a informações e lidam com públicos externos à escola, tanto no ato da pesquisa quanto na apresentação desta.

A ideia de convidar aos pais e responsáveis pelos alunos surgiu da necessidade de aproximação da escola e do projeto com a comunidade. É importante frisar que nem todos responsáveis acompanham seus tutelados na vida escolar, realidade de outros espaços, além do município de Poço Verde e sim,

¹⁹ Responsáveis de alunos.

nacional. Portanto, ao adotarmos o método de pesquisa participativa e colaborativa, entendemos que os pais e responsáveis possuem papéis indispensáveis neste processo, como afirma Borda (1988):

A potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica, na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos. (BORDA,1988, p.60).

Baseamo-nos nas ideias do autor acima, por entender que a comunidade escolar determinará os rumos desta pesquisa, pois, não mais serão utilizadas como objetos de estudo, mas como avaliadores, participantes e colaboradores.

3.1.4 Encontro: Técnicas para pesquisas demográficas

No dia 23 de setembro de 2015, ocorreu o encontro denominado “Técnicas para pesquisas demográficas” com duração de 04h. É importante frisar que o colaborador, Prof. Me. Daniel Ribeiro de Albuquerque havia programado uma proposta cujo tema era a utilização de GPS pelo dispositivo móvel, no entanto, a escola estava com problemas na internet, gerando uma mudança de planos. É importante salientar que houve a comunicação, uma semana antes, à escola desse problema, e a gestão se responsabilizou em resolvê-lo, o que não foi possível devido à indisponibilidade de técnicos da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Assim, a opção em trabalhar com a construção de questionários e de gráficos partiu do professor Daniel, pois, este tem percebido a importância desses elementos numa pesquisa que envolve seres humanos.

As atividades foram iniciadas com uma “viagem” no mundo da pesquisa, discutindo sua importância e a dedicação que esta deve ter no ambiente escolar. Logo após, o professor iniciou à discussão sobre a importância na elaboração dos questionários, que porventura sejam usados em entrevistas. Como elaborar as perguntas; como direcioná-las para se extrair uma determinada informação; como escolher os entrevistados, foram questões debatidas com os partícipes, assim como tratar os dados obtidos nas pesquisas. Posteriormente, apresentou alguns tipos de

gráficos e, em seguida, pediu para que os participantes elaborassem um questionário para ser aplicado naquele momento, com outros estudantes que estavam no pátio da escola durante o intervalo (Figura 7).



Figura 7: Encontro Formativo de Técnicas em pesquisas demográficas.
Fonte: Autor

Após o retorno das entrevistas, juntaram-se todos com seus resultados e, em parceria com o colaborador, montaram os gráficos. Com os gráficos prontos, os pesquisadores juniores perceberam todo o processo de construção de informações e como o planejamento é importante para uma pesquisa. Por fim, houve alguns agradecimentos ao professor Daniel por ter disponibilizado seu precioso tempo conosco.

Segundo Parasuraman (1991), um questionário é basicamente um conjunto de questões, elaborado para gerar as informações necessárias para alcançar os objetivos da pesquisa. Nessa mesma perspectiva, o autor afirma a importância desse instrumento de coleta de dados, principalmente nas pesquisas de áreas sociais. Afirma também que construir um questionário, exige esforço e dedicação, pois seus objetivos dependem muito da elaboração das questões, portanto, torna-se relevante a adoção de métodos específicos para aperfeiçoar a coleta de dados.

Esta primeiro formativo, serviu, acima de tudo, para que os aspirantes a pesquisadores pudessem ter os primeiros contatos com o mundo da pesquisa. Os meninos e meninas voltaram à atenção para os conceitos, bem como as dicas apresentados pelo Professor Daniel, para que no momento da prática de suas pesquisas, aplicassem esses conhecimentos.

Percebendo a dificuldade dos pesquisadores ao apresentar propostas de forma escrita, houve um consenso entre os participantes do projeto em solicitar a presença e conhecimento da professora de Português da nossa escola. Foi feito o contato com a professora, explicando sobre a necessidade do grupo e gentilmente, esta se propôs a elaborar um encontro sobre produção textual.

3.1.5 Encontro: Produção Textual

No dia 28 de outubro de 2015, ocorreu o encontro “Produção Textual”, elaborada pela Prof^a Esp. Kathiúscia Santos Ribeiro, professora de Língua Portuguesa da escola. É importante salientar que este encontro foi planejado conjuntamente pelos partícipes do projeto, por identificarem muitas dificuldades na escrita. No encontro (figura 8) foram abordados temas, tais como: estruturas textuais, formas de escrita, uso da norma culta, principais erros, entre outros. Acredita-se que devido a grande quantidade de informação em um mesmo dia, houve pouca interação pelos sujeitos da pesquisa. Momento que percebemos o distanciamento entre o uso coloquial da Língua Portuguesa e sua norma culta.



Figura 8: Encontro Formativo de Produção Textual
Fonte: Autor.

Diante deste resultado, a colaboradora percebeu a importância de um acompanhamento efetivo dos pesquisadores e se colocou a disposição do projeto, inclusive sinalizando a importância de outras atividades com o mesmo tema. A professora agradeceu o convite e disse ter ficado feliz em participar do projeto. Os

estudantes agradeceram e confessaram estarem confusos e inaptos a produzirem textos. Foi neste momento que o projeto ganhou a primeira parceira na escola, motivo comemorado, e acima de tudo, aproveitado. Ficou combinado que uma semana após este encontro, os pesquisadores teriam que entregar um esboço com as primeiras impressões e informações sobre seus lócus.

Podemos citar a falta de leitura como uma das principais causas, senão a principal, em relação ao medo da escrita. Ora, se para escrever é necessário ler, então o ato de não escrever é resultante da pouca prática de leitura.

É latente a dificuldade de se expressar na modalidade escrita. Se para acadêmicos o ato de escrever é conflitante, imaginemos para os alunos do ensino básico. Os professores das diferentes disciplinas sentem essa dificuldade no cotidiano das escolas. Construir redações, resumos, entre outras atividades que explorem a capacidade de expressão, soa como tortura para os discentes. Assim, Machado (2008) conclui que:

A escola, de certa maneira, assumiu a bandeira da escrita como sendo de sua responsabilidade. A grande maioria das crianças chega à escola com muitas teorias sobre a escrita, mesmo que inconscientes, pois a infância, sobretudo a urbana, está absolutamente mergulhada num mundo *scriptológico* (a grande maioria dos elementos presentes no mundo contemporâneo carregam inscrições: carros, as ruas, os alimentos, os aparelhos, o vestuário, os animais, os agrotóxicos e ferramentas no campo) e, nos últimos anos, vai ficando claro que o ser humano, de certa forma “está feito de letras e números (DNA). Entretanto, a escola tem mostrado dificuldades em admitir estes saberes e incorporá-los, restringindo os trabalhos de iniciação ao universo escrito a questões instrumentais, esvaziadas de sentido. (p. 09).

Neste contexto, a autora, além de mostrar que o papel da escola na iniciação da escrita deve ser incorporado de realismo, afirma também que a formalidade ceifa a liberdade de criação no ato de escrever:

Porém, quando se oferece ao sujeito a liberdade de mostrar-se na folha, ele mostra seus desejos, seus medos, suas fantasias, sua riqueza interior, sua criatividade, sua capacidade ficcional misturada à intrincada trama de paixões que a vida de cada um de nós encerra. A escola e os professores ficam muito assustados quando estas questões cadentes vêm à tona. (MACHADO, 2008, p.09).

Por outro lado, Marques (2006) ressalta que o dicionário e a gramática são fundamentais na escrita:

Quem escreve, como quem lê, não pode ficar sem um bom dicionário, bom como o do mestre Aurélio, sempre à mão disponível; e os há especializados para quando o assunto o exigir. É ele ponto de encontro, mediação do entendimento compartilhado, tira-teimas, se necessário. (MARQUES, 2006, p.30).

Com isso, faz-se necessário criar estratégias para incentivar a escrita, tais como esta pesquisa propõe. Entretanto, é necessário também atentar-se pela formalidade da escrita sem causar constrangimentos, ou seja, podar os pesquisadores de sua criatividade e, portanto, de sua autonomia no ato de escrever.

3.1.6 Elaboração do esboço

No dia 04 de novembro de 2015, iniciamos o encontro com um dos temas angustiantes de uma pesquisa envolvendo seres humanos: a desistência. Dos 17 alunos que se propuseram a seguir no projeto, somente 10 estavam desenvolvendo atividades. São sabidas as possíveis causas: receio de não atender as expectativas, problemas familiares, trabalho, desinteresse, entre outros, apesar de alguns não explicitarem os motivos. Passado esse momento, reafirmei minha participação no projeto como colaborador e não como dono. Deixei claro que podemos conversar sobre os problemas decorrentes da pesquisa ou não. Diante desse problema, fiz algumas provocações, tais como: Quais eram as perspectivas deles no projeto? Quais as frustrações atuais? Como estava o processo de andamento da pesquisa? Os participantes permaneceram calados novamente. Diante da inércia, percebi que naquele momento eu era visto como um professor que estava aplicando um projeto na escola e não um parceiro de pesquisa como pensávamos outrora. Este problema gerou dificuldades no relacionamento, assim como sua própria identificação. Após essa discussão, voltamos ao encontro para discutir sobre a construção do esboço das pesquisas. Foi feita uma análise nos primeiros escritos dos partícipes e, em seguida, pedi que enviassem as correções pelo e-mail, momento em que houve a percepção de que a maioria dos jovens pesquisadores não sabia manusear um e-mail. Foi quando um partícipe da pesquisa sugeriu uma oficina para aprender a utilizar o correio eletrônico.

Os problemas encontrados nesta pesquisa são comuns na área de educação. O ambiente escolar é resultado de fatores externos, tais como famílias, trabalhos, amizades, ou qualquer outra interação com a sociedade. A sala de aula é um

caldeirão de experiências e vivências que ao misturá-las, dificilmente saberemos os resultados. Para investigar a escola é necessário adentrar e emergir nos atos e práticas que são próprios dos processos de ensinar e aprender.

Para tanto, Gatti (2007) ao discursar sobre as peculiaridades das pesquisas em educação, demonstra a preocupação em se tratar de pesquisas que envolvem pessoas, pois:

Em educação a pesquisa se reveste de algumas características. Porque pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida. O conhecimento a ser gerado aqui, raramente – e bem ortodoxamente poderíamos afirmar nunca – pode ser obtido por uma pesquisa estritamente experimental onde todos os fatores da situação podem ser controlados. (GATTI, 2007, p. 12).

A autora retoma a atenção dos pesquisadores em educação, para que estes não tratem as pessoas que compõem a comunidade escolar como objeto de pesquisa e sim como sujeitos que a compõem e a constroem, reafirmando que destacam Freire (1988), Borda (1988), Levy (1998), Brito (2013) e Hetkowski (2012).

3.1.7 Encontro: Correio Eletrônico (E-Mail)

No dia 11 de novembro de 2015, realizamos mais um encontro “Correio Eletrônico (e-mail)” na Universidade Aberta do Brasil (UAB), localizada no município de Poço Verde. O local foi escolhido devido às salas de informática e acesso a internet a cabo e WIFI. Para termos acesso à UAB, foi feita uma solicitação oficial a esta instituição em nome do Projeto da Atlas e da escola. Como os computadores da instituição são operados pelo sistema LINUX, ficou acordado de que os pesquisadores juniores que tivessem notebooks pudessem levá-los. Apenas três levaram equipamentos, os outros puderam utilizar as máquinas da própria sala que ocupávamos. Primeiramente, foi feita uma breve discussão sobre as diferentes formas de comunicação e dos diferentes tipos de correios. O correio eletrônico, objetivo desta atividade, surgiu como mais uma ferramenta de comunicação do grupo e veio suprir a necessidade de compartilhamento de arquivos, tais como: textos, slides, entre outros mais pesados que por meio do aplicativo Whatsapp não estávamos obtendo sucesso.

Neste encontro, além de cada participante criar seu próprio endereço eletrônico, também houve uma discussão de como anexar arquivos e participar de fóruns e grupos (figura 9). Culminando a atividade, criamos um grupo denominado: projetoatlas@yahoogrupos.com.br. É interessante ressaltar que no momento desta oficina, os participantes que apresentaram um domínio maior na rede internet auxiliavam os outros que raramente tinham manuseado um computador, corroborando mais uma vez com a participação e colaboração proposta nesta pesquisa. Assim, a visão sociointeracionista de Vygotsky (1994), identificada na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), faz sentido, ao afirmar que os participantes que detêm um maior conhecimento colaboram com os menos conhecedores de um determinado assunto ou atividade. Para Vygotsky (1994) a Zona de Desenvolvimento Proximal

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1994, p. 58).

Apesar do autor se referir às crianças menores de 12 anos, o que percebemos é a interação e troca de experiências na construção do conhecimento. Participantes de uma determinada atividade podem, em um momento ajudar seus colegas, como em outro momento podem ser ajudados por eles.



Figura 9: Encontro Formativo de Correio Eletrônico
Fonte: Autor

Com os esboços prontos e enviados para o grupo do e-mail (figura 10), aumentou a possibilidade de ajuda dos colaboradores, como a professora de Língua Portuguesa, que se prontificou a ajudar na construção textual da pesquisa. E, assim, partimos para a elaboração de um resumo expandido para que fosse realizada a inscrição na 3ª Edição do Encontro de Pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, que ocorreria no IFBA, campus Valença/Ba.

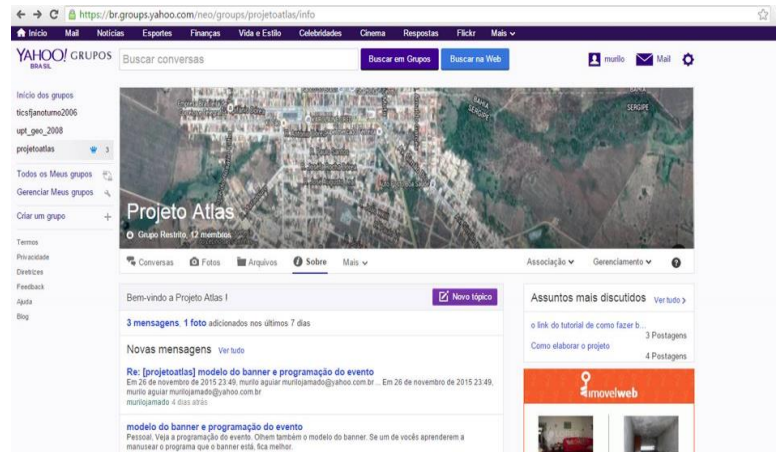


Figura 10: Perfil da página do grupo de e-mail do Projeto Atlas

3.1.8 Construção do resumo expandido

O encontro do dia 26 de novembro de 2015 foi reservado para a construção do resumo expandido para a submissão de trabalhos no evento do IFBA. Foi feita uma pesquisa na internet por parte dos pesquisadores sobre informações a respeito de seus lugares de estudo. Neste encontro escolhemos os títulos dos trabalhos, uns opinando nos trabalhos dos outros, portanto, mais uma vez a colaboração foi fundamental.

Apesar de gratificante, a escolha dos títulos foi muito dolorosa, pois os partícipes, com poucas experiências, tiveram dificuldade para sintetizar suas temáticas de pesquisa num título. Inicialmente, palavras soltas, sem coerência, mas aos poucos a titulação foi ganhando forma. Para isso, foram feitas diversas provocações para que os jovens pesquisadores pudessem organizar as palavras nos lugares certos.

No entanto, ao escolher o título das pesquisas, não necessariamente serão definitivos, uma vez que o título tem por finalidade identificar a escrita encerrada

pelo autor (MARQUES, 2006), ou seja, somente no final da obra será possível a titulação mais adequada.

Ao final do encontro, foram elaborados três resumos expandidos, cujos títulos são: “Desvendando o passado do povoado Malhadinha do município de Poço Verde/SE”, “Praça da Juventude: novas oportunidades de lazer para a comunidade de Poço Verde/SE” e “Praça da Santa Cruz: aqui nasceu Poço Verde”.

Com os resumos completos, submetemos os trabalhos para a comissão organizadora do evento. Poucos dias depois, os pesquisadores receberam e-mails de aceitação de trabalho e logo daríamos principio à próxima etapa: a construção dos *banners*, como a modalidade de apresentação.

3.1.9 Construção dos Banners

Marcamos mais uma vez na UAB, no dia 01 de dezembro de 2015, devido à facilidade do acesso a internet, no entanto, a mesma apresentava problemas de conexão no dia. Ao iniciarmos a construção dos banners para o Evento do IFBA, já que os trabalhos tinham sido aceitos pelo evento, chegou um grupo de técnicos solicitando a desocupação da sala que estávamos usando para que pudessem fazer a manutenção da rede e das máquinas. Com isso, houve um deslocamento para o “Epifânio”, gerando um atraso significativo nas atividades. Mesmo com os contratemplos, teríamos que fazer a escolha das fotos a serem colocadas nos banners, já que a parte escrita seria o próprio resumo expandido. Rapidamente os pesquisadores escolheram e assim ocorreu a montagem (figura 11).



Figura 11: Banners elaborados pelos pesquisadores juniores.

Com os banners prontos, ocorreu a percepção da materialização das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores juniores. Lembrando que o conteúdo explícito no material é apenas o projeto da pesquisa, contendo: a justificativa, o método e os objetivos. Contudo, tal material possibilitou motivá-los ao perceberem que seus esforços geraram resultados concretos.

3.1.10 Feira Cultural Do “Epifânio”

No dia 09 de dezembro de 2015, ocorreu o segundo dia da III Feira Cultural da Escola Estadual Epifânio Dória, que se tornou uma excelente oportunidade de apresentarmos nosso trabalho para a escola e toda comunidade. Foi realizada uma apresentação sobre o Projeto Atlas e, conseqüentemente, das pesquisas realizadas pelos partícipes (figura 12). Em seguida, os jovens pesquisadores fizeram uma breve apresentação dos seus lócus de pesquisa e como é ser um pesquisador. Após este momento, expuseram seus banners no pátio da escola, o que oportunizou a comunidade escolar em discutir, perguntar, tirar dúvidas e sugerir sobre cada trabalho, assim como perceber a importância de pesquisar.



Figura 12: Apresentação do projeto na Feira Cultural do “Epifânio”.

Fonte: Autor

Este momento foi importante, pois pela primeira vez, houve a oportunidade de apresentarem o Projeto Atlas para toda comunidade escolar (figura 13). Muitos alunos ficaram surpresos ao saber que seus colegas viajariam para apresentar trabalhos em um evento em outro estado. Portanto, o projeto passou a ser conhecido pelo seu trabalho e resultado, o que gerou mais um incentivo para os jovens pesquisadores.



Figura 13: Comunidade escolar.
Fonte: Autor

Durante as apresentações dos pesquisadores na Feira Cultural, percebeu-se uma curiosidade por parte da comunidade em relação à escolha dos temas das pesquisas. As palavras de incentivo foi outro fator importante, tais como: “Nos represente bem lá, viu!”, “Estamos torcendo por vocês!” (informações verbais)²⁰, entre outras manifestações que serviram de inspiração e também mais responsabilidade.

Mais uma vez a comunidade foi envolvida, não só nos resultados desta pesquisa, mas nos processos como citamos acima. O fato de pessoas que participam do ambiente escolar se manifestarem a favor do nosso projeto, é confirmarem que:

Nestes espaços, a inovação é um elemento, preponderante, para mobilizar a comunidade escolar na criação de alternativas e ações que despertem o desejo e o envolvimento dos alunos e, as TIC,

²⁰ Manifestação da comunidade escolar em relação à viagem dos jovens pesquisadores para Valença-Ba.

utilizadas e redimensionadas pelas crianças e jovens, potencializam iniciativas de pesquisa, conhecimentos, saberes, práticas e perspectivas à valorização de sua escola, rua, bairro, cidade e, apreendem e aprendem respeito aos seus familiares, professores e demais sujeitos. (HETKOWSKI,2014, p. 08).

Nesta perspectiva, o entendimento do lugar se torna latente à medida que os pesquisadores juniores imergem nos seus lócus. O apoio da comunidade nas investigações é fundamental para que esse entendimento seja expresso na escrita, uma vez que esses jovens relataram sobre as dinâmicas histórico-espaciais de fragmentos do mundo, o que Santos (2012) compreende como “lugares”.

3.1.11 III Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio

Partimos para o município de Valença/BA, no dia 09 de dezembro de 2015, às 14 horas, logo após a Feira Cultural da escola. A viagem estava composta por dez alunos e três responsáveis de alunos (duas mães e uma avó), uma professora e eu, totalizando 15 pessoas (Figura 14). Foi distribuído para todos um mapa do aplicativo *google maps*, contendo o roteiro da viagem, assim os viajantes teriam acesso ao caminho a ser percorrido. Além dos mapas impressos, alguns acessaram o aplicativo citado pelo dispositivo móvel, proporcionando maior conhecimento do percurso. Percebeu-se durante a viagem que mesmo sem uma determinação específica, os viajantes acompanhavam o roteiro e identificavam lugares expostos pelos mapas. Chegamos ao destino, aproximadamente às 21h e fomos recepcionados e acolhidos pela comissão de organização do evento.



Figura 14: Embarque para Valença.
Fonte: Autor

No dia seguinte, após o café da manhã, decidimos fazer uma visita ao Mirante de Valença, que fica ao redor da Igreja Nossa Senhora do Amparo, a fim da turma ter uma visão ampla da cidade que estávamos vivenciando. Em seguida, partimos em direção à praia de Taquari, localizada no município de Guaibim, que fica aproximadamente a 20 km de Valença. Uma praia linda, que abriga o encontro do rio Taquari com a praia de mesmo nome. Conforme chegamos, os professores e responsáveis fizeram uma série de recomendações de segurança, pois se tratavam de adolescentes do sertão em ambientes aquáticos. Diante da praia, quatro pesquisadores confessaram nunca terem tomado banho em águas marítimas – momento de emoção vivenciado pelos adolescentes e também por todos os presentes (figura 15). Aproveitaram assim as duas horas de lazer de forma contínua, ao ponto de não perceberem o passar do tempo. Desta forma, retornamos para o IFBA para que pudéssemos organizar as apresentações e almoçarmos.



Figura 15: Praia de Taquari.
Fonte: Autor

Os pesquisadores juniores demonstraram maturidade e sabedoria durante todo o evento. Assistiram algumas mesas redondas e palestras, antes das apresentações dos seus respectivos trabalhos. Estavam ansiosos e preocupados com seus desempenhos. No momento da exposição dos banners (Figura 12 e 13), foi necessário deixá-los a vontade para que superassem ou amenizassem o nervosismo. Foi feita uma observação de longe e ao mesmo tempo uma visita pelos outros trabalhos dos pesquisadores de outras instituições escolares. Os visitantes, bem atentos, questionaram e tiraram suas dúvidas com os pesquisadores e o melhor de tudo: deram sugestões (Figura 16). As sugestões surgiram não somente dos visitantes e pesquisadores acadêmicos, mas também, de alunos experientes que já fincaram suas vidas na pesquisa.



Figura 16: Apresentações dos Banners no IFBA em Valença.
Fonte: Autor.

O nervosismo que os jovens pesquisadores do “Epifânio” demonstravam outrora, logo cedeu lugar a espontaneidade e tranquilidade de apresentar com veemência “seus lugares” pesquisados, uma vez que estes perceberam que ninguém mais naquele evento, conhecia Poço Verde tanto quanto eles. Momento de sabedoria e expertise ! Foi exatamente uma hora de duração de exposição, tempo suficiente para os pequenos pesquisadores tornarem-se mais confiantes e se sentissem motivados a continuarem pesquisando. Após este momento, houve uma mesa redonda formada por pesquisadores de todas as escolas com o tema “A dor e a delícia de ser um pesquisador” (Figura 17). A representante do “Epifânio” teve a oportunidade de expor as dificuldades encontradas durante a pesquisa no município de Poço Verde e também das consequências positivas que a pesquisa proporcionou a ela e aos outros colegas, tais como: aprendizado, maturidade e a própria viagem.

Depois dessa mesa redonda com os jovens pesquisadores, houve uma apresentação cultural com os alunos do IFBA e posteriormente o encerramento das atividades. A noite ficou livre para os pesquisadores, tanto juniores quanto os mais experientes, se conhecerem e trocarem conhecimentos. Os meninos do “Epifânio” juntaram-se com os três alunos e pesquisadores da Escola Municipal Roberto Santos para jogar bola no ginásio do Instituto Federal, espaço este que segundo eles os encantava, enquanto as meninas preferiram incorporar às rodas de conversas no pátio.



Figura 17: Mesa redonda com os pesquisadores juniores.
Fonte: Autor.

Na manhã seguinte, hora da despedida, muitos agradecimentos e saudações. Enquanto aguardávamos o ônibus, foi feita uma pergunta para os pesquisadores do “Epifânio”: qual foi a melhor parte do evento? Uns responderam timidamente que foi o momento das apresentações. Percebendo a timidez, foi feita novamente a pergunta e outros pesquisadores falaram mais claramente que foi a praia. Não podíamos esperar outra resposta de estudantes sertanejos que possuem pouca ou nenhuma experiência em espaços litorâneos. Afinal, antes de serem pesquisadores, são adolescentes que adoram brincar e curtir o lugar. E assim, nosso ônibus partiu para Poço Verde, deixando saudade no litoral Sul da Bahia e planejando outras participações em eventos.

3.1.12 Retorno do evento em Valença-Ba

Após a viagem, decidimos fazer um mural com exposições das fotos da nossa viagem e assim concretizamos. O mural, para nossa surpresa, chamou muita atenção dos outros alunos da escola. Essa motivação gerou curiosidade sobre nosso projeto, assim dezenas de alunos nos procuraram para saber mais um pouco sobre a curiosa “Rádio” (Figura 18). Muitos se sentiram orgulhosos pelo fato de colegas terem viajado para apresentar trabalhos sobre o município. “Estamos felizes em saber que meus colegas viajaram para longe para apresentar um trabalho”; “Foram até para praia!”; “Professor, se vocês forem à praia de novo, o senhor me leva?” (informações verbais)²¹.



Figura 18: Mural da Rádio.

Fonte: Autor.

²¹ Comentários de alunos da escola.

Como a escola estava em período de revisão para as provas, não houve uma intensificação sobre o resultado da viagem para todos os alunos da escola. Com isso, resolvemos encerrar as atividades do projeto no ano de 2015 para que os pesquisadores pudessem se dedicar as provas.

Alguns alunos concluintes dos 7º e 8º anos, propuseram-se a participar do projeto em 2016, uma vez que estes ainda não tinham ideia do que era pesquisa científica. Assim, pedimos para que os estudantes apresentassem uma proposta por escrito, contendo o que desejavam pesquisar e como pesquisar.

Já que algumas responsáveis dos jovens pesquisadores nos acompanharam durante o processo de construção desta etapa da pesquisa, julgamos necessário ouvir suas percepções. Ao serem indagadas se perceberam alguma mudança nos adolescentes desde o início do projeto, responderam:

- Você vem sentindo alguma mudança de comportamento em seu filho? - Meu filho desenvolveu a forma de falar, pois ele era muito tímido. Ele está mais ligado nas informações do dia a dia. Tinha dia que eu perguntava se ele estava sabendo das coisas que acontecia, ele me respondia que não. Agora ele já sabe. (Mãe 1)

- Você poderia dizer quais foram às mudanças que ocorreram com seu filho? - Juninho hoje está mais observador, já sabe onde fica praticamente qualquer coisa na cidade. Ele também perdeu muito a timidez. Outra coisa também foi o jeito dele se comportar nos lugares, está parecendo um rapazinho! (risos). (Mãe 2)

Diante dos argumentos das responsáveis, resolvemos saber o que a professora que nos acompanhou na viagem para o evento no IFBA/Valença achou das apresentações e do desenvolvimento dos pesquisadores juniores:

- O que você achou das apresentações dos alunos no evento?
- Foi fácil notar o comprometimento deles na pesquisa, sobretudo nas apresentações. Mostraram-se maduros, apesar de achar que alguns deles, ainda, não se deram conta de que são pesquisadores. (Professora)

A professora levantou um questionamento que nos inquietava até certo momento desta pesquisa: é necessário que os alunos se vejam como pesquisadores? Apesar de acreditar nessa necessidade, percebe-se que os estudantes se comportam de maneiras distintas perante o projeto, mas que todos valorizam. Cada um apresenta uma forma de inserção na pesquisa, uns mais

dedicados e outros menos, mas todos se imergem. Tentar homogeneizar essa inserção seria algo desnecessário.

Perceber a manifestação de alguns dos colaboradores desta pesquisa, tais como responsáveis dos jovens pesquisadores e alguns professores, torna-se válido para que possamos aprimorar nossas práticas e compreender melhor nosso trabalho. É uma espécie de autoavaliação que nos auxilia na percepção das práticas e no planejamento de novas ações.

Com a realização da viagem compreendemos a importância de sairmos da escola e divulgar nosso trabalho. É como se pudéssemos mostrar a todos quem somos e o que fazemos, levando em consideração nossa forma de conduzir o projeto da Rádio no “Epifânio”. Participar de uma viagem como essa para fora do estado que moramos, é desfrutar de novos lugares com a companhia daqueles que trabalhamos juntos.

A experiência de conviver alguns dias com os responsáveis dos pesquisadores juniores foi uma oportunidade de conhecê-los melhor e saber o que estes pensam sobre nossa proposta de trabalho. As conversas pelos corredores e jardins do IFBA em Valença nos ajudaram a constatar que a educação de crianças e adolescentes pode ser em parcerias com seus responsáveis, uma vez que estes demonstraram envolvimento e dedicação com o bem estar de todos envolvidos na viagem.

Sendo assim, as conquistas adquiridas no ano de 2015 foram além das expectativas, pois o Projeto Atlas tinha tomado proporções inesperadas. A repercussão das nossas atividades foi percebida, desde os fóruns no GEOTEC até as ruas de Poço Verde. Diversos profissionais da educação parabenizaram todos participantes do projeto e demonstraram interesse em conhecer nosso trabalho. Contudo, fomos aderindo interessados, e por que não dizer colaboradores, para a nova etapa do ano seguinte.

3.2 PROJETO ATLAS: CONTINUIDADE E AMPLIAÇÃO DAS EXPRESSÕES ESPACIAIS

Durante as atividades de 2016, os encontros ficaram mais frequentes, uma vez que o número de pesquisadores havia aumentado. Os encontros que no ano de 2015 aconteceram durante as quartas-feiras, em 2016 ocorreram às sextas-feiras

por ter mudado o dia de minha folga. Essa intensidade dos encontros possibilitou maior aproximação com os pesquisadores juniores e estimulou a interação entre eles. É importante notar que muitos encontros ocorreram para tirar dúvidas, esclarecer questionamentos, acompanhar os pesquisadores em investigações *in loco*, entre outras atividades. Portanto, decidimos por apresentar os encontros que julgamos mais importantes para nossa escrita, até mesmo por que, os momentos de discussão das pesquisas não ocorrem somente nos encontros pré-estabelecidos, mas também por aplicativos de mensagens instantâneas, por e-mail, nas ruas da cidade, nos corredores da escola, enfim em qualquer local que nos encontramos.

3.2.1 Primeiro encontro de 2016

Retomamos nossas atividades juntamente com o início do ano letivo. Em 26 de fevereiro de 2016, começamos o ano socializando o retorno dado pela equipe organizadora do Evento da Rádio aos pesquisadores juniores do “Epifânio”. No primeiro fórum do GEOTEC, após o evento, ainda em 2015, foi apresentada por diversos integrantes do grupo a satisfação pela participação dos jovens pesquisadores de Sergipe. Parabenizaram o comprometimento, tanto dos pesquisadores quanto dos professores e responsáveis que os acompanharam. Salientaram a maturidade dos adolescentes nas apresentações dos banners, do comportamento cortês na instituição e outros aspectos positivos.

Como relatamos anteriormente, diversos alunos se mostraram interessados pelo Projeto Atlas em nossa escola. Logo no primeiro encontro do ano de 2016, compareceram 21 alunos: entre eles alguns interessados em participar do projeto e outros que simplesmente queriam conhecer um pouco do projeto que levou os estudantes para a praia. Aproveitamos a quantidade de alunos para divulgar nossas propostas e tentar atrair mais pesquisadores. Portanto, nada melhor que os próprios pesquisadores para falar sobre as andanças do projeto. Propusemos que eles discursassem sobre “A dor e a delícia de ser um pesquisador”, mesmo tema da mesa redonda que ocorreu no evento em Valença. Momento interessante, pois funcionou como uma exposição por parte daqueles que produzem ciência: “Eu gosto muito de pesquisar.”, “Pesquisar é bom porque conhecemos nossa história.”, “É bem

difícil no início, mas depois a gente aprende.”, “A melhor coisa foi poder viajar para apresentar nosso trabalho.”²² (informações verbais).

Os interessados e curiosos fizeram algumas perguntas e os pesquisadores juniores responderam, tornando o momento em esclarecimentos sobre o projeto Atlas. Por fim, marcamos outro momento com os interessados em fazer parte do projeto.

3.2.2 Encontro com os novos pesquisadores

Uma semana após o retorno das atividades do projeto Atlas, no dia 04 de março de 2016, fizemos um encontro somente com os novos participantes. Logo antes de começarmos o encontro, um grupo de alunos informou que não gostaria de participar do projeto por perceberem que era algo sério e que mereceria certa dedicação, coisa que eles não teriam no momento. Houve uma tentativa de convencê-los, mas estes estavam decididos a não fazer parte da nossa equipe. Em outro momento esses estudantes confessaram que por estarem no último ano do Ensino Fundamental (9ºano), pretendiam dedicar-se mais as disciplinas. Com 07 alunos, iniciamos nossa discussão, abordando sobre os possíveis *lócus* a serem pesquisados por eles. Vale salientar que, os novos participantes chegaram com equipes formadas, mas sem o *lócus*. Como fizemos no início com os primeiros participantes, provocamos a pensarem sobre lugares que desejariam saber mais, ou seja, conhecer a história e as relações que ocorrem em um determinado espaço do município de Poço Verde.

E, assim, ficaram as escolhas dos novos integrantes: Feira Livre de Poço Verde, Bairro Vaquejada e a Escola Estadual Epifânio Dória. Diante disso, pedimos que os novos pesquisadores dissessem o motivo da escolha dos *lócus* e posteriormente pudessemos partir para a pesquisa. Confesso que fiquei emocionado com a proposta de investigar o “Epifânio”, pois assim foi justificada:

- Por qual motivo vocês decidiram pesquisar a nossa escola?
- Decidimos investigar a escola porque aqui é o nosso lugar. Aqui temos amigos, jogamos bola e aprendemos muitas coisas. Pretendemos saber mais sobre a história da escola, saber quem estudou e quem trabalhou aqui, por exemplo.”(pesquisador junior).

²² Pesquisadores juniores.

Nesse momento compreendemos a presença da concepção de Tuan (1982) ao afirmar que o lugar é o espaço de ideias e sentimentos, uma vez que estes pesquisadores afirmaram que a escola é onde eles desenvolvem atividades escolares e não escolares. Além disso, demonstraram interesse também, em saber como o lugar foi se constituindo e quais pessoas fizeram parte desta constituição.

Posteriormente, usamos a mesma estratégia de outrora: montar um projeto de pesquisa contendo (objetivo, justificativa e método). Ao final do encontro as equipes leram suas propostas e assim fizemos as correções. Como a proposta ficou incompleta, os pesquisadores levaram para terminar em outro momento fora da escola e me enviarem por e-mail, no prazo de uma semana.

3.2.3 Encontro: História Oral

Com o retorno dos projetos de pesquisa por parte dos pesquisadores que aderiram ao projeto em 2015, discutimos alguns pontos, como por exemplo, como fazer a coleta de dados, como entrevistar, como priorizar informações, entre outros. Nesse momento, sentimos a necessidade de organizar um encontro para tratarmos desses assuntos. Ao comentar sobre essas dificuldades com o professor de História da escola, o mesmo se manifestou para organizar um encontro dentro das suas condições e disponibilidade.

No dia 16 de março de 2016 ocorreu o encontro para discutirmos sobre a importância da História Oral nas pesquisas dos lugares. O colaborador, Profº Auremi Rabelo Leal, começou o encontro pedindo que os pesquisadores juniores apresentassem brevemente os objetivos da pesquisa (figura 19).



Figura 19: Encontro Formativo de História Oral
Fonte: Autor

É importante destacar que desde o início do projeto na escola, este colaborador vem sendo requisitado para formular um encontro com tal tema, no entanto o professor optou por fazer a discussão durante as aulas nas turmas do 8º ano, pois naquele ano de 2015 havia pouca disponibilidade fora da sala-de-aula, assim, o colaborador, durante o ano de 2015, orientou os estudantes e pesquisadores durante as aulas de História. Antes da viagem para o evento no IFBA em Valença/Ba, Auremi sinalizou a necessidade de criar um momento específico (encontro) com o grupo do Projeto Atlas para aprofundar a discussão sobre a importância da História Oral nas pesquisas.

Após apresentarem suas propostas de pesquisas, os pesquisadores juniores, principalmente os mais novos, estavam bastante curiosos para saber o que de fato iriam fazer no projeto. Assim, algumas perguntas foram feitas ao colaborador: “O que vamos fazer nesse projeto?”, “Como vou saber da história da escola, se não existem livros que falem sobre ela?”, “Vou ter que entrevistar as pessoas do bairro para saber o que elas sabem sobre ele, é isso?”²³(informações verbais).

A segunda pergunta chamou a atenção do colaborador que logo deu princípio à discussão explanando sobre a importância dessas pesquisas feitas pelos estudantes, pois serão elas que, futuramente, servirão de dados para outras pesquisas do local.

Identificamos que os jovens pesquisadores, em geral, tiveram dificuldade na compreensão de alguns conceitos abordados, tais como, História Oral e memória, porém externaram a compreensão da importância desses conhecimentos e saberes nas pesquisas.

A memória e, conseqüentemente, a História Oral, faz parte das pesquisas não somente pelo fato do município de Poço Verde possuir poucas bases de dados, mas também por reconhecer a importância dos conhecimentos e saberes da população local. Pesquisando os lugares escolhidos, os pesquisadores juniores perceberam que os moradores desses locais continham informações relevantes sobre a história do espaço. Godoi (1999, p.15) ao estudar um grupo de camponeses no sertão do Piauí, afirma que a memória: “[...] passa a atuar como criadora de solidariedade, produtora de identidade e portadora de imaginário, erigindo regras de pertencimento e exclusão que delimitam as fronteiras sociais do grupo.”

²³ Pesquisadores juniores.

A autora faz essa afirmação por perceber que a memória dos camponeses é o “fio condutor” para se chegar à história da ocupação de suas terras. Nesse contexto, a memória dos cidadãos poçoeverdenses se configura na história dos lugares que, por conseguinte, são expressas oralmente por esses sujeitos.

O sujeito, portanto, torna-se peça fundamental das histórias, pois ele é a parte que vivencia e experimenta os acontecimentos. Vale salientar que cada corpo guarda histórias singulares (MACEDO, 2015) e que devem, assim, ser compreendidas pelos pesquisadores. Cada sujeito possui uma versão dos fatos, sendo esta construída através das experiências daquilo que lhe despertou a atenção. Portanto, memória e lugar são percepções e vivências experienciadas pelo sujeito, ou seja, singularmente.

O encontro durou pouco mais de uma hora, sendo suficiente para que o colaborador pudesse se aproximar mais do projeto, uma vez que partiu do próprio, fazer algumas orientações por grupos. Essas orientações ocorreram durante intervalos das aulas, finais de semana e até mesmo durante as aulas.

3.2.3 Encontros outros

No dia 29 de abril de 2016 nos reunimos na sala dos professores, pois era o único espaço disponível naquele momento, pois a escola se preparava para a comemoração relativa ao Dia das Mães. Esse encontro teve como objetivo dar continuidade a construção dos textos para alguns pesquisadores e para outros a organização textual dos dados obtidos. A pesquisa da Feira Livre, por exemplo, estava no estágio de filtragem das informações obtidas através das entrevistas realizadas dias antes. Vale enfatizar que na coleta de dados, com exceção da pesquisa sobre a Feira, foi totalmente realizada pelos alunos pesquisadores. Houve necessidade maior de acompanharmos (eu e o professor Auremi) as duas pesquisadoras na Feira Livre devido acontecimentos violentos no local naquele período.

Durante a discussão desse encontro, foram apresentadas algumas dificuldades a respeito da escrita. Os pesquisadores demonstraram, mais uma vez, que expressar o olhar sobre os *lócus* de pesquisa através da escrita é complexo. Pensamos em socializar essa discussão com a colaboradora e professora de

Português da escola e assim fizemos. Ao final decidimos nos encontrarmos novamente no dia seguinte.

Na manhã posterior, percebemos que por se tratar da fase final da construção textual, os pesquisadores juniores mais antigos no projeto, mostraram-se mais sorridentes, nada mais justo para com aqueles que tanto trabalharam. Observar as pesquisas tomando formato textual com total autoria e autenticidade fez transbordar essa alegria. Enquanto isso, os pesquisadores mais novos seguiram em ritmo acelerado. Nesse encontro, pedimos para que cada equipe de pesquisa trouxesse um notebook para identificarmos como estavam as estruturas dos textos. Alguns pesquisadores novos informaram nunca ter digitado textos no computador, sendo o primeiro contato com o processador de texto *Microsoft Word*²⁴. Apesar de possuírem dispositivos móveis, esses pesquisadores demonstraram desconhecimento na utilização do teclado do *notebook*. Os dispositivos móveis, como *tablets* e celulares, são mais utilizados pelos estudantes que os computadores e *notebooks*, graças à facilidade com que esses dispositivos são transportados e usados (ALVES; COUTINHO; RODRIGUES, 2015).

Os novos pesquisadores apresentaram as mesmas dificuldades que os mais antigos no início em: elaborar questionários, usar o correio eletrônico, desenvolver escrita, entre outros entraves. No entanto, não foi necessário fazer encontros específicos para esses temas, pois os pesquisadores experientes se encarregaram de ensinar os mais novos a utilização dessas ferramentas, reforçando, mais uma vez, a ideia de grupo. Assim, o Projeto Atlas não pode ser visto apenas como um grupo de estudantes pesquisando alguns lugares, mas sim uma comunidade interessada em fazer da escola pública espaço de oportunidade.

3.2.4 Encontro: Curso Básico de Fotografia

No dia 20 de maio de 2016 elaboramos um encontro sobre Técnicas de Fotografias, pois percebemos que os alunos em geral, não somente do projeto e sim da escola, registram momentos e lugares sem alguns cuidados necessários. Trabalhos escolares que envolvem fotografias demonstram a falta de cautela que boa parte dos estudantes possui nos registros. Imagens desfocadas, escuras, com o

²⁴ O editor de textos Word “é uma das ferramentas mais completas e poderosas para trabalhar com texto”. Disponível em: <<https://microsoft-word.softonic.com.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

objeto central fora de enquadramento, assim como outros erros são comuns nos trabalhos escolares. Por se tratar de pesquisas que envolvem o registro fotográfico dos lugares, resolvemos elaborar esse momento de discussão.

Começamos o encontro abordando o processo histórico de surgimento da fotografia, posteriormente apontamos as principais funções da máquina fotográfica digital, assim como as técnicas de enquadramento. Após a abordagem teórica partimos para a prática. Elaboramos uma atividade para explorar o potencial da garotada: “A escola vista por outro ângulo”, título da atividade, visou explorar o poder criativo nos registros fotográficos. Os participantes dividiram-se em grupos e tiveram 30 minutos para registrar a escola por diferentes ângulos. O resultado foi muito interessante, pois analisamos todas as 127 fotografias com conhecimento mais técnico. Ao final escolhemos, através de votação, as duas melhores para divulgarmos no meio de comunicação da escola e exibirmos dez fotografias no mural do projeto (figura 20).



Figura 20: Fotografias vencedoras na atividade “A escola vista por outro ângulo”.
Fonte: Pesquisadores juniores.

As fotografias também podem ser vistas como elementos de linguagem, pois estas expressam o conhecimento de quem as produziu, agrupando-se com as experiências de quem as vê ou utiliza (SAMIELLI, 2010). A linguagem pode ser interpretada, também, pelo o que a imagem representa materialmente ou virtualmente (BRITO, 2013), pois o espaço registrado nas fotografias apresentam relações com os sujeitos que participaram do registro e da sua utilização.

Esse encontro foi bastante elogiado pelos participantes, pois os mesmos afirmaram que a partir daquele momento passariam a ser mais atenciosos no registro fotográfico. Elogiaram, também, a proposta de ver a escola por outro ângulo, o que proporcionou outro olhar sobre a escola, um olhar carregado de significado e valor.

3.2.5 Encontro: Produção Textual 2

Ao final do mês de maio, quatro dos seis textos trabalhados no projeto estavam em fase final. Nesse momento os pesquisadores perceberam a necessidade de mais um encontro destinado à produção da escrita, principalmente para o emprego de pontuações e a concordância verbal e nominal.

No dia 03 de junho de 2016 ocorreu o segundo encontro de título “Produção Textual” com a Prof^a Esp. Kathiúscia Santos Ribeiro (figura 21). Vale salientar que a colaboradora já havia sinalizado durante o primeiro encontro que ela participou a necessidade de outros encontros para tratar da escrita. Antes do encontro a professora leu os textos dos pesquisadores e percebeu equívocos no emprego de pontuações, gerando um direcionamento mais específico neste conteúdo.



Figura 21: Encontro Formativo de Produção Textual 2
Fonte: Autor

A discussão que durou cerca de três horas foi bastante proveitosa para mim também, pois estava em processo de escrita deste trabalho, o qual participei ativamente do encontro. Admito que me encontrava ansioso por essa discussão, até mesmo por que, o emprego de pontuação na escrita não gera dúvida somente em alunos da educação básica e sim em estudantes e professores dos diferentes níveis de escolaridade.

Após a discussão, a colaboradora propôs uma dinâmica que fizesse com que os sujeitos praticassem o assunto abordado: um jogo, no qual os estudantes jogavam um determinado objeto numa espécie de “amarelinha”, mas que no lugar dos números dessa “amarelinha” continham pontuações que deveriam ser usadas em um texto distribuído para eles. A equipe que acertasse mais pontuações no texto ganharia o jogo. Esse momento foi importante, pois os pesquisadores juniores praticaram o emprego de pontuações gerando bons resultados: todas as equipes acertaram mais de 50% da pontuação do texto, sendo que a equipe vencedora acertou cerca de 70%.

Ao final do encontro a colaboradora agradeceu mais uma vez por estar ajudando no projeto e fazer parte do grupo. Pedi para que um integrante agradecesse e assim fui atendido: “Professora, obrigado mais uma vez por nos ajudar e obrigado também por nos acompanhar nesse projeto”²⁵(informação verbal).

3.2.6 Encontro: Conclusão dos Textos

Este encontro foi destinado para a elaboração da conclusão dos textos, assim como a formatação das fotografias que os compõem. Quatro textos foram finalizados, faltando apenas dois, que estavam em fase de investigação. Os pesquisadores juniores que haviam concluído a pesquisa passaram a ajudar os que estavam em andamento, fortalecendo o trabalho em equipe e a abordagem participativo-colaborativo proposta no Projeto Atlas.

Neste mesmo encontro discutimos sobre a elaboração do Atlas de Poço Verde. O modelo, a formatação e o conteúdo do Atlas começaram a ser discutido pelos participantes. Como estávamos próximo ao recesso junino, os pesquisadores se comprometeram em fazer pesquisas sobre a construção de um Atlas. Ao final desse encontro sinalizamos a possibilidade de utilizarmos alguns softwares livres,

²⁵ Pesquisador Junior.

tais com: o QGIS na elaboração dos mapas e o editor *Microsoft Publisher*²⁶ na produção do Atlas Escolar, já que este seria composto por textos, fotografias e mapas.

3.2.7 Encontro: Projeto da Rádio

Após alguns encontros destinados a orientação e conclusão dos textos pendentes, no dia 23 de setembro de 2016, tivemos a visita da Prof^a Me. Kátia Soane Araújo, coordenadora do Projeto da Rádio, que na oportunidade organizou um encontro formativo com todos os envolvidos no Projeto Atlas. O propósito da visita foi conhecer de perto a escola e como o projeto era desenvolvido no local. Já o encontro teve como objetivo, segundo a professora, difundir os pressupostos teóricos e metodológicos do GEOTEC e do Projeto da Rádio entre os pesquisadores juniores, ressaltando os aspectos da Educação Científica.

Tivemos que responder questionários que correspondiam ao entendimento do Projeto da Rádio, assim como suas ações (figura 22). Foi uma excelente oportunidade de discussão a respeito da pesquisa e do “ser pesquisador”. Portanto, o encontro se tornou, também, mais um momento em que o “Epifânio” se envolveu com o projeto, já que a professora Kátia Soane conheceu nosso espaço de trabalho (lugar) e os outros professores e funcionários da escola.



Figura 22: Encontro Formativo do Projeto da Rádio
Fonte: Autor

²⁶ “Microsoft Publisher 2013 é o editor mais usado para criar todo o tipo de publicações, como revistas, impressos e jornais.” Disponível em: <<https://microsoft-publisher.softonic.com.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Essa visita foi interessante também para que os profissionais da escola e colaboradores sentissem de perto o comprometimento do GEOTEC/UNEB para com nosso projeto. Nesse momento, nos sentimos, mais uma vez, abraçados pelo grupo de pesquisa. A repercussão da visita foi tão importante que até mesmo aqueles profissionais da escola que resistiam em considerar o Projeto Atlas, se renderam à curiosidade e nos procuraram para saber mais sobre a nossa proposta. Outro fato atraente foi a repercussão que a professora Kátia gerou quando os professores da escola souberam que esta era professora do Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Ensino de Salvador deslocou-se até nossa escola para ajudar no projeto. Frases como: “Ela não ganha nada para fazer esse trabalho?”, “Admiro o comprometimento dela.”, “Parece que ela gostou da nossa escola.”(informações verbais)²⁷. E as discussões foram além, conversamos sobre educação, comprometimento, formação continuada, entre outros assuntos pertinentes na carreira do magistério.

3.2.8 Mobilização para viagem

Para inscrevermos os seis trabalhos dos jovens pesquisadores no I Seminário de Educação Científica e IV Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio realizado no Colégio da Polícia (CPM) em Salvador-Ba, utilizamos a mesma estratégia do ano anterior. Elaboramos os resumos das pesquisas que naquele momento já estavam concluídas para posteriormente prepararmos a apresentação. O evento, no ano de 2016, acrescentou outras modalidades de apresentação, tais como: oral, vídeos, fotografias e rádio documentário, além da apresentação em pôster (banner). Neste caso, tivemos pesquisadores que decidiram apresentar na modalidade oral e outros que decidiram permanecer com a apresentação em banner.

Com os trabalhos aprovados pela comissão do evento, os pesquisadores juniores elaboraram as apresentações, desta vez, de forma mais rápida e consistente. Após a preparação das apresentações, nos dedicamos exclusivamente à viagem, já que nossa solicitação de transporte foi negada pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. E assim, entramos num dos momentos mais emocionante do projeto: a mobilização.

²⁷ Professores do “Epifânio”.

Os pesquisadores se mobilizaram para arrecadarem dinheiro para a locação do transporte para Salvador. Primeiramente, tivemos a ideia e, conseqüentemente, oportunidade de sairmos pela cidade mostrando nossas pesquisas aos comerciantes e moradores da cidade (figura 23). Posteriormente, tivemos o apoio da direção da escola, que intermediou a comunicação com a única rádio do município para ajudar na divulgação do projeto e da viagem. Foram dois dias de movimentação, pois o dia da viagem se aproximava e ainda não tínhamos arrecadado o suficiente. Tivemos outras duas ideias: primeira; mobilizar os professores e funcionários da escola para que estes contribuíssem financeiramente e/ou conseguissem ajuda externa e segunda; organizar um bingo, já que alguns comerciantes ajudaram com produtos das lojas. Todos contribuíram, não só financeiramente como também com palavras de apoio e incentivo.



Figura 23: Mobilização dos comerciantes e moradores de Poço Verde.
Fonte: Autor

Toda essa convergência de esforços corrobora, mais uma vez, com a mobilização do conhecimento, das técnicas, das tecnologias, dos recursos e dos sujeitos (BRITO, 2013) envolvendo a comunidade poçoeverdense nas ações dos projetos. Enquanto os jovens pesquisadores apresentavam as pesquisas para os moradores e comerciantes, pudemos perceber que a população se interessava em ouvi-los e, ao mesmo tempo, contribuía com informações importantes sobre os lugares pesquisados. A população também sugeriu outros espaços da cidade e da zona rural para que fossem pesquisados, despertando interesse por parte de alguns estudantes. Esse contato próximo com a população oportunizou a troca de

experiências entre pesquisadores e moradores, corroborando com a ecologia de sabres (SANTOS, 2008).

Enfim, conseguimos arrecadar exatamente a quantia que necessitávamos e partimos mais uma vez para levar na bagagem nossos lugares. Foram cinco horas de viagem para a cidade de Salvador que, por sinal, passaram despercebidas devido a animação dos adolescentes. Dessa vez, tivemos como companhia, a professora Kathiúscia, uma mãe, uma avó e um pai de aluno, além dos pesquisadores. Apenas um adolescente não pode viajar por problemas particulares explicados pela sua genitora. Ficamos tristes de saber em última hora que nosso “time” não viajaria completo, mas logo tivemos que aceitar e seguir viagem (figura 24).



Figura 24:Embarque para Salvador
Fonte: Autor

3.2.9 IV Encontro de pesquisadores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio

Para essa viagem preparamos um dia inteiro para conhecermos a cidade, visto que na viagem para Valença no ano anterior tivemos poucas horas de diversão. Assim, chegamos à capital baiana na quarta-feira à noite, 28 de setembro de 2016, e logo partimos para conhecer a orla de Itapuã, bairro turístico da cidade. No dia seguinte, pela manhã, visitamos o Centro Histórico da capital baiana com a ajuda de um guia de turismo e outros pontos turísticos, tais como: Mercado Modelo,

Elevador Lacerda, Farol da Barra e a praia de Itapuã (figura 25), onde os pesquisadores aguardavam ansiosamente para se banhar nas águas salgadas do mar, entretanto para dois adolescentes aquele momento tornara mais inesquecível ainda, pois os mesmos estavam visivelmente emocionados em poder sentir a praia pela primeira vez. Mais uma vez, lá estávamos participando desse momento inesquecível na vida desses adolescentes, trazendo-nos muita emoção e satisfação.



Figura 25: Passeio turístico em Salvador
Autor: Autor

No dia posterior, data do evento e retorno para casa, seguimos em direção ao Colégio da Polícia Militar, localizado no bairro dos Dendezeiros, mas antes passamos para conhecer a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, já que todos demonstraram interesse. Chegando ao evento fomos recepcionados pela organização e encaminhados a fazermos o credenciamento. Organizamo-nos no auditório para conferirmos as duas mesas redondas planejadas: a primeira “O lugar da pesquisa na escola” com a participação dos gestores/representantes das escolas presentes e a segunda “Escola, sujeito e objeto: a tríade no Projeto da Rádio” com os pesquisadores juniores, também de cada escola.

Na primeira mesa redonda o “Epifânio” foi representado pela professora e colaboradora Kathiúscia Santos que explanou sobre a importância do projeto para a escola e, também, na formação dos estudantes. Na segunda mesa, nossa pesquisadora fez um discurso emocionante a respeito do projeto que ecoou como depoimento sincero, devido à franqueza demonstrada (figura 26). Aliás, é importante destacar que nessa mesa os jovens pesquisadores emocionaram todos os presentes, em especial, aos professores/orientadores das pesquisas. Foram discursos valorosos, os quais demonstraram o quanto esse projeto tem importância na vida das pessoas e que seus resultados são nitidamente percebidos no cotidiano, tanto dentro da escola quanto fora.



Figura 26: Mesa Redonda “O lugar da pesquisa na escola” (esquerda) e “Escola, sujeito e objeto: a tríade no Projeto da Rádio” (direita).

Fonte: Autor

Após o almoço, os pesquisadores apresentaram os trabalhos com todo comprometimento que o momento requeria. Ao transitar entre os banners,

percebemos que os trabalhos eram elogiados por aqueles que os apreciavam (figura 27). Os próprios pesquisadores juniores também puderam conferir os trabalhos dos pesquisadores das outras escolas e compartilhar um pouco das experiências. Podemos destacar os fatos dos jovens pesquisadores que já haviam apresentado trabalhos em outros eventos, demonstrarem maturidade e certa preocupação com aqueles que seriam a primeira vez. Presenciamos os mais experientes encorajando os estreantes e até mesmo dando dicas de como apresentar os banners.



Figura 27: Apresentação dos banners
Autor: Autor

Os trabalhos apresentados na modalidade oral foram muito aplaudidos e elogiados devido ao rigor que os estudantes tiveram no ato das pesquisas (figura 28). Posteriormente às apresentações orais fui abordado no corredor do CPM por uma professora que comentou sobre a apresentação do trabalho sobre a Feira Livre de Poço Verde: “Adorei o trabalho sobre a Feira! Fez-me lembrar da minha cidade do interior e da feira que tinha lá.”²⁸ (informação verbal).



Figura 28: Apresentação Oral
Fonte: Autor

O evento proporcionou momentos de alegria e também lembranças, já que o CPM foi à instituição que mais tempo lecionei desde o início da carreira profissional. Poder vivenciar novamente o clima daquele lugar foi uma experiência interessante, pois o contexto era diferente, mas a emoção era a mesma.

Entre vivências e experiências, o importante foi poder reencontrar os colegas do GEOTEC e poder conhecer mais um pouco dos trabalhos elaborados no Projeto da Rádio.

[...] a experiência é um fenômeno relacional, no seu âmago se configura a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, conosco, com o que somos com o que fazemos e com o que desejamos: projeto. Neste sentido, a experiência é um espaço para as percepções, para as paixões, para nossos desejos, para nossas contradições, nossos paradoxos, nossas derivas, itinerâncias e errâncias. (MACEDO, 2015, p.26)

De acordo com o autor, experiência é a percepção da vivência, uma vez que existe diferença entre os dois fenômenos. Vivência faz parte dos acontecimentos cotidianos do sujeito e que não são pensados. Já a experiência deve ser vivida e

²⁸ Professora do Colégio da Polícia Militar

pensada, ou seja, compreendida enquanto acontecimento (MACEDO, 2015). Logo, compreendemos que o evento faz parte da experiência de toda equipe da escola que o vivenciou. Não somente do “Epifânio”, mas também das outras instituições que participaram.



Figura 29: Alguns pesquisadores juniores presentes no evento do CPM.
Fonte: Autor

Posterior às apresentações das pesquisas ocorreu algumas manifestações culturais como encerramento do evento, gerando os últimos momentos de confraternização e despedidas. Ao final do evento percebemos que os adolescentes de diferentes escolas se misturavam entre os espaços do CPM, ratificando a ideia de que todos fazem parte de uma mesma proposta educacional: práticas inovadoras de ensino (figura 29). Logo após as despedidas, partimos em direção ao nosso lugar, Poço Verde/SE.

3.2.10 Retorno do evento do CPM em Salvador

No primeiro encontro após o retorno de Salvador decidi socializar os depoimentos dos sujeitos, pois a construção do Atlas se aproximava e o fim do ano letivo também. Fizemos duas perguntas: o que vocês acharam do projeto? Qual experiência vocês adquiriram com as viagens?

Para a primeira pergunta, tivemos respostas como:

- O projeto é bom, porque leva o conhecimento daqui para fora.
- O projeto trouxe mais informação sobre o lugar que eu vivo.
- O projeto trás conhecimento sobre outros lugares.
- O bom do projeto foi as oficinas onde aprendi a escrever melhor.
- O projeto nos proporciona uma coisa nova, por exemplo: a gente sabe dos outros lugares; que não existe só nossa história, existem outros lugares além da nossa cidade.
- Com o projeto mudamos nosso ponto de vista, não só do lugar pesquisado, mas sobre todo o mundo.²⁹

Ouvir essas respostas foi muito emocionante, já que não tínhamos conversado sobre esse assunto em outros momentos. Foram depoimentos sinceros de pessoas que acreditaram em nossa proposta e assim externaram seus sentimentos. Alguns depoimentos nos surpreenderam, como o caso dos dois últimos. Perceber que não existe somente nossa história e nosso lugar é demonstrar sapiência e valorizar o outro, já que cada sujeito tem sua história alicerçada pela memória (GODOI, 1999). Por outro lado, mudar o entendimento do mundo através da pesquisa do lugar é corroborar com Santos (1994), quando este afirma que os subespaços são formados por frações de sistemas, que juntos formam a totalidade.

Já na segunda indagação, responderam:

- O conhecimento de novos lugares.
- A viagem ajuda a fazer novos amigos.
- A viagem é boa, porque a gente se diverte com os amigos. Ensinar os conhecimentos que temos sobre nossa cidade.
- A viagem foi boa, porque tomei meu primeiro banho de praia.³⁰

Era de se esperar que os sujeitos relacionassem a viagem com o lazer, afinal são estudantes de uma cidade interiorana localizada no sertão brasileiro. Respostas, tais como: fazer amigos, conhecer novos lugares e até mesmo tomar banho de mar, representam a vontade que os sujeitos se dedicaram no projeto para poderem viajar. A viagem, mesmo não sendo nossa intenção, tornou-se uma espécie de recompensa pelos trabalhos produzidos. A cada viagem, os pesquisadores acumulavam experiências e isso incentivava outros estudantes a participarem do projeto.

²⁹ Pesquisadores juniores.

³⁰ Pesquisadores juniores.

Valorizar as viagens não quer dizer que seja a única vantagem de fazer parte do nosso projeto e sim uma boa oportunidade de extrapolar os muros da escola e conhecer outros lugares. Essa discussão acaba alimentando nossas discussões sobre o lugar, já que a partir das viagens os pesquisadores ganham novas referências de espaços. Assim, as comparações entre os locais conhecidos pelos sujeitos são inevitáveis, estimulando reflexões a respeito das dinâmicas espaciais.

Diante disso, reforçamos a importância da socialização das expressões espaciais construídas pelos sujeitos, sejam elas através de viagens para eventos ou até mesmo por meio das redes sociais. É importante frisar que essas socializações vêm gerando resultados significativos para o projeto, desde palavras de incentivo até mesmo a aderência de novos pesquisadores e colaboradores.

3.2.11 Construção do Atlas de Poço Verde

Com o retorno da viagem e o sentimento de dever cumprido mais uma vez, partimos para as discussões sobre a construção do Atlas de Poço Verde. Como já havíamos sinalizado a possibilidade de utilizarmos o editor *Microsoft Publisher* para a construção, assim o fizemos. Com o programa decidido, os textos selecionados e as fotografias em mãos, tínhamos que partir para a montagem (construção).

Decisões como escolher a fonte, a ordem dos textos, a quantidade de páginas, foram discutidas em grupos para que o trabalho final representasse aquilo que realmente desejávamos. Diante disso, os pesquisadores juniores selecionaram um grupo de cinco pessoas para construir o primeiro esboço e, posteriormente, decidir outras pendências. Essa seleção ocorreu por conta de alguns pesquisadores apresentarem dificuldades em determinadas matérias escolares, precisando assim dedicar-se um pouco mais a essas disciplinas. É importante notar que em consequência do convívio no Projeto Atlas, muitos pesquisadores tornaram-se amigos, resultando na colaboração também da vida escolar. Um pesquisador, por exemplo, que possui habilidade com a disciplina Matemática tem ajudado aos outros que demonstram dificuldade, transcendendo assim os objetivos do projeto.

Os mapas produzidos através de imagens de satélite vêm a compor o Atlas como forma de localizar geograficamente o município de Poço Verde e os lugares investigados pelos sujeitos. Assim, o mapa é mais uma forma de expressar o espaço, mas não a única. Na produção desses mapas, partimos de imagens de

satélite extraídas do *Google Earth* que, posteriormente, acrescentamos algumas informações sobre os lugares pesquisados para completá-lo (figura 30).



Figura 30: Capa do Atlas Poço de Poço

Apesar de termos combinado em produzir os mapas no QGIS, tivemos que mudar os planos devido à complexidade que este programa apresentou para os sujeitos. Diante disso, apresentamos outros dois programas: *Google maps* e *Google Earth*, sendo este último escolhido devido ser mais fácil, segundo afirmaram os pesquisadores juniores.

Após a apresentação do esboço, por parte do grupo selecionado, e dos mapas, todos comentaram sobre o que estava pronto e alguns opinaram a respeito de mudanças. Com praticamente todas as decisões acordadas, o Atlas pôde então ser concretizado e fazer parte do apêndice desse trabalho.

Com a expressão espacial construída pelos sujeitos da pesquisa, propusemos o lançamento do Atlas de Poço Verde na escola como mais uma forma de integrar o projeto à comunidade escolar. Apresentamos a proposta à coordenação pedagógica do “Epifânio” e logo tivemos resposta positiva para a preparação do evento.

3.2.12 Lançamento do Atlas de Poço Verde

No dia 02 de dezembro de 2016, realizamos o lançamento do Atlas de Poço Verde no “Epifânio”. Para esse evento acontecer, contamos com a colaboração e articulação da coordenação pedagógica da escola que proporcionou um momento para que professores, alunos, funcionários e outros convidados pudessem prestigiar nossa conquista.

Montamos na entrada da escola um varal de fotografias dos lugares pesquisados, encontros formativos, viagens, entre outros momentos, para que todos pudessem apreciar nossa forma de expressar os espaços (figura 31). Esse varal foi muito explorado por todos que ali passavam, tornando-se atividade interativa e introdutória do lançamento.



Figura 31: Varal de fotografias.

Fonte: Autor.

Assim, começamos nossa tarde de expressões espaciais com uma breve apresentação do Projeto Atlas e seu processo construtivo. Em seguida, os pesquisadores juniores explanaram sobre suas experiências vivenciadas nesse período de pesquisa e discutiram sobre dificuldades e êxitos alcançados durante os quase dois anos de projeto (figura 32).

Este momento foi muito importante por apresentarmos os caminhos percorridos no projeto para toda comunidade escolar e por fazermos com que os ouvintes se aproximassem do nosso trabalho. O Atlas de Poço Verde, além de ser projetado na parede em formato de *slides*, circulou também no formato impresso pelas pessoas presentes e pôde, assim, ser apreciado.



Figura 32: Apresentação do projeto e do Atlas.
Fonte: Autor

Chegando ao término do lançamento, o diretor do “Epifânio” pediu a palavra e iniciou um discurso a respeito da educação científica no ensino básico e como isso

ajudaria nas práticas escolares de outras disciplinas. Posteriormente, comentou sobre a continuação do Projeto Atlas e a elaboração de outros projetos durante os próximos anos.

Por fim, percebemos que cada vez mais o Projeto Atlas era reconhecido e aceito pela comunidade, trazendo alegria e satisfação para todos envolvidos nessa jornada.

3.2.13 I Mostra Científica e Cultural do Ensino Médio

Alguns dias após o lançamento do Atlas de Poço Verde, ficamos sabendo através das redes sociais que haveria um evento na cidade de Aracaju promovido pela Secretaria de Estado da Educação – SEED. A I Mostra Científica e Cultural do Ensino Médio foi uma iniciativa do Serviço do Ensino Médio do Departamento de Educação da SEED. Apesar de ter como público alvo os estudantes do Ensino Médio, projetos desenvolvidos com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental também foram convidados a participarem.

O evento ocorreu no dia 13 de dezembro de 2016 no Clube do Banco do Estado de Sergipe das 9h às 17h. A SEED disponibilizou transportes para todas as escolas participantes. Como o edital só permitia a participação de dois professores (orientador e colaborador) e oito alunos tivemos que fazer uma seleção de quem iria viajar. Decidimos então selecionar os estudantes que estavam em situações mais confortáveis em questão de nota, pois estávamos na semana de avaliação da quarta unidade. A professora colaboradora que nos acompanhou foi Kathiúscia, além da avó de uma pesquisadora que sempre está presente nas viagens e eventos.

Nesse evento, organizamos apresentar o Atlas de Poço Verde. Para isso, elaboramos um banner contendo a apresentação, o método, os objetivos e os resultados do projeto. Além do banner, montamos uma exposição de fotografias do projeto (varal de fotografias) e apresentamos o Atlas impresso aos visitantes que apreciavam nosso stand. O que não sabíamos é que entre os visitantes estavam avaliadores do evento. Ou seja, essa Mostra Científica e Cultural estabeleceu um concurso para eleger os melhores projetos.

Foram socializados centenas de projetos da rede pública do estado de Sergipe. Ao circularmos pelos trabalhos, percebemos o quanto a educação se mantém viva através de propostas de valorização da escola, dos alunos e da

comunidade. Na oportunidade, conhecemos um projeto denominado “Geocaçadores” que possui propostas similares as do GEOTEC, no qual dialogamos e propomos uma aproximação entre os projetos.

Vale salientar que no início das apresentações os pesquisadores juniores demonstraram nervosismo por terem que apresentar o Atlas de Poço Verde e não mais os lugares pesquisados. Para isso, comecei apresentando aos visitantes para que os pesquisadores se sentissem menos nervosos e assim pudessem dar continuidade. Alguns minutos depois, todo aquele nervosismo foi transformado em estudantes pesquisadores socializando conhecimentos e saberes (figura 33).



Figura 33: Apresentação na I Mostra Científica e Cultural
Fonte: Autor

Após o término das apresentações, foram divulgados os projetos vencedores. Para nossa surpresa fomos contemplados com o terceiro melhor projeto na categoria de Pesquisa Junior (apenas para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental). Confesso que no momento que anunciaram o nome do Projeto Atlas não acreditei, pois em nenhum momento pensei na disputa, e sim na oportunidade de socialização do trabalho. Contudo, recebemos o prêmio (computador de mesa), além de medalhas e um troféu que fica exposto na secretaria da escola (figura 34).



Figura 34: Premiação da I Mostra Científica e Cultural

Fonte: Autor

Por sua vez, os pesquisadores juniores ficaram surpresos e eufóricos com a premiação, assumindo, também, que não esperavam. Era nítido o sentimento de alegria por toda equipe, pois todo aquele trabalho foi, mais uma vez, reconhecido fora dos limites do município de Poço Verde. Ganhar um prêmio em um evento estadual, concorrendo com escolas de todo o estado sergipano, extrapolou nossas expectativas quanto ao sucesso do Projeto Atlas.

Seguem algumas manifestações dos sujeitos:

- Não esperava ganhar esse prêmio, estou muito feliz!
- Na hora que ouvi o nome do nosso projeto, achei que estava sonhando.
- Ao ver os outros projetos, percebi que o nosso era bastante rico em informação. Então eu vi que o nosso projeto era muito bom e poderia ganhar.
- Vou ligar para minha mãe e dizer que ganhamos um troféu com o projeto.
- Amanhã, quando chegarmos à escola, vamos “tirar onda” com essas medalhas.

- Esse prêmio foi para fechar com “chave de ouro” nosso projeto.³¹

No depoimento dos pesquisadores juniores percebemos o quanto sentiram orgulho de fazer parte de um projeto, no qual as práticas foram inovadoras e de serem premiados por isso. Concordo quando um pesquisador relata que fechamos o ano com “chave do ouro”, pois esse evento foi inesquecível pelo prêmio e, também, por percebermos que nossas ações foram reconhecidas pela SEED e pela comunidade poçoeverdense. A notícia que ganhamos um prêmio repercutiu no município de forma interessante, pois por onde passavam os envolvidos no projeto eram parabenizados.

Assim, encerramos mais uma etapa do projeto. Como os pesquisadores irão para outra escola iniciar o Ensino Médio, não podemos afirmar que todos continuarão a desenvolver pesquisas, mas, certamente, levarão na bagagem experiências vivenciadas no projeto. Experiências que, dificilmente, serão esquecidas e que servirão de motivação nas práticas escolares futuras. Portanto, o projeto continuará sua proposta inovadora no “Epifânio” buscando inserir no ensino, práticas desafiadoras na construção e valorização do conhecimento.

³¹ Pesquisadores juniores.

4 CONSIDERAÇÕES: FINAIS OU INICIAIS?

Iniciamos esta etapa expondo no título uma provocação: considerações finais ou iniciais? Essa indagação surgiu enquanto selecionava argumentos para esta parte do trabalho, os quais perpassavam por reflexões sobre as práticas exploradas na pesquisa. Neste momento, ficou claro que os argumentos, na verdade, eram correções e projeções de práticas idealizadas nos objetivos deste trabalho. Por fim, como continuaremos explorando as expressões espaciais dos sujeitos, percebemos que o Projeto Atlas foi o princípio de uma jornada e não o final.

Da mesma forma que as práticas inovadoras de ensino passaram a fazer parte das minhas estratégias pedagógicas, a discussão teórica também ganhou importância, até mesmo pelo motivo de ambas se complementarem, como foi exaustivamente demonstrada nesta pesquisa. O profissional da área educacional deve sempre está em formação, sem perder de vista a teorização das práticas para assim ajustá-las a sua realidade.

Confesso que a todo o momento penso e até mesmo acredito que poderia ter ido mais longe com o projeto. No entanto, compreendo que dentro das condições que foram a mim apresentadas, fizemos um trabalho além das expectativas. Tivemos diversas dificuldades para fazer o projeto acontecer, mas nenhuma delas foi o suficiente para nos conter. Todos nós temos problemas e dificuldades no trabalho, não é mesmo? Por isso, o importante é saber valorizar as resoluções, somente assim os aspectos negativos serão transpostos.

Além disso, aprendemos durante esse processo formativo que para mobilizar a escola é necessário convencer os estudantes de que um determinado projeto vale a pena. A partir disso, os próprios estudantes mobilizam a escola com um diferencial importante: a proposta e o desejo partindo dos próprios. Portanto, os projetos pedagógicos devem envolver a classe estudantil para que esta, sentindo-se motivada, consiga envolver professores e funcionários.

Vale salientar que todo o processo de escrita sofreu e ainda sofre interferência de todos colaboradores do Projeto Atlas. Desde os amigos e professores do GESTEC e, principalmente, do GEOTEC até os pesquisadores juniores, todos estão presentes em cada pensamento, frase, palavra que aqui foram apresentas. Sei que, por questões burocráticas e acadêmicas, este TCC é de minha autoria, mas não posso simular e dizer que é somente minha.

Nesta perspectiva, as geotecnologias e suas potencialidades mediaram o entendimento do espaço/lugar por parte dos sujeitos desta pesquisa, uma vez que as impressões contidas no Atlas refletem a compreensão espacial. Em relatos explícitos outrora, os sujeitos desta pesquisa demonstraram perceber o que estavam à sua volta: as relações sociais, a arte, os sentimentos, entre outros objetos e ações desenvolvidas pela sociedade.

As geotecnologias foram exploradas desde o planejamento até as práticas de ensino, tornando esta inovadora. As potencialidades das geotecnologias são imensuráveis. O dinamismo toma conta das práticas de ensino de tal forma que os resultados extrapolam as projeções. Atividades como pensar em um lugar a ser pesquisado, por exemplo, tornou-se altamente relevante para a compreensão do espaço vivido; uma atividade aparentemente simples, mas que revela o olhar do sujeito sobre o lugar escolhido. Essas possibilidades exploradas pelas geotecnologias deram certo sentido ao nosso projeto desenvolvido no “Epifânio”.

O entendimento do lugar, atrelados aos conhecimentos geográficos, está associado aos registros materiais e imateriais expressados pelos sujeitos no Atlas. As práticas inovadoras de ensino mediadas pelas geotecnologias, por sua vez, surgem como proposta de convergência dos jovens pesquisadores com as linguagens cartográficas. A subversão da cartografia aqui exposta retrata o olhar multifocal que pode ser dado aos espaços e suas diferentes formas de expressão.

Neste contexto, o Atlas de Poço Verde consegue expressar os espaços sob o olhar dos pesquisadores juniores. Lugares como Povoado da Malhadinha, Praça da Juventude, Praça da Santa Cruz, Feira Livre, Bairro da Vaquejada e Escola Estadual Epifânio Dória, tornaram - se especiais não somente para os pesquisadores, mas também para todos aqueles que tiveram oportunidade de conhecer os trabalhos desenvolvidos por esses estudantes. Cada vez que penso ou vejo esses lugares, imagino o quanto eles passaram a representar para todos envolvidos nesse processo, levando-me a perceber as dimensões que esses lugares podem atingir. A valorização e o pertencimento construído com esses lugares durante o projeto são imateriais e, portanto, indiscutíveis.

Ao afirmar nos relatos que as viagens proporcionaram levar a cidade para outras pessoas conhecerem é como se os pesquisadores juniores levassem na bagagem os lugares pesquisados. Mas não digo somente dos banners e *slides* das

apresentações orais, mas do lugar estampado no sotaque interiorano, nas roupas, nos gestos e tudo aquilo que expressa à origem dos sujeitos.

Outro viés dessa consideração é reforçar a escolha de fazer uma pesquisa aplicada sob o formato de proposta de intervenção na escola que trabalho. Optar pela escola como lócus de pesquisa tem nos oportunizado (re) pensar nossa forma de trabalhar e nossa forma de entender a educação. A labuta do trabalho, somada ao projeto foi doloroso no aspecto de desgaste físico e mental, mas gratificante ao ver a reciprocidade no comprometimento das atividades e no resultado gerado.

Ramificação do Projeto da Rádio, o Projeto Atlas pôde somar os pressupostos do GEOTEC ao cotidiano do município de Poço Verde. Apesar da distância geográfica (localização) entre a UNEB e o “Epifânio”, ambos caminharam de mãos dadas desde o início da proposta. Cada discussão nas disciplinas do GESTEC, nos fóruns do GEOTEC e encontros no “Epifânio” foram importantes para trazer as inovações para as práticas de ensino. Isso possibilitou um conjunto de ações que se sucederam em diferentes locais, mas que denotaram harmonia entre si. Assim, a distância física entre esses locais, ao invés de ser vista como barreira, fustigou criarmos outras formas de diálogo.

Os encontros formativos, tais como: Produção Textual, Técnicas para pesquisas demográficas, Correio Eletrônico, História Oral, Curso Básico de Fotografias, assim como todos outros foram fundamentais para o processo de formação dos sujeitos da pesquisa e também minha, já que participei ativamente como aprendiz. Os jovens pesquisadores fizeram questão de agradecer aos colaboradores pela socialização desses conhecimentos e o mais importante: os colocaram em prática durante suas pesquisas.

Na construção do Atlas compreendemos que para expressar o espaço foi necessário antes entendê-lo. Entender o lugar é compreender o mundo, pois tanto os fragmentos quanto a totalidade desenham um espaço cada vez mais globalizado. Sendo assim, o espaço vivido torna-se ponto de partida para a compreensão de espaços outros. A relação local-global é, conseqüentemente, percebida diante dos efeitos da globalização perversa (globalitarismo).

Sabemos que um projeto dessa magnitude não pode encerrar por aqui. O Atlas deve continuar sendo construído permanentemente. Expressamos, apenas, uma parte do município, alguns lugares. E os outros lugares? Estes serão objetos de estudos de outros pesquisadores juniores que desejarem fazer parte do projeto.

Sem contar que alguns dos atuais pesquisadores juniores já manifestaram interesse em continuarem no projeto, mesmo não fazendo mais parte da escola.

Neste interim, o Projeto Atlas continuará expressando os lugares de Poço Verde nos seguintes anos. Para isso, o “Epifânio” tem demonstrado interesse em participar de forma mais ativa na elaboração e realização de novas atividades. Inclusive, a direção da escola propôs analisar outras estratégias para conseguir envolver uma quantidade maior de alunos. Enfim, o ano de 2017 será de renovação e de novos projetos que venham a somar com o nosso Atlas. Serão outros lugares, outros alunos e, portanto, outras expressões espaciais.

Nesta proposta, buscamos discutir como as práticas inovadoras de ensino mediadas pelas geotecnologias potencializaram a construção do Atlas (expressão espacial) de Poço Verde pelos sujeitos do “Epifânio”. Este trabalho não pode ser reduzido apenas ao Atlas e a esta escrita, até mesmo por conta dos inúmeros encontros e conversas que realizamos com os sujeitos da pesquisa, orientadores, colegas de trabalho, amigos, familiares, enfim, todos os diálogos que de certa forma influenciaram nas atividades do projeto e na elaboração deste TCC. Assim sendo, tanto o Atlas quanto esta escrita torna-se considerações iniciais do nosso maior projeto: o imbricamento entre teoria e prática nas atividades escolares.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.; COUTINHO, I.; RODRIGUES, P. **Jogos eletrônicos, redes sociais e dispositivos móveis**: reflexões para os espaços educativos. IN: SEMINÁRIO DE JOGOS ELETRÔNICOS, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 2015, Salvador. Anais... Salvador, BA: UNEB, 2015.

BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. Pesquisa participante. In: **Pesquisa participante**. Brasiliense, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quatro Ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos PCN's. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, F. **Análise crítica da cartografia**: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade. 2013. 130 p. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) UNEB, Salvador, 2013.

CAVALCANTI, L. **Propostas curriculares de Geografia no ensino**: algumas referências de análise. Terra Livre. São Paulo: AGB, n. 14, p. 125-145, jan.-jul., 1999.

_____. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazer melhor através da ação. BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. Pesquisa participante. In: **Pesquisa participante**. Brasiliense, 1988.

GATTI, B. A construção da pesquisa em educação no Brasil. In: **Pesquisa**. Liber Livro, 2007.

GODOI, E. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

HETKOWSKI, T. **Geotecnologia**: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

_____. **PodCasting e rádio convencional**: resgatando a memória da cidade de Salvador (BA). In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE) E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO (SIRSSE), 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, PR: PUC, 2011.

_____. **Práticas pedagógicas inovadoras e tic**: uma parceria entre universidade e rede pública de ensino. IN: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2015, Fortaleza. Anais... Fortaleza, CE: UECE.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=280550>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Tradução de Dora Lize Barros Pereira e Sergio Martins. 4° Ed. Paris: Editions Anthropos, 2000.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LIMA JUNIOR, A. **Tecnologias intelectuais e educação**: explicitando o princípio proposicional/hipertextual como metáfora para educação e o currículo. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v. 13, n. 22, p. 401-416, jul./dez., 2004.

MACEDO, R. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. 1° Ed. Curitiba: CRV, 2015.

MACHADO, A. **Pânico da folha em branco**: para entender e superar o medo de escrever. A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MARQUES, M. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 2ª Ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2ª Ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SANTOS, Boaventura. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipadora da universidade. São Paulo: Cortez: 2004. 89p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 2reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Revista 10ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SEEMANN, J. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Revista Geografica**, Vitória, N° 12, 2012. p.138-174.

SIMIELLI, M. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. **Cartografia Escolar**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, p71-93, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4º Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

VYGOTSKI, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

APÊNDICE



ATLAS DE POÇO VERDE



APRESENTAÇÃO

O Atlas de Poço Verde é um trabalho produzido por estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Epifânio Dória, localizada na Rua José Emídio dos Santos, s/n, município de Poço Verde - Sergipe. Neste trabalho, os estudantes desenvolveram pesquisas sobre alguns espaços do município, tais como: Povoado Malhadinha, Praça da Santa Cruz, Praça da Juventude, Bairro Vaquejada, Feira Livre e a Escola Estadual Epifânio Dória. Esses lugares foram escolhidos por apresentarem algum tipo de relação com os pesquisadores. O Atlas é, portanto, a expressão espacial que esses jovens pesquisadores construíram diante de “seus” lugares.

A construção desta obra faz parte do Projeto A rádio da escola na escola da rádio, coordenado pelo Grupo de Pesquisa em Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC, da Universidade do Estado da Bahia.

Murilo Aguiar
Professor da Escola Estadual Epifânio Dória



A rádio da escola
na escola da rádio



SUMÁRIO

A HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL EPI-
FÂNIO DÓRIA SOB O OLHAR DA COMU-
NIDADE ESCOLAR.....4

PRAÇA DA SANTA CRUZ: AQUI NASCEU
POÇO VERDE/SE.....6

PRAÇA DA JUVENTUDE: NOVAS OPOR-
TUNIDADES DE LAZER PARA A COMU-
NIDADE DE POÇO VERDE/SE8

CIDADE DE POÇO VERDE/SE..... 10

MUNICÍPIO DE POÇO VERDE/SE.....11

DO PARQUE DE VAQUEJADA À FORMA-
ÇÃO DE UM BAIRRO12

DESVENDANDO O PASSADO DO POVOA-
DO MALHADINHA DO MUNICÍPIO DE POÇO
VERDE/SE.....14

FEIRA LIVRE DE POÇO VERDE/SE: AS
CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA DE LO-
CAL E AS VOZES DOS FEIRANTES E FRE-
QUENTADORES.....16

A HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL EPIFÂNIO DÓRIA SOB O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR

Luiz Henrique Santana Souza
Ítalo Timóteo do Nascimento
Ueris Santos de Oliveira



A Escola Estadual Epifânio Dória, localizada atualmente na Rua José Emídio dos Santos, 180, município de Poço Verde - Sergipe, é composta por 35 funcionários e aproximadamente 400 estudantes. Criada em 30 de dezembro de 1977 no governo José Rollemberg Leite, através do decreto de nº3944/77, a escola de 1º Grau Epifânio Dória teve como objetivo atender às necessidades dos alunos do ensino fundamental (1ª a 4ª série). Somente em 1983 a escola passou a atender da 5ª a 8ª série. O primeiro diretor, o professor João de Oliveira, assume o cargo a partir de março de 1978, passando para a professora Josefa Ávila de Almeida Silva alguns meses depois. Somente em 2002 a escola foi reconhecida como a Escola Estadual Epifânio Dória.

Fachada da Escola Estadual Epifânio Dória

Fonte: Autotes

No ato da criação, a escola localizava-se na Rua José Rodrigues de Melo, 124, Centro da cidade, e permaneceu neste lugar até o ano de 2000, passando a localizar-se no endereço atual a partir desse momento. Como a escola caminha para quatro décadas de fundação, ex-alunos como Auremir Rabelo, Ildomar Costa e Givanice Maria, atualmente fazem parte do corpo docente da escola. Epifânio Dória, filho ilustre do município de Poço Verde, nasceu em 7 de abril 1884 e faleceu em 1976. Documentarista, jornalista, bibliotecário, diretor do Instituto Histórico e Geográfico, Epifânio também foi secretário da Fazenda de Sergipe. Como jornalista, escreveu para diversos órgãos da imprensa sergipana, mantendo uma coluna sobre o título “Emérides Sergipanas”. A importância dessa pesquisa foi desvendar a história da nossa escola e conhecer mais sobre as pessoas que fizeram e/ou fazem parte dela, assim como vivenciar a rotina e o funcionamento do estabelecimento de ensino do qual fazemos parte.



Sala de aula da Escola Estadual Epifânio Dória

Fonte: Autores



Epifânio Dória

Fonte: Biblioteca Municipal de Poço Verde

PRAÇA DA SANTA CRUZ: AQUI NASCEU POÇO VERDE/SE

Igor Reis da Silva
Acácio Santos da Silva
Welitom de Jesus Oliveira



Praça da Santa Cruz

Fonte:

A Praça da Santa Cruz é uma das principais praças do município de Poço Verde. Nela está localizada a primeira igreja do município. Esta praça foi o lugar onde “nasceu” Poço Verde. Segundo relatos de moradores, o nome do município surge a partir desta praça, pois ela tinha um poço que, ao seu redor, era verde e mesmo em época de seca, permanecia essa cor. Apesar da sua importância, a praça não é considerada parte do patrimônio histórico local. No entanto, a praça é de grande importância para os moradores do município, pois eles afirmam ser um local sagrado. Poço Verde foi fundado em 25 de novembro de 1953.

Em 1863, a povoação de Poço Verde começou a formar-se primitivamente à margem direita do Rio Real, no Estado da Bahia, daí sendo, depois, transferida para o lado esquerdo do rio, do Estado de Sergipe. Em entrevista com o ex-prefeito do município de Poço Verde, Emídio Neto afirma que a Praça da Santa Cruz surgiu da capela Santa Cruz que foi construída por Sebastião da Fonseca Dória, uns dos fundadores da cidade. Ele, por ser muito religioso, colocou uma cruz no local onde hoje é a capela do cemitério Santa Cruz. Para esta capela ser construída, Sebastião teve que doar alguns pedaços de suas terras em nome da capela. Depois de um tempo, criaram o cemitério Santa Cruz ao redor da capela. Dessa forma, todas as missas ou novenários eram realizados no espaço que abrigou a capela. Momentos depois, Sebastião foi conversar com seu chefe, João Emídio dos Santos, pai de Emídio Neto, para criar uma capela do lado de fora do cemitério, usando a mesma cruz da capela. Todo ano a praça se torna palco de novenários em devoção à Santa Cruz, pois a igreja é pequena e não comporta o público, sendo assim, a manifestação religiosa é realizada a céu aberto. Portanto, é no espaço onde está localizada a praça que “surge” o município, e passa a ser um dos principais pontos históricos de Poço Verde, além de haver manifestações religiosas e culturais.



Cemitério da Santa Cruz
Fonte: Autores



Novenário da Santa Cruz
Fonte: Autores

PRAÇA DA JUVENTUDE: NOVAS OPORTUNIDADES DE LAZER PARA A COMUNIDADE DE POÇO VERDE/SE

Yago Lincoln Rocha Santos
Antônio Alves Neto
Lucas Ribeiro Santos
José Gustavo Rocha S. Santana



A Praça da Juventude, localizada na Avenida Tobias Barreto, município de Poço Verde/SE, foi inaugurada em março de 2015 e seu nome original é Praça José Denner Sousa Santos. Essa foi uma forma de tentar homenagear um adolescente que foi assassinado brutalmente no local antes da praça ser construída. A praça é frequentada por muitas pessoas que fazem exercícios físicos e praticam esportes: caminhada, futsal, futebol de areia, vôlei, entre outros. Esta praça é multifuncional, pois além de servir como um ponto para encontro dos amigos, também contribui para que as pessoas possam manter o peso e a saúde.

Praça da Juventude
Fonte: Autores

Através de entrevistas com frequentadores, identificamos que, com a construção da praça, a cidade ganhou um espaço importante para as práticas esportivas e também para eventos locais. O entorno da praça também demonstrou ter sido dinamizado com a maior presença de usuários na região. Constatamos que, durante o dia, a praça é utilizada principalmente por jovens que jogam futsal e por pessoas que praticam caminhada. Já no turno da noite, ela é utilizada por jovens que praticam esportes, crianças que brincam nos aparelhos de ginástica e também como ponto de encontro de amigos e namorados. É importante ressaltar que, depois da construção da praça, várias escolas da cidade que não possuem espaços para as práticas esportivas começaram a utilizá-la para essa finalidade. Portanto, pesquisar a Praça da Juventude nos possibilitou conhecer um pouco sobre a sua rotina e o que seus frequentadores acham a respeito de sua construção e de seu funcionamento. Assim, alguns frequentadores tinham opiniões diferentes sobre ela, no entanto, é inevitável afirmar que a praça trouxe uma nova oportunidade de lazer para boa parte da população poçoeverdense.



Caminhada no final da tarde

Fonte: Autores



Quadra poliesportiva

Fonte: Autores

CIDADE DE POÇO VERDE/SE



MUNICÍPIO DE POÇO VERDE/SE



DO PARQUE DE VAQUEJADA À FORMAÇÃO DE UM BAIRRO

Robson Felipe F. Matos
Daniela Araújo Nascimento



Primeira praça do bairro Vaquejada
Fonte: Autores

Santa Cruz, bairro antigo do município de Poço Verde - Sergipe, surgiu em 1966, há aproximadamente 50 anos. Alguns anos depois, “Bem Criado” (um dos homens mais ricos da cidade) construiu o primeiro parque de vaquejada do bairro. Após a implantação do parque de vaquejada, o espaço ficou conhecido popularmente como bairro da Vaquejada. Atualmente, a vaquejada ainda é praticada no local, no entanto, com menos frequência. Antônio Ribeiro Sobrinho, mais conhecido como Bem Criado, faleceu no ano de 2015. Ex-prefeito, ex-vereador, vaqueiro, agricultor, pecuarista, “Bem Criado” foi considerado uma das pessoas mais influentes de Poço Verde.

Em 1976, as Irmãs de Santa Maria chegaram ao município de Poço Verde. As mesmas se dedicavam inteiramente a ajudar os necessitados: foram 40 anos dedicados aos poçoeverdenses. Desde os trabalhos pastorais, passando pela catequese, atendimentos médicos e formação intelectual. As irmãs também trabalhavam no Colégio Cenecista Pio XII, que atualmente é o Colégio Estadual Professor João de Oliveira. Elas desenvolveram uma parte de seu trabalho na sua própria escolinha, localizada no bairro Vaquejada, mas que agora se encontra fechada em consequência da saída das Irmãs da cidade. Por esse motivo, as irmãs tiveram grande importância no desenvolvimento do bairro, sendo assim reconhecida pela comunidade. Além do parque de vaquejada, também existe no bairro: escolas, quadra de areia, praça com brinquedos, mercadinho, salão de beleza, inúmeros bares, lanchonete e o ponto do leite, local onde a maioria da população poçoeverdense vende ou compra leite. Em 2008, o prefeito (Toinho de Dorinha) construiu a primeira praça do bairro, proporcionando aos moradores daquele local mais lazer e diversão.



Parque de Vaquejada atualmente

Fonte: Autores



Irmãs de Santa Maria recebendo prêmio da Câmara Municipal de Poço Verde

Fonte: Câmara Municipal de Poço Verde

DESVENDANDO O PASSADO DO POVOADO MALHADINHA DO MUNICÍPIO DE POÇO VERDE/SE

Daniela Araújo Nascimento
Gelson Ferreira Araújo



A Malhadinha surgiu aproximadamente no início da década de 1960. As terras da Malhadinha foram compradas pelo senhor Pedro Rocha Sobrinho. Antigamente, as casas eram feitas de taipa e adobo, mas atualmente estas não existem mais, sendo o povoado composto por casas de tijolo. O nome do povoado surgiu a partir da história de um tanque de água que era utilizado para dar de beber aos animais, pois antigamente era tudo aberto, sem cerca. Malhadinha fica aproximadamente 10 km de distância da sede, estando localizada às margens da rodovia SE-290, conhecida como rodovia Governador Antônio Carlos Valadares que faz ligação entre os municípios de Poço Verde e Tobias Barreto.

Fabricação de redes na tecelagem

Fonte: Autores

A Malhadinha é um pequeno povoado do município de Poço Verde - Sergipe, possui poucas casas e uma estimativa de aproximadamente 60(sessenta) habitantes. A economia é centralizada na agricultura de milho, feijão e na pecuária da criação bovina. Malhadinha dispõe de alguns serviços que outros povoados da região não possuem, proporcionando um fluxo de pessoas de povoados vizinhos para obterem esses benefícios, tais como: a comercialização de produtos agrários e pecuários, sendo um grande destaque também para a tecelagem, pois apresenta uma importante fonte de renda de algumas famílias da região. Atualmente, o povoado abriga o projeto “Tecendo O Sertão Do Artesanato Solidário” que conta com a participação de 72 mulheres e 12 homens da zona rural nas comunidades Amargosa II e Malhadinha. Como prática comunitária, a confecção de cada produto estabelece uma rede de relações entre os grupos de artesãos mobilizados no processo.



Criação de animais

Fonte: Autores



Plantação de milho

Fonte:

FEIRA LIVRE DE POÇO VERDE/SE: AS CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA DE LOCAL E AS VOZES DOS FEIRANTES E FREQUENTADORES

Layza Maria Oliveira Freire
Andrielle dos Santos de Jesus



A feira livre de Poço Verde é um centro de comercialização. Segundo as opiniões dos feirantes, a feira, antes de chegar ao local atual, já esteve em outros dois locais. Com a última mudança, alguns feirantes foram privilegiados com melhores espaços, ou seja, melhor localização, gerando insatisfação por parte de outros. Alguns feirantes trabalham com produtos manuais e outros são revendedores, mas, para diversas pessoas, a feira torna-se um ponto de encontro de familiares e amigos.

Parte externa da feira
Fonte: Autoras

A feira atual está localizada no Centro de Comercialização da Agricultura Familiar José Emídio dos Santos (CECAF), foi inaugurada em meados de 2008 pelo então prefeito Antônio da Fonseca. O CECAF foi dividido em setores: carnes, frutas, legumes e cereais, além de um espaço com restaurantes e bares. Além disso, o CECAF não é apenas comércio, ele também é utilizado para eventos festivos da cidade. De acordo com a prefeitura, o CECAF conta com uma boa estrutura beneficiando mais de 500 feirantes e cerca de 40 mil pessoas. Durante a realização das entrevistas, constatamos que a maioria dos frequentadores acham que o local atual é melhor, pois é mais organizado e limpo. Porém, outros frequentadores relataram que gostariam que a feira voltasse ao lugar antigo por ser mais agitado e terminar mais tarde, além de ter mais opções de compra. Portanto, chegamos à conclusão de que a feira está incluída no cotidiano de cada cidadão poçoeverdense e que cada um contém informações e opiniões diferentes.



Parte interna da feira
Fonte: Autoras



Restaurantes e bares
Fonte: Autoras



Encontro dos pesquisadores do Projeto da Rádio no IFBA em Valença/Ba (2015)

Fonte: Jovens pesquisadores do projeto



Encontro dos pesquisadores do Projeto da Rádio no IFBA em Valença/Ba (2015)

Fonte: Jovens pesquisadores do projeto



Pôr do sol e banho de mar em Itapuã, Salvador/Ba
Fonte: Jovens pesquisadores do projeto



Encontro dos pesquisadores do Projeto da Rádio no Colégio da Polícia Militar da Bahia, Salvador/Ba (2016)

Fonte: Jovens pesquisadores do projeto

PESQUISADORES

DANIELA ARAÚJO NASCIMENTO

Aluna do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: danyellaaraujo2001@gmail.com

GELSON FERREIRA ARAÚJO

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: gelsonfa12@hotmail.com

IGOR REIS DA SILVA

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: igorreis765@gmail.com

WELITOM DE JESUS OLIVEIRA

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: somosppv@gmail.com

ACÁCIO SANTOS DA SILVA

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: acacioqt10@gmail.com

YAGO LINCOLN ROCHA SANTOS

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: yagolin3@gmail.com

ANTÔNIO ALVES NETO

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: antonio_xd-xd@hotmail.com

JOSÉ GUSTAVO ROCHA SANTOS

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: josegustavorochasantos@gmail.com

LUCAS RIBEIRO SANTOS

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: Luucasantos.pv@gmail.com

ANDRIELLE DOS SANTOS DE JESUS

Aluna do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: andriellejesuss@gmail.com

LAYZA MARIA OLIVEIRA FREIRE

Aluna do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: layzamaría05@hotmail.com

LUIZ HENRIQUE SANTANA SOUZA

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: henriquepctec@gmail.com

UERIS SANTOS DE OLIVEIRA

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: ueris180@gmail.com

ITALO TIMOTEO DO NASCIMENTO

Aluno do 9º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: cambraganzavlogs2016@gmail.com

ROBSON FELIPE FONTES MATOS

Aluno do 8º ano da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: semnocao451@gmail.com

COLABORADORES

MURILO AGUIAR DE SOUZA

Professor de Geografia da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: murilojamado@yahoo.com.br

FRANCISCO JORGE DE OLIVEIRA BRITO

Membro do GEOTEC/UNEB. E-mail: ccbrito@terra.com.br

TÂNIA MARIA HETKOWSKI

Coordenadora do GEOTEC/UNEB. E-mail: hetk@uol.com.br

KÁTIA SOANE ARAÚJO

Coordenadora do projeto A rádio da escola na escola da rádio. E-mail: katiasoane@gmail.com

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA

Membro do GEOTEC/UNEB. E-mail: geo.pmoreira@gmail.com

KATHIÚSCIA SANTOS RIBEIRO

Professora de Português da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: kathiusciafire@hotmail.com

AUREMI RABELO LEAL

Professor de História da Escola Estadual Epifânio Dória, Poço Verde – Sergipe. E-mail: auremirabelo@bol.com.br

